





Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A CIDADE
DE MATTO-GROSSO

(Antiga Villa-Bella)

O rio Guaporé e a sua mais illustre victima

ESTUDO HISTORICO

PELO

VISCONDE DE TAUNAY



RIO DE JANEIRO
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL
93, Rua dos Invalidos, 93
1891

A CIDADE DE MATTO-GROSSO

(antiga Villa-Bella)

O rio Guaporé e a sua mais illustre victima



ESTUDO HISTORICO

PELO

Visconde de Taunay



RIO DE JANEIRO

Typ. Universal de Laeminert & C.

66 Rua do Ouvidor 66

1891

A

Sua Magestade Imperial

.

Senhor

D. PEDRO II

A'

VOSSA Magestade,

um dos mais nobres vultos da humanidade

E

o mais glorioso dos Brasileiros

COMO

*homenagem de immensa admiração
e pungentissima saudade*

respeitosamente offerece e envia este livro

o Autor.

Rio de Janeiro 20 de Janeiro de 1891.

A CIDADE DE MATTO-GROSSO

(antiga Villa-Bella)

o rio Guaporé e a sua mais illustre victima

ESTUDO HISTORICO

PELO

Visconde de Taunay

I

O genial Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal e conde de Oeiras, na grandiosidade dos pensamentos com que buscava dar ao pequeno Portugal amplitude de extenso e respeitavel reino, fazendo por meio da ordem e da energia na administração surgir glorias passadas e perdidas, olhou com particular desvelo para o Brazil e nelle vio congregados todos os factores precisos á bem da realisação dos seus mais vastos e patrioticos intuitos.

Cogitou no futuro immediatamente possivel daquelle esplendido imperio-colonia, cujas dimensões de gigante contrastavão com as acanhadas proporções da metropole, á maneira de um filho que nascêra grande de mais; e no correr das acabrunhadoras preoccupações a que o levava a lucta encarniçada de todos os dias contra velhos mas possantes e arraigados elementos de resistencia,

cuidou de assentar as bases de nova e poderosa monarchia na parte do continente sul-americano, em que fluctuavão as quinas portuguezas, para infundir-lhes immenso e inopinado prestigio.

Já era então capital do Vice-reinado a cidade do Rio de Janeiro, (1), que acabára por desthronar de modo definitivo a Bahia de S. Salvador de Todos os Santos, ponto entretanto muito melhor escolhido afim de se vigiar a extensa costa brazileira, tendo as magnificencias da natureza fluminense concorrido para conferir a primazia áquelle centro de população entre todos os outros creados na orla maritima.

A habitos tomados, porém, e a convenções não se prendia o altivo engenho do marquez de Pombal, acostumado a quebrar obstaculos e a derrubar opposições, por mais valentes que fossem.

Voltára, por isso, as vistas imperiosas para Belem, quasi á embocadura do soberbo Amazonas, achando-a, sem duvida, capaz de plenamente satisfazer as ambições do estadista mais exigente e arrojado em seus designios e planos.

Filhas do influxo de uma idéa dominante, as construcções que sem mais demora forão alli empreendidas, parecem provar, que não era ella intenção vaga e sujeita a hesitações mas, ao revez, depois de sollicitamente afagada, germinára inteira. no cerebro do omnipotente assessor de D. José I, carecendo só de tempo para se tornar brilhante realidade e dar vida acabada a projecto muito mais difficil, largo e maravilhoso, do que o celebrado commettimento de Pedro Grande da Russia, ao transferir a séde do seu dilatado imperio de Moscow para as margens do Neva.

Tinha por força a colossal iniciativa de se ramificar, e uma das grandes Capitánias do Brazil, que mais de perto experimentarão o influxo do que se estava, não mais delineando, porém sim levando por diante no Grão-Pará com

(1) O primeiro Vice-Rey e capitão general de mar e terra do Estado do Brazil foi o conde D. Antonio Alvares da Cunha, por patente de 27 de Junho de 1763. Chegou ao Rio de Janeiro a 15 de Outubro e no dia seguinte tomou posse do governo.

desacostumado afan, foi a de Matto-Grosso, cujo systema hydrographico septentrional se liga com o da região amazonica e o completa e cuja immensa linha de contacto com as possessões hespanholas continuos motivos dava de inquietação, pendencias, ameaças e até conflictos armados, muito apezar dos desertos e distancias que difficultavam a acção de qualquer das duas potencias rivaes naquellas invias paragens.

A edificação da monumental fortaleza de Macapá em 1764 teve, senão por complemento, pelo menos por contrabalanço a erecção do sobranceiro forte do Principe da Beira, á margem direita do caudaloso Guaporé em 1776, e a impressão de pasmo e admiração do viajante, ao defrontar de repente com essas solemnes e alterosas molles, inseridas em meio da solidão e a desafiarem a incuria dos homens e a destruição dos annos, é ainda hoje, e por muito tempo será, homenagem ao marquez de Pombal, o grande ministro, o Richelieu portuguez.

Ao passo que se tratava de incutir mais força moral mesmo, do que aperceber de defesa effectiva a extensissima divisa, recebia a cidade de Villa-Bella, depois Matto-Grosso, fundada expressamente para capital de toda aquella afastada e larga zona, incremento material expresso em obras, cujas ruinas causão intensa melancolia aos raros que a visitão hoje e, scientes das cousas do passado, ainda encontrão, naquelles outr'ora florescentes páramos, vestigios eloquentes de extinctas grandezas, que jamais nunca voltarão.

E, á medida que os tempos vão se desdobrando, perdem esses mesmos vestigios a sua eloquencia e qualquer significação até, chegando afinal dia—talvez bem proximo— em que fiquem de todo mudos e fechados á meditação daquelles que, levados por doloroso estimulo, tentem no estudo e na contemplação de destroços e escombros reconstituir épocas idas e fazer reviver largos e promissores trechos de historia, que findarão em desastres, abandonos e irremediaveis tristezas.

Tudo quanto, aliás, se prende a antigos centros de vida e de actividade, em que as agitações publicas e intimas— e que mundo só nisso!— em que os interesses

moraes e materiaes, as luctas de todos os dias, tão entrelaçadas no seu apparente antagonismo, para sempre, para todo o sempre se transmudarão no silencio e no coma de lenta agonia ; tudo quanto nos falla de velhas e desmornadas cidades, de povoações condemnadas, principalmente nesta parte do globo denominada Novo-Mundo, em que nada parece deixar de respirar louçania, de ser risonho e feliz, de nos fallar de esperanças e de porvir, tudo isso tem para os espiritos retrahidos, ou por indole ou por disposição de momento e effeito de dôr aguda e insistente, uma influencia por tal fórma penetrante e tão suave na sua agrura, que achei especial eucanto e indizível emoção em coordenar umas notas relativas á Villa-Bella, enviadas, a 16 de janeiro de 1876, pelo meu amigo tenente-coronel João de Oliveira Mello e mettidas no meio de papeis que ha pouco revolvi e puz em ordem, classificando uns, apartando outros para ulterior revisão e destruindo muitos.

Quatorze annos já lá se fôrão Que modificações poderão ter-se dado? Facil é a resposta.

Casas que desabárão; matto que ainda mais alteou nas ruas; inundações do Guaporé que levárão os restos do cães de outr'ora e cavárão fundo nas barrancas; esbozados e largos pannos de murallia que tombárão; gente que diminuiu (e já era tão pouca!) nns mortos, outros que emigrárão, tângidos pelo desespero e pela falta de recursos; arvores que crescêrão invasoras e á solta, gigantes da floresta em plena povoação, dominando no sen magestoso vigor e na sempre renascente alegria os destroços da obra dos homens, exuberantes e altivos, sobfetudo gamelleiras, terríveis estas no rapido engrossar, a se agarrarem ás pedras, a insinuarem por toda a parte raizes, a principio humildes, tenues, delicadas, depois possantes, violentas, derrubando as mais fortes paredes e desaggregando as construcções mais rijas, das quaes retêm, como que por escarneo, no liame de intrincada trama, enormes fragmentos, rochas inteiras suspensas n'uma réde de finas e pennugentas malhas...

II

Razões de ordem mui particular pessoalmente me prendião, e ainda hoje me prendem, a essa desolada parte de Matto-Grosso e ao moribundo povoado de Villa-Bella, antes, muito antes, até de fazer parte da celebre e infeliz expedição que foi ter áquellá provincia e na sua faixa meridional, bem distante, portanto, da larga zona do norte, se moveo e tanto soffrimento curtio, como martyr de mal pensados calculos de guerra.

Datão estas razões da minha infancia, quando meu pai, Felix Emilio Taunay, barão de Taunay, constantemente me fallava desses tristes lugares, téstemunhas de um desastre, cuja recordação não mais se lhe apagára do espirito e nem se quer conseguira do tempo a esperada attenuação.

« *Felizes os que morrem moços, diz Pindaro, porque sempre serão lembrados.* »

Na verdade, cincoenta annos, cheios das maiores peripécias, já são passados, e, entretanto, meu pai contava ainda, com lagrimas nos olhos e tremôr na voz, o sinistro que, a 5 de janeiro de 1828, occorrêra nas aguas revoltas do rio Guaporé, á vista de Villa-Bella, arrebatando á existencia seu irmão mais moço Amado Adriano Taunay, em pleno desabrochar do mais precoce e admiravel talento, de que soubêra dar as provas mais brilhantes e promettedoras.

E, incidentemente, levado pela mysteriosa seducção dos lugares muito e muito apartados, no centro de terras longiquas e nas brumas de distancias immensas, me fallava elle nessa Villa-Bella, no palacio em ruinas dos antigos e omnipotentes capitães-generaes, nos frescos que o adornavão, nos paineis que encerrava, reproduzindo trechos inteiros de cartas do audacioso e tão chorado viajante.

No tomo XXXVIII da *Revista do Instituto Historico* narrei já, de que modo fôra Adriano Taunay ter a Matto-Grosso e como, na exploração que fazia com o botanico

Riedel, cujo nome imperecivelmente se liga ao grande monumento da *Flora Brasileira*, encontrára, por jactancia contra elementos em furia, sinistra morte nas turvas ondas do Guaporé, por um dia de violento temporal.

Julgo, porém, de interesse reproduzir, abreviando e trazendo novas informações, alguns apontamentos daquella vida, que deu motivo a tanto pranto e tão alongadas saudades, tornando-se só por isto credora da sympathia daquelles que conhecem a irresistivel e aplacadora acção dos annos accumulados. Sim, quem mereceu ser chorado tão diuturnamente, tinha por certo em si algo superior ao commum dos mortaes, como que elementos de segura immortalidade, que não puderão chegar á devida e radiosa expansão.

Nasceu Amado Adriano Taunay em Montmorency ou em Paris—não tenho bem certeza—no anno de 1803. Por pouco poderia ter dito com o grande poeta :

*« Ce siècle avait deux ans : Rome remplaçait Sparte,
Déjà Napoléon perçait sous Bonaparte... »*

Depois dos desastres de Napoleão em 1814 e 1815, meu avô e seu pai, barão de Taunay, Nicoláo Antonio, membro do Instituto de França, possuido de invencivel melancolia pela sorte da querida patria e não querendo assistir a um desmembramento que suppunha infallivel, aceitou, conjunctamente com outros artistas de nomeada, os offerecimentos do marquez de Marialva, em nome do rei D. João VI, para vir fundar uma academia de Bellas Artes no Rio de Janeiro.

Embarcou, com toda a familia no brigue *Calphe* e a 26 de fevereiro de 1816 (1) aportou á capital do Brazil, tendo, na liquidação precipitada dos seus haveres em França perdido grandes sommas de dinheiro e aberto mão de propriedades, que logo depois constituirão elevado cabedal, já pela importancia historica, já pelo valor

(1) Esta data é das *Ephemerides brasileira*: do Dr. Teixeira de Mello. Dussieux, no seu livro *Artistas francezes no estrangeiro*, dá 12 de março de 1816; José Silvestre Ribeiro, 6 de abril.

intrinseco. Ao regressar á patria em 1824, de tudo isso teve dolorosa prova, sendo obrigado, para satisfazer impulsos do coração, a alugar por preço exagerado a casa de João Jacques Rousseau, em Montmorency, que lhe pertencêra e, nas vespéras da sua partida, vendêra por uma ninharia.

Não podia ser mais illustre a colonia artistica, que acudira ao chamado do conde da Barca. Tinha por decano e principal vulto Nicoláo Antonio Taunay, pintor de batalhas, cujos quadros ha muito figuravão, como ainda figurão, nas galerias de Versailles e do Louvre, autor de centenas e centenas de admiradas télas, discipulo de Brenet e de Casanova, o Nicoláo Poussin da miniatura, como o chama Charles Le Blanc, na sua *Historia Geral da Pintura* (1); Joaquim Le Breton, secretario perpetuo do Instituto de França, secção das Bellas Artes, primeiro director da Academia do Rio de Janeiro, fallecido em 1819; Augusto Maria Taunay, meu tio-avô, discipulo de Moitte, grande premio de Roma em escultura no anno de 1792, autor das figuras monumentaes que ornão o arco do Carrousel em Paris e dos baixos relevos e da espiral da columna Vendôme, além de muitos bustos, citados com applauso, dos quaes ainda resta um no Brazil, o de Camões (2); João Baptista Debret, pintor de historia, discipulo de David e que expuzêra no salão de 1808 um quadro notado — *Honneur au courage malheureux*; Henrique Victorio Grandjean de Montigny, discipulo de Percier, architecto de grande nomeada pelos trabalhos feitos em Cassel por ordem do rei de Westphalia; Carlos Simão Pradier, discipulo de Desnoyer, gravador e irmão do celebre esculptor; Neucomm, musico da maior esphera e

(1) Possuo, dada por meu pae, uma miniatura, que representa o famigerado e orgulhoso pintor bolonhez Francesco Francia, desmaiando a peso do desanimo e do despeito ante o quadro de Rafael *Santa Cecilia*. É legitima obra prima nas menores particularidades, distinguindo-se perfeitamente o movimento das paixões que dominão uns personagensinhos de 40 centimetros de altura.

(2) Pertence hoje, por donativo de S. M. o Sr. D. Pedro 2.º, ao Instituto Historico e infelizmente está muito maltratado, senão de todo perdido. Não sei quem teve a desastrada idéa de pintal-o de preto, a fiuza de imitar bronze! Ultimamente até fizeram-no cahir da peanha e ficou com a cabeça separada do tronco! Uma lastima!..

discipulo favorito do immortal Haydn; Francisco Bonrepos, discipulo e auxiliar de Augusto Taunay; Francisco Ovide, machinista; João Baptista Level, director de trabalhos de ferraria, Nicoláo Magliori Enout, chefe de obras de serralheiro; Pilite e Fabre curtidores de pelles; Luiz José Roy e seu filho Hippolyto, carpinteiros habeis e outros. Os mais illustres desses artistas vinhão ganhando a annuidade de 800\$000 e Lebreton a de 1.600\$000, determinada por decreto régio de 12 de agosto de 1816, que fundou a Academia das Bellas Artes. (1)

Em outra parte e mais tarde, contarei as peripecias dessa pleiade de artistas, referindo-me mais particularmente aos membros da minha familia, a qual, logo depois de chegada, comprou, por instigação um tanto imperiosa de meu tio Carlos, o sitio da Cascatinha na Tijuca e lá se foi estabelecer, a principio em um rancho de palha e depois na casinha que ainda existe, formando-se alli uma colonia franceza da mais alta gerarchia — acima da quêda do rio Maracanã, a baroneza Rouan; logo em baixo a gente Taunay, pai, mãe e cinco filhos; adiante, á sahida da garganta, o principe de Monbéliard e conde de Scey, o conde de Gestas, Mme. de Roquefeuil e outros, que começárão com algum exito a plantar café, a colhel-o, e a mandal-o ao mercado, muito embora as continuas chuvas, que a todos os emigrados como que propositalmente amofinavão.

« Et dire, exclamava de continuo meu avô, que c'est le pays du soleil! »

Naquella apertada habitação da Cascatinha da Tijuca

1 Vide José Silvestre Ribeiro. Volume 1º. pag 237 *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal*. Pelo theor do decreto e pela organização da colonia de artistas e operarios se vê, que a intenção de D. João VI era implantar no Brazil o gosto das bellas artes e fomentar o desenvolvimento das industrias. Este rei, cujas aptidões especiaes não forão ajudadas pela educação e cujas qualidades magestaficas e de estadista ficárão obumbradas até por simples anecdotas de duvidosa autenticidade, tinha elevadissima intuição artistica e muzical. E' sabido quanto apreciava o grande compositor sacro José Mauricio Nunes Garcia. Ao entrar na esplendida sala, hoje da Alfandega, construida por Grandjean de Montigny, sentio-se tão impressionado, que tirou de si o habito de Christo e o prendeo á casaca do illustre architecto, espontanea recompensa que tem alta significação.

morreu, em 1824, tão repentina quão suavemente meu tio-avô Augusto Taunay (1), e o irmão por tal modo se sentio abalado, que deixou todos os seus interesses já radicados no Brazil e fez-se de volta á patria, levando a mulher e os filhos Carlos e Hippolyto, sem pedir renovação da licença, que o Instituto de França ainda lhe podia dar.

Na Tijuca ficarão Felix Emilio, Theodoro e Adriano.

E embora mais moço de todos, firmára este legítima influencia na familia, já pela vocação e genio na pintura e assumptos bellestríticos, já pela índole intrepida, que o levára a acompanhar com menos de dezeseis annos, em 1818 e na qualidade de desenhista, a expedição, que, sob as ordens do sabio marinheiro Freycinet, devia na fragata *Urania* fazer uma viagem de circumnavegação ao mundo.

Com enthusiasmo irresistivel e que desfez todas as objecções e terrores dos seus, apavorados ante semelhante e tão precoce resolução, abraçou o ardido mancebo aquella occasião unica de ir contemplar a natureza de todo o globo e penetrar-se das suas bellezas e partio a affrontar os perigos e privações, que, de certo, não lhe faltarão.

Tudo experimentou, desde as delicias da vida facil nas ilhas da Oceania, tão pitorescas e rodeadas das lendas mais poeticas — aprendendo a nadar como um peixe com os aborigenes das Carolinas e das Marquezas, donde lhe proveio n'agua enorme segurança, causa final da sua morte—tudo vio e analysou, até os horrores de um naufragio, quando a *Urania*, a 14 de fevereiro de 1820, se despedaçou em um baixio proximo das ilhas Malvinas ou Falkland.

A tripolação, invernando nesses páramos nús e inhospitos, em que o frio tornava ainda mais dolorosa a falta quasi absoluta de alimentos, alli passou quatro mezes de immenso supplicio, á espera dos soccorros pedidos ao primeiro porto a que pudesse tocar a lancha, que havia sido despachada ao Deus dará.

Escasso, como é, o pescado naquelles tempestuosos

(1) Depois de lêr por um pouco, encostou a cabeça sobre os braços e pareceo adormecer. Quando o chamáram para almoçar, estava morto !

mares, sustentavão-se os naufragos de gaivotas e outras aves marinhas, phocas e quanto lhes cahia ao alcance da mão. Nem pequena tortura era verem ao longe numerosos magotes de cavallos bravios, tão ariscos, porém, e rapidos em seus movimentos, que só um unico pôde ser morto á bala por um cabo de infantaria, depois de um dia inteiro de alcateia atraz de uma rocha.

Quantas vezes eu tambem, eu e o meu bom amigo Lago, na nossa viagem de exploração da base da serra de Maracajú em 1866, não experimentámos essa ironica e cruel decepção, acompanhando com olhos compridos de fome manadas inteiras de gordo e appetitoso gado, que de continuo escapava dos nossos tiros !

Nos sertões do Tieté, annos depois daquelle naufragio e em circumstancias de quasi identica escassez, comparava Adriano Taunay a carne do cavallo montez com a da anta e as achava de sabor muito approximado.

Chegára, entretanto, a lancha a Montevidéo, alugára uma galera americana que recebeu o appellido de *La Physicienne*, e a expedição Freycinet pôde estar de volta ao Rio de Janeiro em Junho de 1820.

Durante a viagem de circumnavegação e desconso-ladora parada, trabalhára o nosso heróe com ardor juvenil e enthusiasmo proprio do seu character ; mas, como não raro succede, *tulit alter honores*. Na collecção artistica do Sr. de Freycinet, outro nome que não o d'elle (1) assigna uma multidão de lindissimos e admirados desenhos, evidentemente da sua lavra, ao passo que raros figurão como sahidos daquelle adextrada e ductil mão.

Soube disso ; em tempo conheceu donde a usurpação partia, mas desprezou qualquer reclamação. Riquíssimo de idéas, de posse já de uma experiencia que qualquer

(1) Entretanto o parecer da Academia Franceza sobre o valor da obra de Freycinet e se devia ser impressa, parecer assignado por Humboldt, Cuvier, Desfontaines, Gay-Lussac, Biot, de Rossel, Thénard, sendo relator Arago, isto é, os mais altos representantantes da intelligencia humana, indica, ao elogiar as collecções de desenho, com particularidade o nome de Adriano Taunay nos seguintes termos : «... Surtout Mr. Taunay, fils du peintre célèbre, que l'Institut a l'avantage de compter parmi ses membres....»

homem invejaria na idade madura além da pratica da vida, sentindo em si borbulhar a seiva da inspiração, conscio da sua força que lhe fizera vencer tantos perigos e do seu talento, pouco se lhe dava com desapropriações que redundavam em homenagem a incontestaveis meritos.

Durante cinco annos conservou-se soçegado e feliz, encerrado na casa da Cascatinha e entregue á mais doce e grata convivencia fraternal, empregando o tempo, com seus irmãos Theodoro e Felix Emilio, no estudo dos classicos, em leituras communs de Walter Scott e Fenimore Cooper, no aprofundar das linguas, aperfeiçoando-se em portuguez, dedicando-se á musica e á guitarra em que se tornou insigne, cultivando a voz que tinha bellissima e cobrindo de grandes frescos, inspirados na mais elevada intuição artistica, a sala de visitas do seo placido retiro.

Renovando os maravilhosos caprichos de Raphael nas *loggie* do Vaticano e fazendo da linha curva motivo dos mais estupendos e elegantes arabescos e combinações, pintou o triumpho de Baccho, enchendo de alto a baixo paredes e recantos com o entrelaçamento de todos os attributos daquelle deus, de envolta com dançados de mulheres, que parecem obra do mais correcto pincel da antiguidade. São as minucias adoraveis de gosto e variedade, n'uma symetria admiravel de fórmulas no conjuncto, mas diversificando todas nas menores particularidades. Muitas e muitas vezes se repetem as graciosas volutas da lyra grega, que parecem á primeira vista todas iguaes, ao passo que mais attento exame mostra quanto se differença umas das outras. Ah! de certo, era um grande artista quem, por simples distracção e para occupar o espirito, compoz e realisou tudo aquillo, cuja simples execução material representa colossal commettimento!

Foi, porém, o acaso sempre fertil em aventuras, compellir Adriano Tannay, na sua thebaida artistica, a arrosar novos perigos, de que era tão avida a sua indole; e será a narração desse trecho derradeiro daquelle vida razão de mais um capitulo, embora tenhamos pressa de resumir e voltar ao assumpto principal deste opusculo.

III

Em começos do anno de 1825, o consul geral da Russia no Brazil, barão Jorge Henrique de Langsdorff (1), recebeu ordem do Imperador Alexandre I de organizar uma commissão scientifica que fosse, a expensas do seu bolso particular, visitar o interior do Brazil, dirigindo-se a Matto Grosso e regressando pelo Amazonas ao Pará.

Em outro lugar (2) já dissemos os titulos que recomendavão especialmente aquelle sabio para empreza de tal ordem. Embora, segundo parece, começasse a soffrer das faculdades mentaes por abusos pouco proprios da sua posição e idade, teve o talento de congregar em torno de si pessoal da mais elevada competencia, convidando Luiz Riedel para a parte botanica, Rubzoff para a astronomica, Christiano Hasse para a zoologica e Mauricio Rugendas, pintor de merito, para a reproducção na tēla e no papel de tudo quanto pudesse interessar as artes e sciencias naquella dilatada exploração.

Desconheço o motivo que levou Rugendas a desligar-se, á ultima hora, da commissão; antes porém apontou como substituto mais que digno Adriano Taunay, que, apesar da quasi impossibilidade de communicações naquelle tempo, se vio logo procurado na propria Tijuca pelo barão de Langsdorff, afim de conseguir a sua acquiescencia.

Vencendo fatidica reluctancia, era de novo meu tio atirado a grandes azares!

No dia 3 de setembro de 1825, partio aquelle grupo de illustres viajantes da cidade do Rio de Janeiro, com destino ao porto de Santos (3), n'uma sumaca chamada *Aurora*, levando mais um companheiro Hercules Florence, encarregado, a principio, da modesta incumbencia de

(1) Houve, no Rio de Janeiro, outro barão Langsdorff, mas este ministro de França. Nesse caracter foi que fez o pedido official da mão da princeza D. Francisca para o principe de Joinville, filho do rei Luiz Felipe, a 19 de Abril de 1843.

(2) Tomo XXXVIII do *Instituto Historico*, pag. 340.

(3) Vide tomo XXXVIII do *Instituto Historico*, pag. 355

cuidar das cargas e bagagem, mas depois, já pelas aptidões, já pelo genio brando e affavel, transferido á categoria de segundo desenhista. Fundou este distincto cidadão numerosa e respeitavel familia em Campinas e falleceu ha poucos annos, em 1884 ou 85, ultimo sobrevivente daquella malaventurada tentativa scientifica.

Não foi senão quasi um anno depois da sahida do Rio de Janeiro, a 22 de junho de 1826, que a commissão poude deixar a cidade de Porto-Feliz, em S. Paulo, pois Langsdorff voltára á capital do Imperio e lá ficára muitos mezes, nunca se soube bem porque.

E, no momento da partida para os sertões, ahi se metteu um incidente amoroso, que desfalcou novamente a expedição de mais um membro valioso e teve afinal o mais sinistro desfecho. Violentamente se apaixonára o zoologo Hasse da filha unica do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, (1) morador naquella cidade de Porto-Feliz e já então politico influente na provincia de S. Paulo, e alli se deixou ficar afim de pleitear a sua acceitação. Bem recebido pela familia, que se mostrou favoravel ao enlace, encontrou tenaz resistencia por parte da moça, que a todos os argumentos de convicção invariavelmente respondia : « Só me caso com o Sr. Florencio. » Mezes depois, o pobre Hasse, completamente desanimado, se suicidou, dando em si trinta e tantas facadas, e, em 1829, o Sr. Florencio (Hercules Florence) voltou a Porto-Feliz para desposar aquella que se lhe mostrára tão fiel e foi, com effeito, durante largos decennios a mais dedicada esposa.

Outro episodio—e esse de feição e escandalosa—assignalou a sahida da commissão.

Nelle figurou como principal personagem nada menos que o chefe Langsdorff, o qual, acompanhado até ao porto pela melhor gente da localidade e esperado á margem do

(1) Esse notavel brasileiro nasceu em S. Paulo a 21 de Dezembro de 1791 e descendia, por parte de pae, de um avoengo do celebre João Baptista Say, o qual viera da Europa como conde de Sarzedas, e do lado materno de Amador Bueno da Ribeira. Casou com D. Candida Maria de Barros e teve uma filha unica. Figurou muito na politica e no parlamento e falleceu a 4 de Julho de 1846. As suas palavras derradeiras forão conservadas: « *Eis o ultimo momento da miseria humana!* »

Tieté pelo vigário, que abençoou, todo paramentado, a expedição embarcada em 32 batelões e canôas, teimou em levar consigo ostensivamente uma moça allemã, de costumes mais que levianos, fazendo-a embarcar antes de todos n'um escaler em que fluctuava á pôpa a bandeira imperial da Russia.

Geral foi a reprovação, e Adriano Taunay, com os seus impetos altivos e arrebatados, tornou-se vehemente interprete do desgosto e das reclamações dos seus companheiros, manifestando, desde ali, a intenção de fazer rancho á parte e de seguir sósinho e sobre si, o que afinal realisou no rio Paraguay, atravessando, com o fiel Riedel e correndo mil perigos, as tribus dos guaycurús e enimas em guerra então com os brazileiros. Chegou adiante de todos em Cuyabá e, depois de novas desavenças com o chefe, destacou-se para o norte da provincia até a cidade de Matto Grosso, onde encontrou a morte.

Curiosissimo é acharmos na primeira viagem de Augusto de Saint Hilaire (1) as manifestações symptomaticas do desarranjo mental do barão de Langsdorff, muito embóra o consciencioso e ingenuo escriptor francez nem de leve, ao descrever a sua indole e os incidentes em que de continuo se envolvia, de leve suspeitasse qualquer inicio de perturbação. Partindo juntos do Rio de Janeiro a 7 de dezembro de 1816, delle dá o seguinte e caracteristico retrato : « Na companhia do Sr. Langsdorff, o homem mais activo e infatigavel que jámais encontrei na minha vida, aprendi a viajar etc. Era sempre a partida o momento critico. O meu companheiro ia, vinha, agitava-se, chamava a este, ralhava com aquelle, comia, escrevia o seu jornal, classificava as suas borboletas e corria de um lado para outro sem parar um só instante. Punha em movimento toda a sua pessoa, levando para a frente a cabeça e os braços, como que a accusarem de lentidão o resto do corpo ; em borbotões sahião-lhe as palavras dos labios, offegante e de respiração oppressa á maneira de quem terminára extensa carreira. Da minha parte, eu

(1) Viagem nas provincias do Rio de Janeiro e Minas-Geraes—Paris—Grimbert e Donez, livreiros—Rua de Savoie n. 11—1830.

me apressava quanto podia, todo medroso de fazel-o esperar; tambem ao sahir do pouso, já me sentia mais cansado do que no fim de toda a jornada. »

Isto em 1816; infra-se o que não seria em 1827, onze annos depois! De Cuyabá em diante, o estado mental do barão Langsdorff gradualmente se foi aggravando, o que deu lugar a muitos episodios penosos, um delles de irresistivel comico, quando a expedição atravessava a zona dos indios *Apiacás*, no rio Arinos. Tendo apparecido, numa extensa praia, grande numero desses silvicolas e no meio delles um com certos distinctivos vistosos de *capitão*, julgou o bom do consul russo, que devia tambem envergar o seu grande uniforme e lá foi para terra mettido em farda de gala, espadim ao lado, chapéo armado á cabeça e condecorações ao peito. Imagine-se a figura no meio daquelles indigenas nus em pello, que mostravão fundo pasmo e bestial alegria ao contemplarem tamanha ostentação e esbugalhavão os olhos ante tantos bordados a ouro e brilhantes teteias. Afinal, uma india perguntou por gestos se aquillo era vestimenta ou a propria pelle de tão alto personagem e, melhor informada, pediu para que elle lh'a cedesse por um pouco. Langsdorff, que não resistia aos caprichos do bello sexo, civilizado ou não, immediatamente despiu a farda(1) e a passou á rapariga que de golpe nella se enfiou, passando muito ufana com o seu singular adorno, emquanto o consul ficava em mangas de camisa, mas com calças de galão, espadim e chapéo armado. Nem parou ahí a aventura. De repente, a india disparou para o matto seguida de todos os mais, e o expoliado pôz-se a correr como um desesperado atraz da sua veste de gala, na maior e mais grotesca furia. E a comissão perdeu dous dias á espera de uma restituição que naturalmente não se deu.

De então por diante quasi totalmente se apagou a intelligencia do infeliz. Tendo perdido a consciencia de si,

(1) Leia-se na citada obra de Saint Hilaire á pag. 86, tomo I o caso que refere de Langsdorff. No registro do Parahybuna, despto elle o francez, para mostrar a uns alfaiates como era bem feito. Entretanto « *c'était* diz o viajante, *la redingote la plus mal faite peut-être que j'ai vue de ma vie.* »

praticava actos desatinados que confrangiam dolorosamente o coração dos seus subordinados. Chegando a commissão a Santarem em principios de 1829, foi Langsdorff transportado para a Europa onde viveu, ou melhor vegetou, no seu canto natal Laisk, na Suabia, até 1852, vindo a fallecer com 78 annos, pois nascêra em 1776. Até aos ultimos dias de vida, o Imperador Nicoláo 1 lhe pagou generosamente a pensão de 10,000 rublos, apesar do máo exito da sua expedição.

De Cuyabá forão, entretanto, remettidos para o Rio de Janeiro, por intermedio do negociante Angelini e d'ahi pelo vice-consul da Russia Kielchen extensos relatorios, herbarios e mais de 150 grandes desenhos além de muitos pequenos (1), que devem estar em S. Petersburgo.

E agora consintão os leitores que eu avoque a mim, por obrigatoria e reverente herança, a dôr dos meus e continue a fallar do mallogrado mancebo, com a certeza de que encontrarão interesse no que vão lêr e que aliás nos reporta á longiqua localidade, motivo desta despretenciosa memoria e termo daquella existencia tão agitada e promissora.

Antes das formosas poesias, que a elle se referem, transcreverei em original as cartas, de que já dei noticia (2), mas que presentemente completo. A ultima de Adriano tem a data de 20 de dezembro de 1827 e é endereçada collectivamente a seus irmãos Felix e Theodoro, pois já seu pai naquella época, como ficou dito, se havia retirado para a França com a mulher e os filhos mais velhos, Carlos e Hippolyto.

« Chers amis, dizia elle ; c'est d'une des salles du palais désert des anciens capitaines généraux de Matto Grosso, que je vous écris, de ces salles immenses qui ont été témoins des fêtes d'une cour si assidue auprès des dépositaires de l'autorité royale, et qui maintenant

(1) Por vezes procurei saber que destino tiverão em S. Petersburgo esses trabalhos. Uma occasião, pedi officialmente ao Sr. Marquez de Paranaguá, então ministro de estrangeiros, officiasse ao nosso ministro a esse respeito : depois escrevi aos Srs. A. Ionine e P. Bogdanoff, ministros da Russia aqui. Nada conseguí até agora.

(2) *Revista Trimensal*, tomo XXXVIII pags. 350 e seguintes.

silencienses ne répètent que le sourd murmure de l'insecte qui en ronge les bois, que le bruit des pas du curieux qui parcourt leur enceinte. Tout est resté dans le même état, depuis que le siège (1) du gouvernement a été transporté à Cuyabá; l'ameublement, les peintures, les armoires, les bureaux; tout est resté. Les cours sont remplis d'herbes: on voit partout les marques destructives de l'abandon et le combat des choses existantes contre le temps. Tout reproduit l'image de la mort.

« Je vous ai déjà marqué, que l'expédition Langsdorff s'est séparée en deux parties, jusqu'à sa nouvelle jonction au Para. Nous sommes logés, Riedel et moi, en attendant qu'une maison qui nous est destinée se trouve vide, dans des salles, qui font partie de l'enceinte du palais. Une des portes ouvre sur la cour et c'est par là que je suis entré dans l'intérieur.

« Rien n'était ouvert; il existait une odeur de renfermé, qui jointe à l'obscurité produisait une sensation tout à fait singulière et poétique, celle de l'héritier qui vient prendre possession de la demeure de ses aïeux: Chaque pas émuait un écho, qui le répétait. J'ouvris tout et parcourus toutes les salles.

« Les bureaux sont garnis de leurs armoires et de leurs tables. La grande salle, ornée de peintures représentant des colonnes est encore fraîche et n'est point sans goût. Une des salles est fermée à clef. C'est sans doute celle où sont les portraits des capitaines généraux. Dans la secrétaire sont deux tableaux; l'un représente, je crois, le roi D. João VI et l'autre la reine. Ils ne sont pas mauvais, et la couleur est très bien conservée... Nous parlerons de tout ça, quand je vous reverrai. Que des choses j'ai à vous dire!... Le consul Langsdorff doit être maintenant sur son départ. Cependant il serait possible, qu'il ne put pas descendre cette année. Dans ce cas, nous autres aussi reviendrions au Cuyabá. Je ne sais ce que arriverait alors; si le consul attendrait encore un

(1) *Siège* vai com o accento agudo, conforme de uso tanto tempo na lingua franceza. Só em 1877 foi que a Academia franceza decidiu que, de acordo com a pronuncia, se escrevesse *siège*, *piège* *collège*, *Liège* etc. etc. com accento grave.

an ou si nous descendrions par l'Araguaya au Grand-Para. L'expédition est si embrouillée, qu'on ne peut faire aucunes conjectures sur l'avenir. J'écris à mes parents pour l'an 1828. Vous autres ayez la félicité, que mon cœur vous désire et n'oubliez pas, que je suis malheureux. Mon caractère est mélancolique, bien que je montre au dehors une apparence de gaité.—*Aimé Adrien Taunay.* »

Eis a carta em que o bom do Riedel communicava a fatal nova :

« Matto-Grosso, le 10 janvier 1828. Messieurs, J'ai perdu un ami, qui m'était bien cher et vous, Messieurs, vous avez perdu un frère. Il n'est plus de ce monde. Le 5 janvier, à midi, il a plu à Dieu d'appeler son âme à Lui. La funèsterivière Guaporéa été sa tombe. Il n'a paru que le 7, au matin. Le même jour, il a été inhumé dans l'église de Santo Antonio, près du port, agréablement située au milieu d'une plantation d'orangers. Le corps a été accompagné des magistrats et autres personnes distinguées. Le lendemain, le 8 janvier, on a fait ses funérailles avec la pompe due à sa famille et à sa personne. Adieu, jusqu'au courrier prochain; mes idées seront moins troublées.—*Louis Riedel*».

Entretanto, só tres mezes depois é que ponde cumprir a palavra e do seguinte modo :

« Matto Grosso, 10 mars 1828. — Messieurs, Des maladies et d'autres obstacles m'ont empêché de réaliser plutôt ma promesse. Acceptez donc ce triste récit qui rouvre mes plaies non encore fermées et qui me cause autant de peine à le tracer, que vous en éprouverez à le lire... Nous arrivâmes en parfaite santé le 18 décembre à Matto-Grosso, où nous devions nous embarquer pour le Para. Notre séjour dans cette ville devait être de trois à quatre mois. Voulant en profiter autant que possible, nous résolûmes de faire premièrement le voyage à Casal-Vasco à la frontière de la république de Bolivie, qui est à 14 lieues (1) de Matto-Grosso. Nous partîmes le

1) Ha engano de apreciação. Todos os autores são concordes em dar de 7 a 8 legoas entre Villa Bella e Casalvasco. Só se Riedel calcula a distancia em legoas francezas de 1. 141 metros e não de 6. 600 metros, que corresponde á brazileira de 3. 000 braças.

30 décembre et y arrivâmes le même jour. Nous commençâmes la nouvelle année en visitant Saint Louis et Salinas, qui sont les postes les plus avancés du grand Empire du Brésil. De retour à Casal-Vasco, le 3 et 4 janvier, nous nous occupâmes à prendre les relations les plus intéressantes sur les indiens Chiquitos, qui s'y trouvent en grand nombre, sur leur langue, mœurs, sur les progrès de leur civilisation. Nous quittâmes Casal-Vasco le 5 au matin pour retourner à Matto-Grôso. Votre frère, mon ami, qui ne pouvait s'accoutumer à accompagner notre petite caravane, prit les devants et bientôt je le perdis de vue. Les empreintes de son cheval me montrèrent jusqu' à 3 lieues qu' il était dans le chemin de Matto-Grosso. Alors je les perdis dans une tempête et sous une forte pluie qui à l'instant inonda tous ces vastes *campos*. J'arrive au passage du rio Guaporé, sans y trouver notre cher Adrien. Je le croyais abrité dans quelque maisonnette hors du chemin. Dans un petit canot je passe avec danger la rivière déjà grossie par la pluie et bientôt après j'arrive à Matto-Grosso à 4 heures après midi, où j'apprends le funeste événement. J'en doutais, comme tout homme toujours enclin à douter des coups par trop cruels du sort. Bientôt on m'amène son cheval, triste présage de la vérité ! Je cours au port; j' y trouve plusieurs personnes occupées à le chercher; mais la rivière troublée et violente gardait sa proie et rendit ce jour là tous nos efforts inutiles.

« Votre frère, égaré quelques lieues avant d'arriver à la ville, après avoir passé le rio Alègre une seconde fois, entre dans une plantation de cannes à sucre, où une négresse lui indique un sentier à travers des bois et des marais qui le mène au bord de la rivière du Guaporé, vis à vis de la ville, à 300 pas plus haut que le port. Arrivé là, il ne trouve qu' une blanchisseuse au bord opposé. Il la prie d'avertir le *passador*. Elle y court et revient aussitôt lui dire, que le batelier ne tardera pas à venir. L'orage grondait et la pluie tombait à grosses gouttes. Notre Adrien impatient attache la bride de son cheval et le pousse à l'eau, en le recommandant à la femme. Celle-ci l' avertit du danger, lui montre le *passador* qui déjà venait

pour s'embarquer. Rien ne pouvait le détourner de sa fatale résolution. Il se jette à la nage; parvient jusqu'au milieu de la rivière, perd la force, s'enfonce, reparaît avec un cri horrible, montre encore une main... et notre aimé Taunay est victime de sa trop grande témérité. Il disparaît à l'instant même où le canot arrivait; malheureusement le batelier ne savait pas plonger. On avertit les magistrats qui firent toutes les diligences possibles, mais trop tard. Le lendemain 6 Janvier, plus de 15 personnes furent occupées à le chercher en vain. L'émotion que me causait la mort si inattendue de celui auquel j'étais attaché comme à un frère et que j'avais eu le bonheur de sauver dans plusieurs circonstances, la pluie froide qui la veille m'avait percé, m'avaient rendu malade. Cependant le 8, à la pointe du jour, on m'annonce que le corps a paru. J'y cours, j'arrive... je le vois étendu sur la plage, mutilé par les poissons ! Je me jette sur lui... épargnez-moi ce détail... Le 9, on a célébré les cérémonies religieuses, selon la coutume du pays. Le capitão-mór João Paes, que j'avais prié de pourvoir à tout, s'en est acquitté en homme d'honneur... Souvenez-vous d'un abandonné, qui vous aime, car vous êtes les frères d'un ami que je regretterai toute ma vie. *Louis Riedel.*»

E, com effeito, muitas dezenas de annos depois, meu pai e Riedel no Passeio Publico, naquellas umbrosas aléas do jardim de Luiz de Vasconcellos, de que o illustre botânico allemão era director, juntos pranteavam ainda o passamento daquelle ente, que havia recebido na pia baptismal o profetico e bem significativo nome de Amado.

IV

Violenta, inexcusable, já dissemos, foi a dôr dos irmãos ao receberem no Rio de Janeiro a fatal nova, e grande e filial empenho puzerão em transmittil-a só após as maiores cautelas aos pais em França, trocando-se então uma serie de cartas que achei todas emmassadas e a custo deixo de transcrever, pois as considero verdadeiros primores no genero epistolar.

Permittir-me-ha, porém, o leitor, que aqui insira os soberbos versos, absolutamente ineditos e talvez nunca destinados á publicidade, de meu tio Theodoro e de meu pai Felix Emilio, homenagem altamente tocante á mais illustre victima do Guaporé e ao eterno hospede de Villa-Bella, e além d'isto prova cabal do estro poetico commum a toda a minha familia pelo lado paterno (1).

Estes primeiros, da lavra de Theodoro Taunay, forão dedicados á marquezia de Gabriac, esposa do diplomata que, em 1829, representava aqui o rei de França, Carlos X :

Ainsi donc du Brésil vous désertez l' Empire !
Après zépher et vous le *Lybio* (2) soupirez.
Son intrépide chef, à vos désirs soumis,
Va vous guider, Madame, au sein de vos amis...
Et déjà vous voyez vos parents vous sourire,
Vous pressant dans leurs bras chéris.

*

«La voici, diront-ils, toujours brillante et belle.
«Ce soleil destructeur, si redouté pour elle,
«N'a fait qu' harmoniser ses charmes éclatants.
«Des lieux que l'Equateur brûle de feux constants,
«Elle revient, semblable en sa fraîcheur nouvelle
«A' la déesse du Printems !

*

«Quel plaisir de la voir, après deux ans d'absence,
«Plus gracieuse encor, qu'au moment où la France
«La vit fuir sur les flots dans le brouillard lointain
«Comme une étoile au soir, par un couchant serein !
«Sa blonde chevelure entre dans l'onde immense...
«Elle reparait au matin !

*

(1) Meu tio Carlos Augusto trasladou as comedias de Terencio em bons versos francezes e é autor de varias obras poeticas; Hippolyto igualmente traduzio todo o poema de Tasso—*Jerusalem libertada*; Theodoro compoz os esplendidos versos latinos dos *Idyllios brazileiros* e o poemeto Callirhoe; meu pai traduzio Pindaro do grego e Persio do latim, escreveo *L'astronomie du jeune âge* e, já muito avançado em annos, trabalhava ainda no seu poema *La bataille de Poitiers* em que cantava o valor de um dos seus primeiros antepassados, o cavalleiro Thalnay, distinguido por Carlos Martel naquella sangrenta e terrivel peleja (732) e, segundo diz o poeta :

«Au moment immortel où par cent mille mains
Charle sous son marteau broyait les sarrazins. »

(2) Nome do navio em que M^{me}. de Gabriac devia embarcar.

«Enfin nous la voyons après ce long voyage !...
«Sur l'aile de la brise elle avait de la plage
«Pris l'essor et d'un vol quitté notre horizon...
«La voici qui retourne, ainsi que l'alcyon,
«Qui fait son nid sur l'onde et ramène au rivage
«Son tendre et charmant nourrisson.»

*

Qu' il est doux de revoir des voyageurs qu' on aime !...
Hélas, d'un coup fatal l'implacable anathème
Revient frapper ici mon cœur épouvanté.
Un fantôme à mes yeux soudain représenté
Fait fuir dans un brouillard, aussi vain que lui même,
Ces images de la beauté !

*

Mon frère ! Ah, malheureux, dans l'ouragan qui gronde.
Au fond d'un bois obscur, il lutte contre l'onde...
Il plonge... il disparaît... Hélas, c'est pour toujours !...
Sa vie et son génie ont terminé leur cours !
Tu devais, Dieu cruel, le conserver au monde
Et tu pouvais prendre mes jours !

*

Dieu, Tu l'avais formé dans ta munificence !
Entre mille ton doigt l'avait marqué d'avance ;
Son front étincelait de ton sceau favori ;
Du miel de tes faveurs les cieus l'avaient nourri ;
Et le feu du génie embrasait la substance
Dont tes anges l'avaient pétri !... (1)

*

Pour peu que l'avenir nous eût tenu promesse,
Le sceptre des beaux arts attendait sa jeunesse !
Pour peu qu'il eût vécu, cet esprit immortel
Eût bientôt égalé Flaxman (2) et Raphaël !...
Hélas ! et plutôt à Dieu que ce regret qu'il laisse
Fût un mensonge fraternel !

*

(1) Que bellissima estrophe ! Não se diria de Victor Hugo ? As que se seguem não são menos notáveis.

(2) Adriano Tainay copiou todos os bellissimos desenhos desse artista, inspirado pela *Divina comedia* de Dante. John Flaxman nasceu em 1755 em York (Inglaterra), e morreu em 1829. — Distinguiu-se tambem na escultura. A sua obra prima é a reproducção do broquel de Achilles, segundo a descripção de Homero.

Hélas ! pour lui les arts n'étaient point la torture
Du pontife au trépied combattant la nature
Dans les enfantements d'un rebelle cerveau !
Son âme était le type et la source du beau...
Sans travail de sa veine intarissable et pure
Conlait le céleste ruisseau.

*

Un chef d'œuvre pour lui n'était plus qu'un caprice...
Dieu ! quel plaisir de voir, sous sa main créatrice
D'un coup se ranimer par des ressorts nouveaux
Les femmes, les guerriers, les antiques héros,
Des grâces, des amours la troupe séductrice
Et les dieux des bois et des eaux !

*

Madame, en contemplant votre aimable présence,
Vos blonds cheveux parés des fleurs de l'élégance
Et les divins contours de vos brillants attraits,
Souvent je me suis dit : « Sous de semblables traits
Sa main, qu'un goût sublime inspira dès l'enfance,
Peignit les nymphes des bosquets. »

*

Il meurt dans un torrent ! O justice divine !
O regret éternel, qui lentement me mine !...
Insensé que je suis ! Pour me soumettre au sort
Je fais contre mon cœur un inutile effort !
Insensé, qui m'en vais battant de ma poitrine
Les portes de fer de la mort !

*

Du moins qu'aux cheveux blancs de mon malheureux père
L'indiscrete amitié, la sympathie amère,
Ne révéler d'un coup cet arrêt du destin !
Laissons-le par pitié suivre en paix son déclin !
Et ma mère ?... O Jacob, j'entends ta voix sévère :
Qu'avez vous fait de Benjamin ?

*

Je voudrais me cacher à la nature entière...
Dieu clément d'Abraham, écoute ma prière :
Dans un bois à jamais, seul, oublié des cieux,
Je consens à finir mes jours silencieux,
Pour voir cet astre éteint reprendre sa carrière,
Le voir et le suivre des yeux !

*

Que n'ai-je accompagné sa course vagabonde ?
Vainqueur sur l'océan d'un voyage du monde
Il en avait en lui rapporté les trésors.
Mais, hélas ! sa jeunesse a manqué de Mentors !
J'aurais veillé sur lui dans la forêt profonde...
Ah ! mes regrets sont des remords.

*

Fleuves de Babylone, où sont vos tristes rives ?
Est-ce là qu'il repose ? Et les harpes captives,
Les sanglots des bannis sur vos gazons pleurants,
Les soupirs de vos flots, vos saules murmurants
Poussent-ils dans les airs des paroles plaintives
Dignes de ses mânes errants ?

*

Dans le funèbre champ d'une bourgade obscure
Un bosquet d'orangers (1) couvre sa sépulture.
Sur un côteau fleuri, près du vert bananier
L'infortuné sommeille; et sans le réveiller
Le vent américain tristement y murmure
Le bruit lointain du cocotier.

*

Il était notre amour, notre chère espérance :
Nos cœurs de son essor enorgueillis d'avance
Promettaient à nos yeux ses sublimes lueurs.
Sur nous de sa couronne il eût jeté des fleurs.
Notre gloire, avec lui fauchée à sa naissance,
Cache sa tête dans ses pleurs.

*

Sa gloire ! Ah ! seulement, mon Dieu, rends-moi mon frère !
Non : dût le sort moqueur, se jouant sur la terre,
De gloire et de renom m'accabler un matin,
Me jeter par caprice un sceptre dans la main,
Et me dire : Tu peux sur l'humaine misère
Verser des aumônes sans fin...

*

Je sentirais toujours me manquer quelque chose...
Quand votre voix charnante évoque Ciinarose,
Madame, ou de Mozart les sublimes accents,
Ou prête à Rossini ses tons vifs et touchants,
Si du clavier sonore, où votre main de rose
Court et vole au gré de vos chants,

*

1) A igreja em que foi sepultado é que se achava encravada no formoso laranjal plantado por ordem do capitão general João de Albuquerque e mantido pelos governadores geraes, seus successores.

Une corde se rompt sous la touche muette ;
Votre âme harmonieuse en même temps s'arrête...
De mille sons mêlés le bruit séditieux
De vos lèvres suspend l'accord mélodieux...
Chacun écoute encor... mais en vain ; et regrette
La fin d'un rêve dans les cieux.

*

Pour moi d'un nom chéri la note s'est éteinte.
Corde mélodieuse, elle pousse une plainte,
E'clate et pour jamais cesse de retentir :
E'ternel désaccord de tout mon avenir,
Où toujours ma gaieté passagère et contrainte
Meurt bientôt dans un souvenir !

*

Sous les feux d'un ciel pur, dans la sombre tempête,
Sur les ronces du deuil, sur les fleurs de la fête,
Je marcherai partout de son ombre escorté ;
Et lors du dernier jour qui me sera compté,
En nommant Adrien (1) je poserai ma tête
Dans le sein de l'éternité.

*

O vous, que la jeunesse embellit de sa flamme,
Dont, seuls, l'or et la rose ont apprêté la trame,
Puisse un bonheur constant vous suivre en tous climats !
Et que l'ange gardien, qui veille sur vos pas,
Vous épargne à jamais ces blessures de l'âme,
Ces coups qui ne guérissent pas !

De modo não menos bello, sincero e commovente
se expandio a dôr de meu pai nesta longa ode, que não
descora ao lado da esplendida poesia de Theodoro :

(1) Bem cumprio o poeta a promessa. Theodoro Maria Taunay falleceu a 22 de março de 1880, isto é, 52 annos depois do tão pranteado irmão e poucas horas antes de morrer fallou no Adriano—*mon cher Adrien* dizia elle. « *Oh! que la mort est lente à venir*—fôrao assuas ultimas palavras. É digna de estudo a vida desse homem, tão popular e estimado no Rio de Janeiro, onde foi consul de França mais de quarenta annos, repleta como é de actos de humanidade e de aneddotas muito interessantes, pois dellas resalta sempre a sua entranhada philanthropia, que o tornou verdadeiro apostolo do bem.

Tenho muitos apontamentos para um livro *Os Escragnolle e os Taunay em França e no Brazil*, no qual tratarei extensamente desse meu illustre tio.

A' L'OMBRE D'ADRIEN

O toi, qui dans Paris, séjour de l'élégance,
Quand le monde s'ouvrit à tes premiers regards,
Vis, parmi les jouets de ta première enfance,
Les chefs-d'œuvre des arts;

*

Qui depuis voyageur et citoyen de l'onde,
Poursuivant l'horizon vers le soleil naissant,
Accomplissais déjà le tour entier du monde
A' peine adolescent;

*

Toi qui revins, des fruits d'une âme riche et pure,
Orner de Tijuca l'asile fraternel;
(Et de cet heureux temps la cascade murmure
Le regret éternel !)

*

Sous un bois d'orangers maintenant tu reposes...
On dit, qu'au sein désert des bois américains
Le sommeil du tombeau tient tes paupières closes...
La mort glace tes mains.

*

Le croirai-je ? Ces mains, ministres du génie,
Qui, du feu créateur usurpant un rayon,
Attachaient à leur gré l'image de la vie
Dans un trait de crayon!..

*

Soit qu'un sujet comique eût animé ta verve
A' figurer Midas qui décerne son prix...
Le roi, le dieu des arts, le maître de Minerve
Est muet de mépris...

*

Soit que, plus sérieux, au corps de Méricourt
Tu formasses dans l'onde un cortège brillant...
Prophétique tableau, gage de son talent,
Symbole de sa perte!...

*

Hélas, je l'ai perdu, quand à ce doux appui
J'attachais de mon sort la flottante lisière,
Quand je me préparais pour oser avec lui
Courir dans la carrière!

*

Qui le sait? Nos noms auraient peut-être atteint
Des fameux Bolonais (1) la gloire fraternelle!...
Barbare Guaporé, cet espoir s'est éteint
Dans ton eau criminelle!

*

Oh ! si cet élément le devait dévorer,
C'était au sein des mers, dans un vaste naufrage ;
C'était dans un péril capable d'honorer
Sa mort et son courage.

*

C'eût été dans la Seine, aux yeux de tout Paris
Pour dérober aux flots une faible victime !
Magnanime hasard, que son cœur magnanime
Eût gaiement entrepris.

*

Hélas ! quels vains pensers la douleur me suggère !
Ce fantôme d'honneur, que les hommes se font
Rendrait-il un moment ma douleur plus légère,
Ton sommeil moins profond ?

*

Quel vide irréparable ! E'levés que nous sommes
À mettre nos espoirs, notre vie en commun !
La famille est frappée ; et ce composé d'hommes
Tombe et manque un par un.

*

C'est moins toi que je plains. Tu meurs à ton aurore :
Au delà du tombeau les ans sont toujours pleins.
C'est Charles, Hippolyte, ô ciel ! c'est Théodore,
Et c'est moi que je plains (2).

*

Et nos parents, Grand Dieu ! qui dans la solitude,
Dans la même retraite où nous fûmes nourris (3)
N'ont plus d'autre pensée et d'autre inquiétude
Que le sort de leurs fils !

*

(1) Os Carraci.

(2) Meu pai falleceu a 10 de abril de 1881. Viveu, pois, mais 53 annos.

(3) Em Montmorency, perto de Paris, na casa habitada antes pelo celebre Jean Jacques Rousseau e onde este escreveu *A nova Heloisa*. Na minha viagem à Europa fui visitar essa casa. Em placas commemo-rativas estão indicados os nomes daquelles que a possuirão e lhe derão renome — o philosopho de Genebra e Nicoláo Antonio Taunay. Foi lá que meu avô passou com a familia os tremendos dias do Terror. Ahi nasceu meu pai a 1 de março de 1795 ; ignoro se os irmãos tambem.

Adrien, le dernier, le plus chéri peut-être,
Celui dont le jeune âge est encor si voisin,
Celui qu'à tous moments, ils comptaient voir paraître...
Ils apprendront sa fin !

*

Pourquoi de si bonne heure ont-ils pris l'habitude
Des pensers naturels aux vieillards généreux,
S'il leur faut de la mort recommencer l'étude
Pour d'autres que pour eux ?

*

Et qu' inutilement leur prudente jeunesse
Ménagea le printemps pour l'arrière saison,
S'ils trouvent par ta mort les fruits de leur sagesse
Convertis en poison ?!

*

Si leurs cœurs jusque là conservés si paisibles,
Si leur santé robuste en ce cruel retour,
Si tous leurs sens parfaits les livrent plus sensibles
Aux serres du vautour ?!

*

Ta mort, pauvre Adrien, rend ta mienne facile,
Des biens sans doute chers qu'il me faudra laisser
Mon cœur soumettra mieux le regret indocile,
Si près de t'embrasser (1).

*

Je sais bien que le temps qui frappe et qui console,
Qui rhabille sans fin la vie et ses projets,
Tourne des vœux humains l'inconstante boussole
Vers de nouveaux objets.

*

Mais à l'attrait du beau, qui partout se révèle
Au goût de la justice, au sentiment du bien,
Tant que je sentirai mon cœur battre fidèle,
Oublierai-je Adrien ?

*

Lui qu'un trait généreux frappait de sympathie,
Qui des célestes lois sentait tous les accords :
Brillante intelligence, âme bien assortie
Aux formes d' un beau corps !.

*

(1) Meu pai allude á grave molestia que teve de feimosas sezões nesse anno de 1829. Só recuperou a saude com uma viagem á Bahia.

Tout nourrit mes regrets : si la muse étrangère
Du Scott américain (1) m'offre un heureux essai,
Comment puis-je écarter l'image de mon frère
Admirant Waverley ! (2)

*

L'art divin, dont Mozart porte le diadème,
De ses plus doux accents me déchire le cœur.
Tel Adrien chantait — je l'entends — c'est lui même!..
Le réveil fait horreur !

*

Ah ! c'est qu'il est partout : dans la nue empourprée
Où le soleil éteint son disque de safran ;
Et sous les verts reflets de la vague azurée
Qui croise l'Océan.

*

O nature ! à ses yeux vivifiant spectacle !
Il a donc éprouvé ton pouvoir destructeur !
Toi qui devais plutôt sauver par un miracle
Un tel admirateur !

*

Si ses jours menacés par la malice humaine,
Eussent au sein des flots réclamé ton secours,
Tu leur devais prêter ton mobile domaine,
Soigneuse de leur cours !

*

Mais il n' a pas senti l'angoisse inexprimable
(J' ai pu craindre pour lui cette rigueur du sort)
L' horreur de voir la main, le cœur de son semblable
Employés dans sa mort.

*

Au contraire ; un seul être est présent sur la rive,
Et son cœur bienveillant s'émeut pour l'étranger ;
Et du geste et du ton d'une voix expressive
L'avertit du danger †

*

« Attendez ; rarement le batelier s'absente ;
« L'onde vous paraît calme... impétueux torrent,
« La rame accoutumée est souvent impuissante
« A' vaincre le courant. »

*

(1) Fenimore Cooper.

(2) Refere-se ás leituras feitas em commum no retiro da Tijuca.

L'infortuné s'arrête... Il attendait... La pluie
Vient battre en longs ruisseaux son front impatient...
Il se modère encor... mais ses yeux qu'il essuie
Vont chercher l'orient.

*

O' souvenir rapide ! O' France ! à cette image
L'ennui de tout retard a frappé son esprit :
Et ce transport fatal est un dernier hommage
Aux êtres qu'il chérit.

*

Ainsi l'heure est venue... Il ne veut plus attendre...
Pousse à l'eau son coursier... lui même... ah ! malheureux,
Ah ! prends pitié des pleurs que tu feras répandre !
Sois-nous moins rigoureux !

*

Il a tout hasardé... Tout est perdu... sa vie
Impérissable essence, au vaste sein des airs
Emporte ses parents, ses frères, sa patrie
Dans un autre univers.

*

Son corps, triste jouet de l'onde forcenée,
Fut dérobé deux fois au retour du soleil.
Déjà le ciel ouvrait la troisième journée
A' l'horizon vermeil ;

*

Il a paru... Le bruit en court avec l'aurore...
Riedel, le survivant d'un couple d'exilés,
Sur son cœur défaillant presse longtemps encore
Les restes mutilés...

V

Terião sido as circunstancias de extrema juventude e as vivissimas affeições de familia, que tamanho realce davãõ a esse mancebo audacioso e irrequieto, cujos dias terminãrãõ de modo tãõ terrivel e inesperado? Talentos especiaes e vasta esphera intellectual lhe promettiãõ, com effeito, carreira excepcionalmente brilhante na vida? Sua attracção, seu prestigio, seus dotes erãõ tantos assim, tãõ poderosos e irresistiveis? Havia motivo para tamanha explosão de dôr, para tanta perseverança no luto, para tãõ

grandes objurgações á crueldade do destino, além do natural soffrimento e das angustias inspiradas pelo desaparecimento de um ente ligado pelos apertados laços do mais proximo parentesco?

Só largos annos depois é que tive resposta a esta duvida, e a tive de modo singularissimo e acima de toda a excepção.

Em Matto-Grosso e novamente, eu por meu turno, em condições bem extraordinarias, fui achar a mais completa confirmação, de que Adriano Taunay possuia qualidades extraordinarias, que de prompto o collocavão em plana distincta, impressionando de modo vivissimo e indelevel quantos delle se achegassem e lhe sentissem o valor real e a innata superioridade, em todas as espheras da iniciativa humana.

N'um livro que, desde 1878, corre impresso—*Narrativas Militares*, livro, entre parenthesis, recebido como outras obras minhas com a habitual indifferença do publico, embora merecessem, estou bem convencido, mais alguma attenção, descrevi a penosa travessia dos pantanaes entre o Coxim e o rio Aquidanana que, em começos do anno de 1866, me vi forçado a fazer com o meu amigo Pereira do Lago, travessia, que teria terminado em catastrophe, se não tivessesmos, quasi ao acaso, chegado aos Morros, no planalto da serra de Maracajú, onde os habitantes da villa de Miranda, expulsos pela invasão paraguaya de dezembro de 1864, havião buscado refugio seguro, sobretudo depois que os indios terenas, nas fraldas da montanha, conseguirão, em duas emboscadas, matar alguns inimigos mais ousados.

Entre os fagitivos, havia um homem de côr, um preto, velho, muito velho, de mais de 80 annos e de nome Cardoso Guaporé, antigo collector da villa de Miranda e que alli gozára de certa importancia, pois cumulava ás suas funcções de exactor da fazenda publica o exercicio de advogado provisionado, ou antes de rabula.

Filho da cidade de Matto-Grosso, ao ouvir pela primeira vez pronunciar o meu nome, mostrou-se sobremaneira admirado e sem vacillar, mas com visivel sofreguidão, logo me perguntou:

— Será por ventura o senhor parente de um Adriano que se afogou no rio Guaporé e foi enterrado na igreja de Santo Antonio, isto pelos annos de 1827 ou 1828?

— Sou seu sobrinho, respondi-lhe em extremo sorpreso de encontrar naquelles invios reconcados um conhecido da familia, que se remontava á occurrencia já tão antiga. Era irmão de meu pai.

— Ah! que homem aquelle! exclamou o velho.

E, sem mais se occupar com o momento presente, que lhe trazia comtudo tantas surpresas na sua vida de refugiado e de occulto nas mattas, começou o mais ardente e exaltado panegyrico do illustre mancebo, das suas qualidades proeminentes, sua coragem indomavel, sua alegria incessante, sua actividade estupenda, sua generosidade illimitada, suas aptidões inexcediveis de musico, desenhista e poeta, sua habilidade em nadar, caçar e jogar armas, sem esquecer a notavel e impressiva belleza, attrahente e mascula, que lhe fazia correr mil aventuras de amor e lhe valia tantas e tão espontaneas dedicações, até daquelles que poderião pretender rivalidade.

— Onde chegava, disse-me elle, erão festas e dansados, que não acabavão mais; partia e só deixava tristezas e saudades, que nem o tempo podia mitigar. Uma feita, duas mulheres de boa sociedade acutilarão se de ciumes com facas de mesa e, ao apartal-as com uma força de gigante, ferio-se nos dedos, dirigindo toda a noite o baile com a mão amarrada em um lenço. Sua morte tomou vulto de verdadeira desgraça publica. Assisti ao enterro, que levou a cidade inteira atraz de si. Parecia algum capitão general, como aconteceu com o funeral do Cáceres (1), de que me lembro ainda hoje, pois já era *molecôte*.

(1) João de Albuquerque Mello Pereira e Cáceres falleceu em Villa Bella a 28 de fevereiro de 1796. Pela referencia se vê que Cardoso Guaporé, confessando-se *molecote*, tinha pelo menos 10 annos naquella data, havendo pois attingido 80, em 1866, idade que nunca me quiz confessar, ladeando qualquer pergunta a esse respeito. Talvez um dia estude eu mais particularmente essa figura do velho matto-grossense, contando entao engraçados episodios.

Tambem morreo em Villa Bella outro governador geral, Manoel Carlos de Abreu e Menezes, fallecido a 8 de novembro de 1805, setimo na ordem chronologica dos capitães generaes de Matto-Grosso.

Quantas vezes não discreteei com Cardoso Guaporé a respeito desse tio ? Então, rememorando as conversas e descripções de meu pai, tambem o levava a recordar as grandezas de Villa Bella. E ali o velho preto, na dorida expansão do seu bairrismo e a endireitar tremulo de commoção os grandes oculos de prata que lhe escorregavão das orelhas e do nariz, tornava-se quasi eloquente.

— Cuyabá, dizia-me elle todo abespinhado e exagerando naturalmente, tem e pôde ter muita cousa boa ; mas nunca, nunca lá vi palacios tão ricos e casas tão bem acabadas com *lavoros* (pinturas) pelas paredes e *quadrarias* (paineis) nas salas, como na minha cidade natal. Era cousa de pôr pasmos até os que vinhão das *Europas*. E a igreja de Santo Antonio, toda cheia de riquissimas alfaias e de imagens cobertas de ouro e prata ? Dizem que S. Antonio, o orago, levantou o braço, quando se fallou na mudança da capital, excommungando quem disso se lembrára ! . . . Nem se calcula o valor das riquezas que contém ainda, embora já lhe tenham sonogado não poucas preciosidades para enriquecer Cuyabá, que tudo nos tirou ! E a casa da Camara, com grandes retratos de El-Rey D. João VI e da senhora D. Carlota ? E o sobrado, que mettia inveja ao mesmo palacio ? E o cáes ? Parece que era a obra de mais vulto, feita por portuguezes no Brazil ; cousa muito bem planejada e que costeava o rio todo, dando um passeio como ainda não se fez igual, todo sombreado de frondosas gamelleiras e indo acabar em um laranjal immenso, plantado por ordem dos senhores governadores geraes, em que estava mettida a capella de S. Antonio, laranjal limpo todas as semanas pelos galés e em que se reunião nuvens de *graiúnas* e todos os passaros possíveis. De manhã e á tarde cantavão tanto, que ainda tenho na cabeça o barulho que fazião !

— E os passeios em torno da cidade ? Que lugares lindos e que arraias magnificos, pontos de *fonçonatas* (1) e *consoadas* (2), em que se davão desafios de poetas e

(1) Funcções, festas.

(2) Festas e refeições, depois de jejuns. Legitima palavra portugueza. Em Matto-Grosso ha muitas locuções de excellente cunho vernaculo.

cururús (1), a que acudião as pessoas de mais consideração da terra. Casalvasco, com o seu rio Barbados, era uma delicia, com umas ruas muito direitinhas e seu palacio e igreja de bôa cantaria, com um lampadario, como não ha outro em toda a provincia e talvez em todo o Brazil. E o Passo do rio Alegre? Que ponto de bons *regabofes* e que sitio tão formoso! Ah! havia em Villa Bella muita alegria. Cuyabá tudo levou, tudo tomou! Nunca se fíem em cuyabanos! São todos *imbicioneiros* (2) e *trabucadores* (3). Fallão muito na sua serra de Guimarães (4), onde cahe geada e ha uma pedreira que parece encantada; mas ella não se compara com a serra da Villa que se avista da cidade, com o seu *Chapéo de sol* (5). Accusavão aquelles lugares todos demuitodoentios, sezonaticose empestados. Decerto, quando o Guaporé enchia de mais, havia suas maleitas; mas muitos e muitos annos se passavão sem febre alguma e não faltavão velhos e velhas que contavão historias dos primeiros governadores, de Rolim de Moura, depois conde de Azambuja, Pedro da Camara e dos dous Cáceres, tanto tempo já havião vivido. Se ha por ahi povoação calumniada, é a minha pobre cidade natal, que matárão de uma vez e matárão por simples inveja. Quanta exaggeração! Quando fallavão então no forte do Principe da Beira, parece que era lugar excommungado. Meu filho entretanto lá está, ha muito tempo! (6).

No meio de todos esses queixumes e encarecimentos, em que transparecia a rivalidade ainda hoje persistente

(1) Ferreira Moutinho, cilado por Beaurepaire Rohan, no seu *Diccionario de Vocabulos Brasileiros* define *cururú*: «Especie de batuque usado pela gente da plebe, no qual homens e ás vezes mulheres formão roda volteando burlescamente e cantando á porfia, ao som de insipida musica, versos improvisados, tudo animado pela cachaça» Pode ser tambem isto, mas ha outros *cururús* muito mais decentes, em que os improvisadores se revezão ao som das violas e cantão modinhas e até bem interessantes e meliodiosos duettos.

(2) Ambiciosos.

(3) Trabalhadores, activos, mas com má fé.

(4) Veja-se a bella descripção que de Guimarães dá Hercules Florence na *Revista do Instituto Historico* (tomo XXXVIII parte I pags. 450 e seguintes).

(5) Nome de um pico daquelle serrote.

(6) Com effeito lá estava; mas não se lembrava o pai da côr, que segundo voz geral na provincia, é o unico preservativo contra as terri-veis endemias!

entre as cidades de Matto-Grosso e Cuyabá, rivalidade repassada de compaixão por parte desta na sua victoria para sempre indiscutivel, e por parte daquella de entranhado desespero e quasi odio, via eu, na confirmação de muitos sentimentos de meu pai em relação ao irmão Adriano, reaparecer aquellas pinturas a fresco e manifestações artisticas, que no fundo dos sertões havião merecido lisongeiro reparo critico de quem percorrêra o mundo inteiro á pesquisa e na contemplação do bello.

Deviamos agora voltar ás indicações do tenente-coronel João de Oliveira Mello, ministradas em janeiro de 1876, pois a nossa digressão ha sido de certo longa no estudo de materias que se intercalárão e necessitavão explanação ; mas, apezar disso, ainda não proseguiremos directamente sem saber um tanto de perto, quem seja esse nosso informante.

Vale a pena com elle fazer mais amplo conhecimento, porquanto esse amigo, que nunca avistei, mas com quem, ha annos, me correspondi animadamente, por sympathia e apreço aos seus serviços, tem uma historia, ou antes, um trecho de vida digno de ser commemorado e reproduzido ante a memoria da geração presente, muito disposta, como aliás todas as outras no evolucionar da humanidade, a esquecer e a ser ingrata.

VI

Como é sabido, foi em fins do anno de 1864 (1), que o presidente dictador da republica do Paraguay Francisco Solano Lopez iniciou a celebre e diuturna guerra dos cinco annos, em que empenhou tão desastrosamente a fortuna propria e a sorte daquelle infeliz paiz, obra prima dos jesuitas e do systema theocratico, mas nem por isso organisação credora senão da maior lastima e até execração.

(1) O aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda* em que ia o infeliz presidente da provincia do Matto-Grosso, coronel Frederico Carneiro de Campos, deu-se a 12 de novembro de 1864.

No dia 14 de dezembro, fez elle embarcar em Assumpção as tropas destinadas á invasão fluvial da provincia de Matto-Grosso em numero de 3.200 homens, sob as ordens do general Barrios, seu cunhado, ao passo que outra columna de 5.000 praças, commandada pelo coronel Resquin, marchava da cidade de Conception com destino á fronteira do rio Apa e ao districto de Miranda.

Doze dias levou a esquadilha de vapores e chatas a subir o rio Paraguay, e a 26 de dezembro, pela tarde, avistou o forte de Coimbra, cuja guarnição de 155 soldados tinha por commandante o tenente-coronel da arma de artilharia Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, nascido a 13 de abril de 1818, praça de 28 de janeiro de 1836 e promovido áquelle posto desde 2 de dezembro de 1857.

Gloriosas tradições contava aquella fortificação, muito embora as pessimas condições em que fôra, no anno de 1775, construida por ordem de Luiz de Albuquerque, tendo sabido denodada e victoriosamente resistir, de 16 a 24 de setembro de 1801, ás tentativas e ao assalto de 600 hespanhoes dirigidos pelo general D. Lazaro de Ribera, graças ao sangue frio e á coragem do tenente-coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, á frente de tão sómente 42 soldados portuguezes.

Citado por varios autores é esse, com effeito, o numero de homens pertencentes á tropa regular; mas a guarnição total de Coimbra ascendia a 100 defensores, conforme se vê das proprias palavras de Ricardo Franco em seu officio de 1 de outubro de 1801 ao capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, interessantissimo documento, como aliás quantos se referem ás aggressões hespanholas naquella occasião. (1) « Emfim, Ex. Sr., diz nelle o illustre militar, Coimbra está salva deste primeiro repellão dado na mais critica conjunctura, sem mantimento algum, o qual suppri com algumas vaccas e porcos particulares que se matarão, com a mais diminuta guarnição que podia ter, que apenas chegava a 100

(1) Revista do *Instituto Historico*, tomo XXVIII, parte primeira, de pag. 89 a 17.

peçoas, sendo a maior parte uns negros velhos e auxiliares, uns crianças, outros molestos e muito cheios de terror panico. »

Bem se conhecem a arrogante intimação de D. Lazaro de Ribera e a réplica nobre e altiva de Ricardo Franco (1). Um dizia, fazendo valer a desproporção numerica : « Portanto yo requero a V. S. se rienda prontamente a las armas d'El Rei my amo, pues de lo contrario el canon y la espada decidiran la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnicion todas las estremidades de la guerra », ao que o outro respondia : « A desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portuguezes por isso mesmo a não desampararem (2) os seus postos e defendel-os até as duas extremidades, ou de repellir o inimigo ou a sepultarem-se debaixo das ruinas dos fortes que se lhes confiarão. »

« No dia 16, diz a parte official de Ricardo Franco, pelas 4 horas da tarde appareceu em frente deste presidio o governador de Assumpção, D. Lazaro da Ribera, em 3 grandes sumacas, cada uma com duas peças de artilharia por banda e outra menor, batendo a este forte até depois das ave marias, cujo fogo repetio de dia e denoute até 21 e hontem e hoje 23 o tem parado por causa de um grande vento norte e tempestade que houve e vendo que a nossa pequena artilharia o não offende no seu curto alcance nos tem dado grandes apupadas etc.» « Depois do violento bombardeio a 24, refere ainda o commandante do forte, tocou (o inimigo) a retreta com sua musica de oboé e zabumba, a que correspondemos com dous tambores, rabeca e frauta, e neste intervallo vimos principiava a descer para baixo, como fez até quando alcançava a vista; em 25 e 26 ainda vimos as velas, navegando vagarosamente, deixando-nos duvidosos do seu destino etc. »

Disposta a não desmentir tão honrosos antecedentes, recebeu a guarnição brazileira a 27 de dezembro de 1854 o ataque dos inimigos com muita gallardia, repetindo-se,

(1) Os Srs. Ferreira Montinho e Dr. João Severiano as trazem na integra, infelizmente com variantes, embora ligeiras. Vide *Revista do Instituto*, tomo XIII pags. 47 e 48—Chronica de Joaquim da Costa Siqueira.

(2) João Severiano traz *desamparar*.

desde os primeiros albores da manhã de 28, vivíssimo combate, com perda desproporcional dos paraguayos, os quaes, chegando até á base da muralha, cruelmente soffrêrão do nutrido e mortifero fogo de mosquetaria dos nossos. Sem resultado, pois, sensível, viu-se Barrios cogido a mandar tocar retirada ás 7 horas da tarde daquelle dia, deixando o campo alastrado de mortos e feridos.

Mínimos, ou melhor, nullos havião sidos os prejuizos dos valentes defensores de Coimbra, pois nem sequer contavão um só homem fóra das fileiras (1), ferido sequer; mas, em contraposição, enorme era o estado de fadiga e prostração de todos, a braços com reforços sempre novos e frescos e obrigados a continua vigilancia dia e noite, sem possibilidade de se revezarem. Demais, escassez cada vez mais dolorosa de munições de boca e sobretudo de guerra, falta quasi completa de cartuxame de artilharia e infantaria, e a desconsoladora certeza de que, afinal, não tardarião os paraguayos a se aproveitar da pessima collocação do forte, pondo-se a cavalleiro delle pela occupação de um dos cabeços do outeiro que o domina; o que logo deverião ter feito.

Nessa angustiosa tarde de 28, o tenente-coronel Porto Carrero, aproveitando o prolongado crepusculo, incumbio de melindrosa commissão um dos seus officiaes que particularmente se havião distinguido pela bravura, calma e promptidão de vistas na parte mais effectiva da defesa — a fuzilaria — o 2º tenente João de Oliveira Mello.

Pertencia este ao 2º corpo de artilharia de Matto-Grosso.

Nascido em 1836, sentára praça a 13 de fevereiro de 1851 e cursára a Escola Militar, onde tirou o curso de infantaria pelo regulamento de 1858, sendo

(1) O Sr. Dr. João Severiano, na sua valiosa obra *Viagem ao redor do Brazil*, diz á pagina 255, tomo I, que o chefe dos caduços Lixagates morrêra na defesa do forte, á frente de dez dos seus commandados. Tal informção dada por esses indios, que tambem n'a derão em 1866, mas ali referindo-se ao assalto do forte Olympo, era falsa. Depois vi esse capitão Lixagates ou Lapagates, como tambem o chamavão, vivo e bem vivo. Accusavam-no até de haver assassinado toda a familia brasileira Barbosa Bronzique, perto de Nioac.

promovido a 2º tenente por decreto de 2 de dezembro de 1860. Contava, pois, 28 annos e poucas esperanças podia alimentar de brilhante carreira militar por lhe faltarem os estudos proprios da sua arma, caso o não salientassem feitos excepcionaes de guerra, de que se sentia, aliás, capaz, como depois demonstrou sem contestação possível.

Mas tão vária é a sorte, que nem assim conseguiu João de Oliveira Mello o sorriso definitivo da fortuna. Depois de vêr o seu nome por alguns instantes aclamado e coberto de bençãos, depois de ter gozado das honras do favor popular, recahio na obscuridade e acaba de ser reformado no posto de coronel, após larguissimos annos de vegetativa residencia na cidade de Matto-Grosso.

A commissão que tocou ao brioso militar, naquella tarde de 28 de dezembro, foi sahir de Coimbra afim de examinar os apoxes da praça investida, recolher os feridos que por ventura encontrasse no caso de ainda servirem para interrogatorio e avaliar as perdas dos contrarios, o que tudo executou com a maior serenidade e o mais completo exito, contando para cima de 100 mortos e trazendo comsigo 15 prisioneiros e 85 espingardas.

Imagine-se a anciedade com que fôrão acolhidos aquelles paraguayos e perguntados e acareados, pois, erão os unicos que podião ministrar algumas noticias do resto do mundo aos infelizes encurralados por forças trinta vezes superiores, em um cantinho da immensa e abandonada provincia de Matto-Grosso, sem esperanças mais de soccorro e salvação !

Aterradoras as informações...

Tambem, após breve conselho de officiaes, ficou decidida a immediata evacuação do forte de Coimbra, passando-se em virtude dessa deliberação, ás 11 horas da noite, toda a guarnição e 70 mulheres no maior silencio e na melhor ordem para bordo do vaporsinho *Anhambahy* do commando do capitão-tenente Balduino de Aguiar, que acordára na urgencia do abandono, depois de haver com toda a bravura concorrido para o honroso protesto feito pelas armas brasileiras á invasão do territorio patrio.

Embarcados todos e arriada a bandeira, que foi levada a Cuyabá pelo proprio tenente-coronel Porto Carrero, seguiu logo o vapor aguas acima o rio Paraguay muito a gosto, facto de que se admira com razão Schneider, pois os inimigos dispunhão não de oito navios, dos quaes cinco erão vapores de boa marcha, como diz este (1), porém, sim, conforme rectifica Silva Paranhos (2), de oito vapores, duas escunas, um patacho e dous lanchões.

Na manhã de 29, tiverão os paraguayos a grata sorpresa de vêr Coimbra deserta e silenciosa, e bem grata, em vista das perdas soffridas e officialmente confessadas, 207 homens fóra de combate.

Continuando, porém, o *Anhambahy* a sua viagem, encontrou umas 13 leguas a montante os vapores *Jaurú* e *Corumbá*, que vinhão descendo e, contramarchando estes, puzerão-se todos tres a subir o rio, dando o alarma aos moradores das margens, que debalde bradavão por protecção e meios de escapar ao inimigo, de quem se contavão e se esperavão, com razão, horrores.

Seguirão-se então as scenas mais contristadoras na povoação, tão florescente até essa época fatal, de Albuquerque, onde, com verdadeira crueldade teve de ser por ordem superior descarregada parte da gente que trazia o *Anhambahy* e na de Corumbá, cujo abandono precipitadissimo e injustificavel foi determinado a 2 de janeiro de 1865 pelo commandante das armas, coronel Carlos Augusto de Oliveira, quando, entretanto, os invasores mostravão em seus movimentos extraordinaria molleza e exagerada prudencia, pouco senhores da navegação do rio e sobremaneira receiosos das emboscadas de indios, os *Mbayás*, como genericamente chamavão todas as tribus.

Todos, naquelles momentos de indescriptivel confusão, davão ordens e buscavão, sobretudo, pôr-se a salvamento, ficando inertes, apathicos e acabrunhados quantos poderião pela sua patente elevada e para

(1) SCHNEIDER. A guerra da triplice alliança, tomo I pag. 113.

(2) Meu bom amigo José Maria da Silva Paranhos, hoje barão do Rio Branco, consul geral do Brazil em Liverpool, filho do immortal Visconde do Rio Branco e zelosissimo annotador da obra de Schneider. E' verdadeiramente uma obra completa e nova encravada em outra.

vantagem geral, ter assumido a responsabilidade de um direcção inspirada no pundonor e no sentimento do dever; e para isso encontrariam bons elementos de resistência no povo, que se mostrava disposto a reagir e pedia a distribuição do muito armamento e cartuxame, que existia amontoado nos depositos, e afinal cahio quasi intacto nas mãos dos paraguayos.

Houve episodios, cuja lembrança, ainda annos depois, suscitava mil commentarios e despertava gostosas gargalhadas. Um individuo, entre outros que se apavorára demais, imaginou disfarçar-se em mulher, e nesse intuito metteo-se em saias e corpete, ao passo que esplendida e negrejante barba lhe cahia sobre enormes seios feitos de embrulho. Outro agarrou nervosamente n'um grande ananaz, andou com elle o dia inteiro sem saber o que levava e só á noite é que pôde com esforço — contava elle proprio — abrir os dedos convulsos e todos feridos.

Naquella tremenda conturbação, o sentimento popular e sobretudo da tropa, que ainda conservava algum espirito de disciplina, mostrou-se bem inspirado, reclamando todos, paisanos e soldados, o mando unico de João de Oliveira Mello. « Queremos o tenente » bradavão á uma; e, no meio dos muitos tenentes que lá se achavão, além de capitães, majores e coroneis, era esse segundo tenentê excepcional o heróe de Coimbra, que ainda tinha de salvar grande numero de vidas.

Em tudo isso, acaabrunhadoras forão para o commandante das armas as participações officiaes.

No seu officio de 24 de abril de 1865, o general Albino de Carvalho, ainda presidente da provincia á espera, e debalde, do successor já nomeado e anciosamente desejado o infeliz coronel Carneiro de Campos, então nas garras de Francisco Solano Lopez desde o traçoieiro aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda*, diz o seguinte: « O commandante das armas Carlos Augusto de Oliveira ou não esperava os paraguayos na fronteira do Baixo-Paraguay ou não tinha nenhuma intenção de repellil-os, pois não deo providencia alguma efficaz para isso e nem soube utilizar-se dos recursos de que podia dispôr para uma defesa heroica. E' muito de notar-se

que estando ás suas ordens os depositos de Cuyabá, Miranda (1), Dourados e Corumbá, nos quaes se amontoava grande copia de munições de guerra, fosse o forte de Coimbra evacuado por falta de cartuxos de fuzilaria, tendo aquelle coronel chegado a Corumbá em outubro e sendo o forte atacado nos ultimos dias de dezembro.»

Depois de patentear tambem, quanto deleixo presidira á indispensavel e facil defesa de Corumbá, que, embora mal apercebida como estava, podia ter sido abandonada com menos sofreguidão e mais algum plano, tendo-se em vista cobrir a capital da provincia, debalde procura o general Albino de Carvalho attenuar as graves e quasi incomprehensiveis faltas do commandante das armas, cuja pouca idoneidade moral e physica para tal cargo em semelhante e critica emergencia era manifestada pela posição que tinha de coronel do Estado-maior de 2ª classe, corpo anomalo e, na sua maior parte, composto dos incapazes das tres armas do exercito.

« Expressando-me com franqueza, diz aquelle general, não tenho em vista aggravar a sorte adversa de um camarada, nem insinuar que elle muito poderia ter feito por dispôr de recursos consideraveis : não; sou o primeiro a declarar, que a provincia não possuia os precisos elementos de defesa e na minha exposição o que razoavelmente se deve concluir, é que o coronel Carlos Augusto de Oliveira poderia ter feito alguma cousa em honra e gloria das armas imperiaes.»

Na evacuação de Corumbá, cresceu de importancia o papel do tenente João de Oliveira Mello. Pondo-se ostensivamente á testa dos inferiores e soldados, que a fraqueza e irresolução dos chefes deixavão á mercê da sorte, fêz elle embarcar essa gente, com suas mulheres e filhos e muitas familias de paisanos, em uma escuna e navegou á espia como pôde, até vêr que ia ser victima dos vapores

(1) Os de Miranda, conforme noticia que lá achei, em 1866, estavam repletos e forão saqueados, antes da chegada dos paraguayos, pelos indios que tomárão muita cousa, deixando ainda tanto armamento, que, ao vêr-o, o coronel Resquin exclamou : O governo brasileiro queria defender as suas fronteiras com cabides de armas.»

paraguayos, cuja fumaça, nas voltas do rio, denunciava a aproximação.

Abicando então á terra, procedeu ao desembarque no Bananal, antes do Sará e, desenvolvendo qualidades excepcionaes de energia e espirito de ordem, que de prompto lhe assegurarão as regalias de completa força moral sobre aquella columna de fugitivos, preparou-se para seguir pausadamente e com toda a cautela pelos pantanaes de S. Lourenço em direcção á capital Cuyabá.

O que foi aquella terrivel marcha durante quatro mezes, por paúes quasi invadeaveis, em sólo sempre encharcado, cortado de fundas corixas (1) na estação mais rigorosa do anno, debaixo de continuos aguaceiros, por logares nunca transitados, sem guia, vencendo enormes distancias e rios caudalosos, que todos devião transpor, desde os mais fortes e impacientes até os mais debeis e retardatarios, passa os limites da descripção.

Só mesmo alma de heroe, empenhada em sacrosanta missão. Sabia que, nada menos de 400 vidas, homens, mulheres, crianças e velhos, dependião só e unicamente da sua serenidade e coragem e dessa convicção tirava recursos para encarar sem desfallecimento as mais crueis e desesperadoras conjuncturas. Tambem severissima e meticolosa disciplina reinava naquella misera columna, a que se havião juntado não poucos indios *terenos*, *laianos*, *quiniquinãos* e *guanás*; e os castigos não erão poupados ao mais leve delicto—caso de salvacão publica.

Começada em principios de janeiro essa curiosa retirada, cujas peripecias darião para livro bem emocional,

(1) Beaurepaire Rohan, no seu *Diccionario de Vocabulos brazileiros*, diz *curixa*, cuja etymologia não traz. A definição é exacta: «Nome em Matto-Grosso, dos sangradouros por onde correm, a se despejarem nos rios, as aguas accumuladas nos campos ou provenientes de lagôas demasiado cheias. Corresponde ao portuguez *desaguadouro sangradouro*, *valla para enxugar campos*, etc, com a differença, porém, que estes termos envolvem a idéa de um expediente artificial, entretanto que *curixa* é obra da natureza.»

João Severiano da Fonseca escreve *corixa* e lhe dá feição de inundação de campos de character mais permanente, distinguindo-a de *escoantes*, que servem de passagem ás aguas. *Viagem ao redor do Brazil*, pag. 195, tomo I.

foi só a 30 de abril que terminou, quando o 2º tenente João de Oliveira Mello triumphalmente entrou em Cuyabá.

Em peso veio a cidade encontra-lo no Coxipó e, levado em braços no meio das acclamações delirantes do povo, foi até á Matriz, onde o bispo o recebeu á porta, cantando em seguida solemne *Te-Deum*.

Durante muitas semanas esteve em festas a capital, pasmos todos da milagrosa salvação de tantos entes, graças á dedicação e valentia de um unico homem, que tambem salvou alguma cousa de seu, de bem seu, o nome, na triste historia da invasão de Matto-Grosso pelos paraguayos. Com effeito, no meio de muitos successos deprimentes, póde a posteridade descansar os olhos nos dous episodios em que figurarão João de Oliveira Mello e o imperterrito tenente Antonio João (1), este commandante da estacada de Dourados e que morreu no seu posto com bravura espartana, renovando, simplesmente com dez camaradas, o glorioso sacrificio de Leonidas e seus immortaes companheiros.

Por serviços relevantes e actos de bravura foi Oliveira Mello promovido, a 22 de janeiro de 1866, 1º tenente e condecorado com o habito do Cruzeiro. Capitão a 1 de julho de 1867, graduado em major a 14 de julho de 1871, teve, nesse character, nomeação de commandante do districto militar de Matto-Grosso e da fronteira do norte, cargo que largo tempo exerceu (2), tendo sido transferido para o corpo do Estado-maior de 2ª classe, no qual foi promovido a tenente-coronel em 17 de julho de 1884, e, afinal, nestes ultimos dias, reformado no posto de coronel.

E', pois, uma carreira acabada, uma existencia finda,

(1) E' uma figura epica essa de Antonio João Ribeiro. Nas minhas *Narrativas militares* contei o assalto de Dourados a 29 de Dezembro de 1864 e a gloriosa morte daquelle brasileiro.

(2) Em carta datada de 14 de outubro de 1890 dizia-me elle. « Commandei o districto militar de 6 de junho de 1873 a 14 de maio de 1877 com algumas interrupções. » Adiante : « N'um dos pontos da carta de V. Ex. leio estas palavras : Quem sabe se o não verei general ? Os seus começos na carreira militar mostraram bem que já naquelle tempo era digno de o ser. Agradecendo tão valioso, quão lisongeiro conceito, cabe-me dizer a V. Ex. que não me verá em tão elevado posto, pois ha pouco pedi ao governo a minha reforma. » Presentemente, o Sr. Oliveira Mello reside em Cuyabá.

um simples encostado do exercito reduzido á inactividade, *bananeira que já deu cacho* na melancolicá synthese popular, que o homem, chegado ao periodo de descanso e retrahimento, tristemente applica a si mesmo ; mas a fê de officio desse illustre militar, na concisa e como que indifferente enumeração de feitos dignos da admiração dos pósteros, mostra que alli se encerrão glorias já mudas e gelidas, que só precisavão de campo mais vasto para bem merecerem da patria e até de toda a humanidade.

Agrada-me, comtudo, e dali lhe vem ainda prestigio, a altaneira solidão que rodeia aquelle soldado, de cujas reminiscencias resaltão chispas de gloria, a acabar os dias nas ruinas de uma cidade condemnada, perdida e sem mais esperanças possiveis de resurreição, depois de largos periodos de grandeza, lustre e felicidade !

VII

Voltemos agora a Villa Bella.

No dia 12 de janeiro de 1751, D. Antonio Rolim de Moura Tavares, capitão de infantaria e posteriormente conde de Azambuja, local de que era morgado, chegou a Cuyabá e, tomando posse da administração a 17 do mesmo mez (1) como primeiro governador da recém-creada

(1) Esta é a data que dá a minuciosa *Descrição geographica da Capitania de Matto-Grosso*, impressa na *Revista Trimensal*, tomo XX, pag. 280. Alguns autores e notadamente Luiz d'Alincourt (*Annaes da Bibliotheca Nacional* tomo, III pag. 94) trazem 12 de Janeiro de 1751. Aliás não pôde haver duvida possivel para os que conhecem a interessantissima relação que fez o proprio Rolim de Moura, da sua viagem até Cuyabá (*Revista do Instituto*, tomo VII, pags. 469 e seguintes) e que termina com estas palavras: « e no domingo seguinte 17 do mez, tomei posse.» Aquella relação tem passagens mui dignas de nota pela feição descriptiva, e servirá de prova o seguinte trecho: « No mesmo dia liquei arranchado em um reducto, cujo matto erão palmitos, e como estes têm um ramo grosso do qual partem outros em roda e todos arqueados, estando estes palmitos hem copados, de qualquer parte que se olhasse se via um a rua como que de quinta, coberta com aquella especie de ahobada. Não somente foi agradável á vista esse rancho, mas tambem ao gosto, porque os palmitos erão de excellent qualidade, e foi a primeira vez que os comi crus, em que lhes achei sabor não inferior ao das castanhas. Descontou-se-nos isto com uma quantidade de carrapatuhos, que se nos p-girão e de que nos enchemos, que nos deu que fazer muitos dias. » (*Revista do Instituto*, tomo VII, pag. 492)

capitania do Cuyabá e Matto-Grosso, tratou de obedecer ás ordens da metropole e de seguir para o norte, a buscar nas immediações do rio Guaporé e em posição adequada a se vigiar com efficacia a extracção do ouro e mais particularmente as fronteiras hespanholas, um ponto apropiado para centro e capital de toda aquella dilatadissima região, separada como fôra, a 9 de maio de 1748, dos territorios de S. Paulo (1).

Após uma parada de mezes, sahio de Cuyabá em fins de junho daquelle anno de 1751, não encontrando até dezembro, apezar de continuas marchas e seguidos exames e de haver navegado aguas abaixo o Guaporé que depois subio, nada que o satisfizesse. Apontavão-lhe os entendidos a Chapada como excellente localidade, livre das enchentes, abundante em precioso metal e já povoada; mas Rolim de Moura, acampando afinal em um sitio chamado Pouso-Alegre, affeiçãoado aos exploradores dessa deserta zona, delle tanto se embellezou, que, contra a opinião de muitos do seu sequito, decidio alli seria a capital de todo o Matto-Grosso por lhe parecer preencher as instrucções de Lisbôa—facilidade de communicações pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira com o Amazonas e Pará e vizinhança da divisa hespanhola (2).

—« Ahi, dizia-me Cardoso Guaporé, é que se verificou em regra o *manda quem pôde*. Um sertanista chamado Cyriaco (o homem pronunciava Cyriáco) fez o possível para que se escolhesse lugar mais enxuto; mas Rolim de Moura embirrou, bateo o pé, não quiz ouvir a ninguem e chegou a ameaçar, que seria logo preso e remettido em ferros para Cuyabá quem se mostrasse desgostoso com o Pouso-Alegre e delle fallasse mal.»

Por esse expedito processo de convicção cahirão todas as objecções por terra, e definitivamente ficou

(1) A carta régia de D. João V a Gomes Freire de Andrade, governador e capitão general do Rio de Janeiro, creando os dous novos governos de Goyaz e Matto-Grosso, teve o *cumpra-se* de Gomes Freire a 27 de agosto de 1748, em Villa Rica.

(2) Rolim de Moura acampou no Pouso Alegre a 14 de dezembro de 1751; foi depois á Chapada e outros pontos e voltou nos principios de janeiro áquelle acampamento, onde por fim creou Villa-Bella.

fundada a povoação, erigida nos começos de 1752 (1) em villa com a denominação de Bella e sob a invocação da Santissima Trindade. Cumpre, porém, reconhecer, que o seu creador com todo o afan e sinceridade se empenhou em lhe dar o possivel incremento e prestigio, cuidando, em quasi quatorze annos de assiduo governo (2) de tudo quanto lhe fôsse util e até glorioso, já observando de perto os hespanhóes, tomando-lhes o passo e repellindo as suas pretensões, já abrindo estradas e tratando dos melhores meios de communicação com o littoral atlantico, já fundando povoados e centros de actividade agricola e pastoril, já buscando agremiar grande massa de indios em aldéas e junto a destacamentos militares— tudo isto, bem se sabe, de mistura com muita prepotencia e illimitado arbitrio, disposição moral que se fez mais sensivel, quando vice-Rey do Estado do Brazil, como todo poderoso conde de Azambuja.

Tres annos depois de constituida, não tinha, entretanto, Villa-Bella senão quinhentos e poucos habitantes ; mas, se lhe escasseava ainda população, sobravão-lhe esperanças do mais risonho porvir com a attenção que merecia do governo portuguez e do omnipotente marquez de Pombal. Apesar de tudo, difficil e penoso foi o seu crescimento, pois em 1815 só contava 2,115 almas, sendo o total maximo, na época de maior florescimento, de 2,354. No anno de 1819, recebeu então golpe mortal de que nunca mais se levantou, quando o nono e ultimo governador Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho propoz e, em 1820, conseguiu a trasladação da capital para Cuyabá, muito embora a tivessem, com aquella rival, elevado á categoria de cidade desde 17 de setembro de 1818.

D'ahi por diante só pôde enxergar alegria e brilho no seu passado, sem mais renovação possivel, quando via aportar ao cães do Guaporé, de que tanto se ufanava,

(1) A 19 de março de 1752; dia em que, segundo a *Descripção geographica da Capitania de Matto-Grosso, anno de 1797, Revista do Instituto*, tomo XX, pag. 283), tambem se levantou o pelourinho e forão nomeados capitão-mór e vereadores. O Dr. João Severiano, diz, que a erecção do pelourinho foi a 13 de maio, colhendo esta informação de um manuscripto da Bibliotheca Nacional; mas o auto da fundação de Villa Bella contraria e desfaz tal asseveração.

(2) Treze annos, onze mezes e quinze dias, de 17 de Janeiro de 1751 a 2 de Dezembro de 1764.

as *monções* vindas do Pará, ou enviava a Lisboa arrobas e arrobas de ouro, ou então acolhia em seu seio, no meio de intermináveis festejos e pomposas galas, os capitães generaes João Pedro da Camara, que substituiu a Rolim de Moura, Luiz Pinto de Souza Continho, depois visconde de Balsemão, ministro de Portugal em Inglaterra, secretario do Estado e tenente general e o celebre e bem-quisto Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, cuja benéfica administração de 13 de dezembro de 1772 a 20 de novembro de 1789 é ainda hoje lembrada, e que entregou o mando a seu irmão João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, o constructor da tão fallada obra sobre o rio (1). Era dos funeraes desse João, fallecido a 28 de fevereço de 1796 de febre pernicioso complicada com *macúlo* (2) após 5 annos e alguns mezes de governo, que me fallava, nos Moços, o velho Cardoso Guaporé.

(1) Tinha aquelle caes diz, o Dr. João Severiano, 300 metros de comprido e 3 de alto, flanqueado de baterias ligadas por uma cortina. Servia, ao mesmo tempo, de defeza á cidade, dique ás enchentes do rio e embarcadouro e constituia o mais aprazivel passeio da capital.

Em data de 12 de janeiro do corrente anno o Sr. João de Oliveira Mello me communicou a seguinte informação: « Do parapeito, e não cáes, manteu-se o Guaporé afastado oito mezes durante o anno uns 150 metros; mas quando o inverno é rigoroso, o rio transborda e invade as ruas da cidade, principalmente as do *Fogo*, *Santo Antonio* e *Tocos*, indo *igaritús* (pequenas embarcações) encostar aos degrãos das casas invadidas pela inundaçáo na distancia até de 500 metros de margem. D'ahi se conclue, que o tal cáes a nada obsta, tendo sido construido para conter o aterro necessario aos aprestos de marinha no flanco direito e a olaria com telheiros e competente forno no flanco esquerdo, ficando a meio desse rectangulo a capella de Santo Antonio.»

Em 1784, uma inundaçáo do Guaporé derrubou uma terça parte das casas, elevando-se as aguas dois palmos acima dos alicerces. A differença do nivel das aguas é ordinariamente de quatorze a quinze palmos (Leverger).

(2) *Maculo ou corrupçáo* é, segundo Weddel, uma febre ataxo-dinamica, cujo periodo de incubaçáo dura de 8 a 15 dias, fazendo depois terrivel explosáo com intoleráveis dores occipitales, febre continua e feilargia, durante a qual o sphincter anal por tal fórma se relaxa, que a mão inteira póde entrar no intestino do enfermo. O tratamento é todo applicado ao recto e consiste em introduzir substancias anti-septicas e violentas, polvora, limáo, herva de bicho e aguardente. (Castelnau, tomo III pags. 68 e 69). Ferreira Moutinho (*Noticia sobre a Provincia de Matto-Grosso* pag. 168), ahí como em muitos trechos, traduz Castelnau, sem indicar a fonte. Contou-me Guaporé que esse governador prohibira aos seus enfermeiros as applicaçóes usadas no tratamento do macúlo, ás vezes molho de pimenta atirado ás entas. e tal era o respeito e medo que inspirava, que lhe obedecêrão, embora em estado comatoso e inconsciente de tud .

Findo um interregno de mêzes, chegou Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que tomou as redeas do governo em Villa-Bella a 6 de novembro de 1796 e n'elle esteve até 15 de agosto de 1803, depois capitão general de Pernambuco e Marquez de Villa Real da Praia-Grande, homem diligente e de bastante esphera, embora altivo e violento, possuindo lettras e instrucção pouco vulgares n'aquella época (1). Por vezes, fez Caetano Pinto justiça

(1) Esse fidalgo escreveu memorias ainda hoje ineditas, e por sem duvida dignas de serem dadas a lume. Existem em poder do Sr. marechal reformado João de Souza da Fonseca Costa, visconde da Penha, casado com uma neta ou bisneta de Caetano Pinto. Fallando-me dellas, elogiou aquelle marechal com muitos encomios o methodo chronologico e a belleza da lettra. Na preciosissima e nunca assás consultada *Revista Trimensal do Instituto Historico*, ha curiosissimo documento de valor litterario de Caetano Pinto. E' a *Resposta* ao parecer do illustre Ricardo Franco de Almeida Serra sobre indios uaicurús e guanás (Tomo VII pags. 213 e seguintes) e não resistimos ao prazer de transcrever alguns trechos. « Este papel, diz o governador geral, é com effeito muito bem escripto e com esta razão fica bem compensada a demora de dous annos e oito mezes; demora a que Vm. foi obrigado em consequencia da difficuldade do objecto, das suas molestias e embaraços de guerra e dos embaraços ainda maiores dos mesmos indios, que pelos poucos que vêm a esta villa e á capital, avalio bem quanto lhe serão importunos, sem reflectirem no incommodo que dão e em que são mui diversas as nossas e as suas occupaões. Eu estou mandando tirar uma copia do dito papel, tendo emendado, ao mesmo tempo que o lia, os principaes erros e inadvertencias, que Vmc. não teve tempo de corrigir, e, logo que esteja concluida, a remetto para a côrte etc. A consequencia que Vmc. tira da organisação e systema politico dos uaicurús e da sua religião, usos e costumes é que só um *quero* daquelle Ente Omnipotente, que disse *faça-se a luz e a luz foi feita*, ou segundo a maior energia do texto hebraico que disse *faça-se a luz e houve luz*, seria poderoso para aldear estes indios de sorte que viessem a ser cidadãos uteis. Eu, ou porque não tenho tempo de fazer reflexões mais profundas, ou porque não os vejo e observo de perto, como Vmc. tem feito ha cinco annos e meio, não me conformo inteiramente com o seu parecer, parecendo-me antes vêr espalhadas já entre elles algumas sementes de civilisação as quaes, bem cultivadas, não deixarão de produzir algum fructo, ou tarde ou cedo. Conheço bem, quanto custa arrancar os homens da barbaridade para a vida civil; quanto custa accender a luz da razão em espiritos quasi apagados; formar novas vontades e ligal-as com alguns vinculos moraes; domar o impulso de uma natureza depravada, substituindo umas a outras paixões e creando alguma de novo» etc. Depois de justissimas ponderaões acerca dos dous obstaculos que enxerga na civilisação dos indios, um, a segregação em que vivem, outro «a falta de Orphêos e Amphiãoes que saibão mover estas pedras e tigres brasileiros» acrescenta: «A soberba desses indios *uaicurús* em parte procede do modo com que presentemente são tratados e de outra parte da posse e uso dos seus cavallos. Um homem montado em um animal soberbo

ao genio docil e polido e á indole hospitaleira dos habitantes de Matto Grosso, «gente que falla portuguez mais castiço que em todos os outros lugares da capitania» sendo, no periodo de sua governação Villa-Bella um centro de festas e divertimentos, cujos écos enchião os mais fundos sertões, repercutidos até nos longiquos sitios do Coxim e varadouro de Camapuan.

A Caetano Pinto succedeo, decorrido quasi um anno de intervallo, Manoel Carlos de Abreo e Menezes, que morreo de febres a 8 de novembro de 1805 e foi substituido por uma junta administrativa até á chegada, a 18 de novembro de 1807, do Dr. João Carlos Augusto de Eynhausen Gravenberg (2), depois marquez de Aracaty, o qual deixou excellente nome, o que não aconteceo com o fatal Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, cuja lembrança ainda hoje é ominosa a todo o Matto-Grosso e principalmente á cidade desse nome.

VIII

Em 1876, informou-me o tenente-coronel João de Oliveira Mello, orçava a população de Villa Bella em pouco mais de 800 almas, toda ella de côr preta e côr tão dominante, que as pessoas que o não erão merecião contagem á parte, formando o diminuto total de quatoze, e destas só duas reconhecidamente brancas.

Não mostravão as ruas da cidade o menor vestigio de calçamento, se é que algum dia o tiverão, e, como não

julga-se superior ao que anda a pé, e esta superioridade ainda se augmenta mais com o que o mesmo animal lhe dá sobre outros homens nas suas guerras, incursões, etc».

Contou-me pessoa bem informada que, ha pouco tempo, os manuscriptos de Caetano Pinto de Miranda Montenegro forão a leilão. Parece incrível!

(2) Deve ser Gravenberg e não Gravenburg como dá a *Descrição Geographica* (Tomo XX da *Revista do Instituto*, pag. 286) ou Gravensberg, segundo o Dr. João Severiano. O nome Eynhausen é constantemente citado errado, pondo-se o y antes do e, o que impossibilita o diphtongo allemão *ey* o melhor *öy*. Deve escrever-se Oynhausen, com o grande tremado. Gravenberg é uma povoação perto de Krems, na Austria.

poucas ficão abaixo do nivel do Guaporé, distante umas duzentas braças, continuas erão as inundações, vendo-se por toda a parte os residuos das vasantes em charcos e poças, de prompto cobertos de vegetação. De todos os lados, compactos matagaes de fedegoso e vassourinha occultão cobras e commumente tambem não poucos jacarés vindos do rio, embora pequenos. Como compensação, nos largos e descampados cresce viçosa e folhuda grama á maneira de vistoso tapete.

Raro é o edificio publico ou particular que não esteja fóra da vertical ou não tenha desabado em parte ou quasi todo; as igrejas muito abaladas, contendo alfaias de prata, tão sujas que parecem de qualquer outro metal, ferro enferrujado ou cousa semelhante, e frequentadas quasi exclusivamente por nuvens de morcegos, que nellas pousão á noite; do tão fallado cáes, nem mais vestigios, senão lages destacadas, algumas das quaes fôrão levadas da margem do rio para uma especie de trilha calçada e, no meio de toda essa desolação, um povo abastardado, presa de molestias periodicas e vivendo em dura miseria, que nem parece mais sentir. Entretanto, cousa curiosa, as telhas não envelhecem nem crião musgo com o tempo e ficão cada vez mais vermelhas, como se fôssem novas, tão boa é a qualidade do barro de que fôrão feitas; o que tambem se observa nas povoações abandonadas que cercão ainda a cidade. Gramados e côr das telhas, eis a unica nota risonha desses logares todos; os de Casalvasco então são esplendidos.

O palacio, além de ter ficado a meio construido e já estragado, patenteia ainda a solidez da edificação, todo cheio de gotteiras, com as portas presas por gonzos paralysados pela ferrugem. O quartel, igualmente maltratado, é vasto, vastissimo até para a reduzida guarnição que o occupa, pois a força de 100 homens destinada para todo o districto militar de Matto-Grosso é obrigada a dar contingentes de 15 a 20 praças para o forte do Principe da Beira e outros pontos até o registro do Jaurú, a mais de 230 kilometros. Só aquelle forte chegou a ter dentro de si e nas immediações para cima de 500 homens.

« O termo da cidade de Matto-Grosso, diz o Sr. Oliveira Mello, consiste actualmente em pequeno numero de casas, no geral prestes a desabar; em um diminuto agrupamento de palhoças á margem esquerda do rio Guaporé, habitadas por gente que vive escassamente de minguada lavoura; na quasi extincta povoação de Casalvasco, séde da fazenda nacional de gado vaccum; no moribundo arraial de S. Vicente, cujos habitantes se occupão em faiscar ouro; e em destacamentos distantes, do qual o mais afastado é o do rio Jaurú. Os arraiaes Chapada, Pilar, Santo Amaro e Lavrinhas fôrão successivamente abandonados, annos depois da mudança do governo para Cuyabá, sendo certo que em favor daquelle primeiro ponto, muito instado fôra Rolim de Moura para que alli erigisse a capital e não onde afinal construiu elle Villa-Bella, logar essencialmente pantanoso e sezonal-tico.

« Toda a estrada que deste ponto conduz a Villa-Maria, hoje S. Luiz de Cáceres, foi, em épocas passadas e de grandes esperanças, povoada de lavradores, fazendeiros e senhores de engenho. Lavrinhas, um dos locaes em que por mais tempo persistio alguma população, ficou em 1873 completamente deserto, de maneira que toda essa zona, centro outr'ora de grande actividade agricola, que ajudava a pesquisa e a industria mineira do ouro, constitue presentemente extensa solidão, cortada de indios, que de vez em quando exercem tropelias, fazendo victimas na pouca gente que podem encontrar e roubando o que achão, sobretudo rezes.

« Dessa estrada não restaráõ em breve senão vestigios, pois os madeiros derrubados pelas ventanias, as chuvas grossas do verão e o vigor da vegetação a obstruem quasi completamente. Entretanto, as terras são por toda a parte riquissimas, quer exploradas pela industria, quer pela agricultura. Ha muitas minas de ouro, já trabalhadas no seculo passado ou ainda intactas, abundancia enorme de ipecacuana (poaia) principalmente ás margens do rio Galera e nas do Guaporé grande quantidade de seringaes, sobretudo da fóz do Verde para baixo. A producção da lavoura é simplesmente estupenda;

cincoenta litros de milho produzem ordinariamente vinte mil litros e, na mesma proporção outros cereaes.

« De Lavrinhas, Chapada, Pilar, Ouro-fino, rio Sararé, Rosario, Burity, Conceição, S. Vicente e Santa Anna, foi que os portuguezes tirarão mais ouro, cuja qualidade sempre mereceu mais apreço que o de Cuyabá e do districto do sul.

« Na inercia e no radical abandono, em que jazem esta cidade de Matto-Grosso, conclue o meu informante, e todo o districto militar, não admira o nenhum caso que os bolivianos fazem das nossas fronteiras, vindo extrahir borracha nas margens esquerdas do Rio Verde e Guaporé, tendo até nellas assignalado a sua presença e permanencia com grandes roçados.»

IX

De todas essas indicações de Oliveira Mello desaparecêra aquelle toque de impressões vivas, muitas de feição artistica, transmittidas por meu tio Adriano e corroboradas pelas minhas conversas com Cardozo, Guaporé. Onde os symbolos da grandeza imposta pela successão de notaveis governadores, representantes da autoridade suprema dos reis de Portugal? Onde aquelles palacios e signaes do passado poderio? Onde os frescos e as pinturas das muralhas, os paineis? Onde o cães? Onde o éco das festas de outr'ora? Onde as igrejas com riquezas que ainda devião existir e as muitas alfaias citadas, como eu ouvira, nos confins de Matto Grosso? Porventura tudo se havia aluido, arrazado e reduzido a pó informe, sem mais possibilidade de reconstrucção; tudo se desmoronára, deixando que as lendas e a imaginação do povo se incumbissem de guardar tradições, que por certo hão de ser engrandecidas e exageradas, ao passarem de geração em geração?

Verdade é que fallava um militar com seus habitos de concisão e seccura, e militar tão modesto, que jámais fizera valer os seus muitos serviços e o alto valor pessoal que o distinguia. Contára laconicamente aquillo que lhe

parecêra dever dizer como mais prompta resposta á minha indagação e não procurára perguntar ás ruias que o cercavão a historia do passado, estudando nellas cousas que naturalmente pouco importão ao mundo, entregue todo a interesses de momento, no torvelinho das paixões pessoaes e egoisticas que o havião pungentemente combatido, atirando-o, a elle, verdadeiro heroe de uma epopéa de humanitaria abnegação, em um recanto de cidade a esboroar-se e a viver vida de mortos!...

Demais, nada para abater o estímulo, para extinguir o desejo de trabalho e a vivacidade de indole, para aniquilar a curiosidade e suffocar qualquer scintella, como a solidão, o degredo, a falta de convivencia e do attrito social. O sabio, o proprio sabio, dedicado de corpo e alma á sciencia, possue-se, longe dos homens e no retiro do isolamento, de singular egoismo—estuda, de certo, e lê incessantemente, analysa, compulsa, conjectura, esmerilha, mas tudo para si, para um contentamento todo intimo e subjectivo de indagar a verdade e conseguir affirma-la na esphera de investigações em que se agita o seu espirito; dalli, porém, não passa; e, quando poderia encher livros e livros com as mais extraordinarias revelações, demoradas pesquisas e preciosas descobertas de indiscutivel character, ao morrer, nada mais deixa do que informes rascunhos e destacadas notas, reminiscencias de um espirito occupado só de si, esquecido dos outros e alheio ao resto da humanidade, que delle esperava muita luz, muita certeza! Que fez Bonpland após tantos annos de absoluta reclusão no Paraguay, a principio forçada, mas depois filha da sua vontade exclusiva, que punha todo o empenho em viver longe da Europa? Que fez Lund, depois de tantos decennios na Lagôa Santa, quando o mundo scientifico anceava pela continuação dos seus primeiros e admirados trabalhos paleontogenicos e geologicos? E quantos mais?

Fôrão absorvidos pelo encanto da solidão, como que embalados por mysteriosa rede que, em doce e entorpecedor moimento, só lhes consentia meditação para si. Identificá-rão-se cada vez mais com a natureza, sempre vacillantes entre dous impulsos igualmente instantes e poderosos,

a aspiração de penetrar e desvendar muitos dos seus segredos e processos, mas ao mesmo tempo o zelo de occultá-los aos mais, nessa admiração immensa pela criação inteira, repassada já de compaixão por quantos ou não a comprehendem ou a comprehendem a meio, já de desprezo por aquelles que fazem da sciencia apparatuso espectáculo ou então degrãos de escada a ambições terrenas.

X

Desanimou-me um tanto a escassez de subsidios fornecidos á minha consulta, e, durante muitos annos, deixei de aproveitar as notas enviadas por Oliveira Mello; mas nem por isto dei de mão ao estudo, que hoje levo por diante, consultando com singular interesse, quanto livro me fallasse da cidade de Matto-Grosso e do rio Guaporé.

Quem me satisfez um pouco mais, depois das concisas indicações de Ricardo Franco de Almeida Serra (1) e Luiz de Alincourt (2), foi Francis de Castelnau na sua *Historia da expedição ás regiões centraes da America do Sul*, do Rio de Janeiro a Lima e de Lima ao Pará, executada por ordem do governo francez durante os annos de 1843 a 1847 (3).

Liga-se a Castelnau a merecida fama de leviano e pouco escrupuloso nas suas informações, algumas das quaes, sobretudo na glottica dos aborigenes, não merecem a menor confiança. Em datas, então, os erros são continuos e flagrantes, e naturalmente acontecerá o mesmo com as historias e aventuras (4) que conta e que deverão encontrar no leitor credito sujeito a muitas duvidas.

(1) *Revista do Instituto*, tomo XX pag. 427.

(2) *Annaes da Bibliotheca Nacional*, tomo III pag. 47.

(3) Tomo III pags. 64 e 65.

(4) Em geral exagerado, é de um humorismo improprio de viajante scientifico. Assim diz que «o animal que montava podia passar sem comer, sem beber tempo illimitado» e, ao descrever Santa Cruz de la Sierra na Bolivia, assevera que a proporção dos homens para as mulheres é de 1 para 30.

Entretanto o que delle li sobre Villa Bella me impressionou, e por isso traduzo o trecho inteiro :

« Foi fundada a cidade em 1754 (1) pelo conde de Azambuja, primeiro governador da provincia, á margem direita do Guaporé e a pequena distancia do rio, junto a cuja borda se erguerão algumas casas. São as ruas muito melhor alinhadas que as de Cuyabá, mas nenhuma é calçada nem illuminada. Entre os mais notaveis edificios se apontão: o palacio dos antigos governadores, occupado hoje (Castelnau lá esteve em 1845, chegando a Villa Bella a 10 de junho) pelo tenente-coronel commandante superior da fronteira, extensa casa terrea bem construida e mostrando no interior vestigios do seu passado esplendor ; na praça do palacio, o quartel e a camara municipal ligada á cadêa ; a mátriz da Santissima Trindade, cujos planos erão vastos, mas que ficou inacabada ; a igreja do Carmo, a mais antiga da cidade e sita em quarteirão quasi de todo abandonado ; a antiga casa da Fundição, onde se reduzia a barras o ouro das minas ; em fim o paiol da polvora, á margem do Guaporé e perto da bonita capella de Santo Antonio, de cujo terraço se goza magnifica vista de toda a região que cerca Matto-Grosso. Defrente, e do outro lado do rio, alteião-se os morros do Grão Pará (2).

« As casas são todas ao rez do chão ; uma unica tem um andar, mas é uma casinhola. Contão, que, no tempo colonial, um morador rico chamado Manoel Alves, querendo edificar um sobrado na praça do palacio, teve ordem de parar com as obras, afim que um particular não morasse em habitação mais alta que o paço, e este edificio ainda está por terminar... Nos tempos de prosperidade havia na cidade 1,200 escravos e mais de 800 homens de tropa ; hoje a população total é inferior a 1,000 almas... Sempre me havião fallado dos archivos dessa antiga capital como deposito de documentos graphicos de

(1) Como já se vio, foi em 1752, dous annos antes.

(2) A serra toda tinha os nomes de Grão-Pará, da Villa, do Verde ou das Torres. O Sr. João Severiano propoz o de Ricardo Franco, em honra áquelle celebre engenheiro militar.

grande interesse: contava eu alli achar os roteiros dos intrepidos aventureiros de S. Paulo, que penetrarão primeiro que ninguem nessas regiões, affrontando incriveis perigos, e sabia que Ricardo, Lacerda e outros sabios portuguezes da commissão demarcadora das fronteiras, lá havião deixado copia dos seus bellos trabalhos. Não foi sem difficuldade que obtive autorisação de estudar esses archivos... e quando lá penetrei, verifiquei que os ratos e o cupim tinhão destruido todos os papeis, cahindo os documentos em pó, mal se bulia nelles...»

Fez Castelnau a viagem de Villa Maria a Matto-Grosso pela estrada de que falla o Sr Oliveira Mello e, referindo os incidentes da sua jornada, mostra-nos a importancia que tivêra aquella linha de communicação; logo no começo, a fazenda realenga de Cahissava, que chegou a possuir 12,000 cabeças de gado, depois a do Páo-Secco, o destacamento do Registro, sujeito aos ataques dos indios cabaças, conhecidos tambem por outro nome demasiado pornographico (1), e as magnificas florestas, que concorrerão para dar a toda a capitania a expressiva denominação de Matto-Grosso.

Atravessava o caminho o povoado de Lavrinhas; muito rico outr'ora pela grande porção de ouro que déra, tendo chegado a possuir população de quasi 700 almas, reduzida, no anno em que o visitára Castelnau, a 120 pessoas. Depois desse ponto recomeção densas mattarias, animadas por innumera quantidade de animaes e aves, até á ponte no Guaporé, obra d'arte que pela sua importancia, sobretudo em tão distantes páramos, excitava a admiração de todos e impunha até respeito aos mesmos selvagens, que, se a destruirão queimando-a, foi só em parte. Tinha, ou antes, ainda tem 40 metros de comprimento sobre 3 de largo, e do local dá Castelnau bella descripção.

« Chegado, diz elle, ao meio da ponte, desci de cavallo e apoiei-me ao parapeito a contemplar aquella

(1) Vide a nota, que, á pag. 46, tomo 3.º da sua viagem, Castelnau, de accordo com o conhecido verso de Boileau: — *Le latin dans les mots brave l'honnêteté* — pôz em latim.

corrente, que (1) deslisava tranquillamente ante mim, levando as aguas a regiões desconhecidas até attingirem o Amazonas, o rio-gigante, nessa época o objectivo mais desejado dos meus sonhos. No quadro que me ficava em derredor reinava a mais completa calma; era o calor abafado, e nenhum sopro agitava os ramos das negrejantes mattas que, de lado a lado, formavam altas muralhas de sombria verdura. De repente, o disco da lua venceo o cume das mais altas arvores e illuminou com a sua luz serena aquella scena toda, cujo aspecto num momento se transmudou. Das moutas da ribanceira erguêrão-se logo as vozes e o coaxar tão varios de rãs e sapos, e do fundo dos bosques surgirão os urros e miados de onças e grandes gatos sylvestres. Os crocodilos, dando prolongados roncões, puzerão-se a perseguir no rio cardumes de peixe; accenderão os pyrilampos os seus lumes; e as aguas, que pouco antes só se destacavão da escura payzagem pela alvura, subitamente se dourarão com os reflexos quebrados de brandos clarões. Ao mesmo tempo, aves nocturnas encetarão o seu concerto de gritos e pios, ao passo que enormes morcegos, voejando em torno de nós, nos tocavão com a ponta das azas. O mundo animado, que por instantes se calára ao cahir do sol, recomeçava a dar signal de si; e essa repentina mudança tinha algo capaz de sacudir o mais indifferente viajante. Estavamos sós no meio dessa região selvatica, e os sons que nos ferião os ouvidos tomavão feição tão singular, que os nossos animaes de montaria relinchavão e se mostravão inquietos; o menino, meu guia, poz-se a chorar e todo medroso se encostou a mim. Uma hora depois, fizerão-se ouvir os gritos dos camaradas, e em tudo quanto tão vivamente me impressionára, nada mais vi do que uma scena commum á vida das florestas. »

(1) Adiante diz Castelnau: « Esse Guaporé tornou-se fatal a um viajante francez, cuja prematura morte foi das mais lamentaveis: refiro-me ao Sr. Taunay, irmão do nosso excellente consul no Rio de Janeiro, que acompanhava o Sr. barão de Langsdorff na sua viagem ao interior do Brazil. »

XI

Na *Noticia da situação de Matto-Grosso e Cuyabá*, por José Gonçalves da Fonseca, impressa na *Revista do Instituto*, tomo XXIX, parte I, pags. 352 e seguintes, infelizmente falha de data, encontrão-se informações minuciosas e bem coordenadas (1). No anno em que escreveo. dá aquelle chronista para a população de Villa-Bella, entre brancos e mulatos, 80 pessoas e 1.100 negros de Guiné e crioulos, constando sahir das minas em derredor, um anno por outro, 50.000 oitavas de ouro. Ao mesmo tempo, indica a escassez dos generos alimenticios e o preço exagerado a que subião, chegando a custar o alqueire de sal 30\$940 (2), sendo o preço mais acomodado de 25 a 30 oitavas de ouro. O alqueire de feijão ou farinha alcançava duas oitavas; cada porco, em sua perfeita criação, diz o autor, 25; a arroba de vacca 2 oitavas; gallinhas 3/4 de oitava e patos 1/2 oitava.

« A igreja matriz de Matto-Grosso, refere Gonçalves da Fonseca, está edificada de pedra e barro, de uma só nave e occupa sufficiente área á proporção do povo, na baixa da lombada, onde desce a construcção do arraial: está paramentada com asseio, tanto a capella-mór como os dous collateraes que tem no vão do arco que divide a mesma capella do corpo da igreja, de decentes ornamentos para a celebração das missas solemnes e ordinarias. Não tem ainda sacrario para deposito do Augustissimo Sacramento do Altar; razão por que se não leva por viatico aos enfermos e sómente se lhes ministra a extrema-uncção na fôrma permittida pela igreja. »

Idéa mais impressionista do que seja actualmente e ha muitos decennios tem sido a infeliz cidade de Matto-Grosso nos incute a leitura do livro um tanto informe e

(1) Esse autor dá ao rio Guaporé o nome de Aporé, talvez mais conforme com o appellido da tribu indigena que habitava as margens, *aporés* ou *uaporés*. Tambem de *uands*, *uaicurús*, *uatós*, etc., fizeram os portuguezes *guands*, *guaycurús*, *guatós*, etc.

(2) O alqueire de sal já chegou a custar em Villa-Bella, em tempos de penuria, 450\$000. Actualmente fôra barato o preço de 30\$000, que dá Gonçalves da Fonseca. Nos Morros, paguei por uma simples colher de sôpa 8\$, e assim mesmo era sal impurissimo.

massudo do Sr. Joaquim Ferreira Moutinho, *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* (1), o qual encerra indicações bem curiosas e aproveitaveis. e de permeio muitos trechos de duvidoso acerto, ou exagerados ou copiados sem discrição de outrem e até de simples jornaesinhos.

Viajou o autor aquelles lugares todos, tendo percorrido o districto do norte em 1854, e muitissimo mais valioso e util é ao contar singelamente o que vio e observou, do que a se espriar em considerações philosophicas, a alardear erudição e a reproduzir e citar pretendidas autoridades.

Onde leu elle, em 1869, descripções feitas por Langsdorff, quando a respeito da viagem desse naturalista a Matto-Grosso a cousa unica impressa é o rascunho do *Diario de Hercules Florence*, por mim traduzido e publicado no anno de 1875 (2)?

Chega a encarecer com grandes elogios os *Bandeirantes*, de Mendes Leal, pasmo da exacção com que o escriptor portuguez descreve no seu desastrado livro (3) a natureza dos apartados sitios do Pilar, S. Vicente e Jaurú; e, entretanto, aquelle romancista, querendo infundir muita côr local ao assumpto, claudica nas menores indicações. Dá, por exemplo, á *araponga* o trillo monotono das notas meliodiasas, ao *bemtevi*, corpo alourado e topete branco, quando a avesinha tem corpo esbranquiçado e topete amarello vivo (4), diz que as *bromelias cingem, com pernadas, estreitão, cobrem e suffocão as arvores a que se abração* e outras inexactidões, algumas até do maior ridiculo.

(1) Traz a data de 1869 e tem 313 paginas in-8º grande e mais 83 paginas de um roteiro de Cuyabá a S. Paulo; tudo nial impresso e em mão papel.

(2) Revista do Instituto, tomo XXXVIII etc.

(3) *Noticia*, etc., pag. 229.

(4) Ha quatro especies de bemtevis (tyrannus): *forticatus, pitanga, audax e sulphuratus*, este mais commum de todos, com o peito amarello de enxofre, azas e corpo côr de tijolo, pennas pretas nos frontaes. Todos quatro tem topete amarello vivo (Descourtilz.— *Ornithologia Brasileira*, pag. 20, mappa 22).

Nos vocabularios dos indios copia de modo escandaloso Martius e Castelnau, de modo que em muitas palavras apparece o *v* com o som de *f* e o *w* com o de *v*, além dos diphthongos *ai* francez por *ê* e *ou* por *u*; e o mais curioso é que, *pour inspirer de la confiance*, censura severamente esses processos summarios de apropriação, «julgando, nos casos de divergencia com outros autores, não dever afastar-se em nada, do que praticamente aprendêra com os proprio indios.»

Aliás, até contando o que vio é por vezes hyperbolico, empolado e fica sujeito á censura. Assim falla muito no caés de João de Albuquerque e o dá como ainda existente no anno em que esteve em Matto-Grosso, sujeito porém ao estrago dos commandantes da fronteira (1), ao passo que de tal caes mal havia vestigios, segundo autores mui anteriores e o que delle foi parcamente aproveitado não tem importancia, conforme bem pondera o Sr. Dr. João Severiano. (2)

Depois, a cada passo se notão demasiadas coincidencias: assim Weddell, na sua viagem, pinta o estado de miseria dos indios cabaças-bororós do Jaurú, assolados pela fome e pelos bernes; e tambem nesse mesmo estado exactamente os vio, dez ou mais annos depois, Ferreira Moutinho. Ainda em relação aos quintaes e ás hortas de Villa Bella, encontrou as arvores fructiferas, o pomar e as hortaliças, que menciona Ricardo Franco de Almeida Serra, no seu relatorio de 20 de agosto de 1790!

Do palacio diz elle: «A sala do docel era, além de espaçosa. perfeitamente decorada. Restão hoje dos seus ricos ornatos as molduras douradas e alguns quadros dos

(1) « O unico lenitivo, conta elle, que encontravamos á monotonia do eimo era passear á margem do Guaporé no lindo caes de S. Antonio, contemplando dessa obra, uma das melhores de Matto Grosso, o continuo correr das aguas tributarias do Amazonas. » E, depois de evocar a sombra de João de Albuquerque para castigar os que lhe destruíão a obra monumental, accrescenta: « Arrancar o parapeto de um caes immenso e bem feito, ao seguir uma linda alameda que sombreava a igreja de Santo Antonio, edificada no centro, destruir esse marco da cidade que hoje custaria centenaes de contos de reis, é de revoltar o honrem mais cynico » (*Noticia* etc. pags. 154 e 155.)

(2) *Viagem ao redor do Brazil*, tomo 2º, pag. 82.

reis de Portugal, que, por desconhecidos dos modernos, não têm encontrado um amigo que lhes dê guarida em sua casa.

« As bellas cadeiras de espaldar, forradas de excelente damasco da India (1), contrastão com o resto da mobilia das habitações em que se achão, parecendo protestar contra tal rebaixamento. O rico archivo estragará-no as traças. E' tal a decadencia de Matto-Grosso, que os seus habitantes, morando em casas muito espaçosas, vão fechando as salas á medida que nellas apparecem gotteiras, até que não tendo mais quartos, se mudão para outra casa, pois custa alli muito menos uma grande propriedade, do que pequenos concertos. Vendeu-se, quando lá estivemos, um valioso sitio á margem do rio, tendo excelente e vasta morada, esplendida capella interior com obras de aprimorado gosto, grande e bem feito engenho, paiões, senzalas, tudo coberto de telha e em bom estado, com immenso e variado pomar bem fechado, ricos pateos ladrilhados, laranjal e muito terreno de plantação com boas mattas, pela quantia de 200\$000. Uma casa nobre dentro da cidade em esquina, toda envidraçada, com quatro salas de frente, rico e abundante poço d'agua, grande pateo cercado de quartos, estrebaria e largo quintal murado com muitos arvoredos de fructa e 14 a 16 pés de côco da Bahia, por 180\$. Em Cuyabá, valeria pelo menos de 30:000\$ a 40:000\$ qualquer das duas propriedades.

(1) A' Princeza Imperial Sra. D. Izabel condessa d'Eu offertou a Exma. esposa do Sr. General Mello Rego, de volta de Matto-Grosso em 1888, uma bellissima e toda ornamentada cadeira que pertencêra ao primeiro ouvidor geral da capitania do Cuyabá e Matto-Grosso, o Dr. Manoel Fangueiro Fracesto. Essa cadeira, cujo trabalho de talha é muito notavel, eslá hoje na Europa.

Fangueiro viêra de Cuyabá substituir o Dr. Fernando Caminha de Castro, uma das primeiras victimas notaveis do clima da Villa Bella: ahi chegado em 1755, logo falleceo. O primeiro ouvidor nomeado de Lisboa foi o Dr. Manoel José Soares que entrou em villa Bella em agosto de 1761 (Felippe José Nogueira Coelho, manuscripto do Instituto Historico, pag. 64): « nomeado por Carta Regia em que se ordena que o governador da Capitania lhe dê posse por não haver tempo para se lhe passar a costumada pelo Desembargo do Paço, como se deixa ver do 3.º regulamento da Ouvidoria f. 125. A tenacidade do ouvidor que foi João Antonio Vaz Morilhas em não querer sahir da Villa do Cuayabá, sendo já suspenso por ordem real lhe produzio a prisão por ordem, fazendo-se lhe sequestro em mais de 12 mil oitavas pela achada de bastantes, ainda que pequenos, diamantes, o que bem consta dos autos da provedoria n.º 484. Forão 12.901 oitavas. »

« Prova isto o descambar da cidade para completa ruina. Daqui a poucos annos, a continuar no mesmo decrescer, ha de o viajante penetrar de machado em punho para poder abrir um trilho e certificar-se de que foi ahi a grande cidade de Matto-Grosso, pelas pedras que encontrar com preciosos labores.»

Da matriz da Santissima Trindade, que Ferreira Moutinho chama cathedral, porque Castelnau assim tambem a denomina, cita elle a parte acabada, cheia de magestosas obras d'arte e diz que lá encontrou «ajoelhado sobre a campa das sepulturas de homens distinctos e altos funcionarios enviados pela côrte de Lisboa o nome de Ricardo Franco de Almeida Serra (1)», quando esse denodado militar e eminente engenheiro foi enterrado na capella de Santo Antonio como adiante veremos, e não naquella igreja; e isto não soffre contestação.

Do aspecto geral refere Moutinho o seguinte:

« A cidade perfeitamente edificada, com ruas muito iguaes e bem alinhadas, riquissimas igrejas, excellente palacio, quartel, uma bôa cadêa, paço da camara, casas de muito gosto e maiores que as de Cuyabá, é hoje invadida pelo matto, que vai abrangendo tudo, crescendo nas ruas a uma altura incrível, por onde se anda numa vereda estreita, que dentro em pouco desapparecerá talvez. Quando lá estivemos, contavão-se apenas 5 pessoas brancas habitando o lugar. O povo é extremamente humilde e obsequioso, bastante sincero, imperando ainda por lá muitos costumes portuguezes. O modo de fallar é mais limado do que no resto da provincia. »

XII

Veio a obra do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brazil* (2), satisfazer em todos os

(1) Absolutamente como Castelnau. Vide tomo 3, pag. 68.

(2) Essa obra, dedicada ao Instituto Archeológico e Geographico de Alagôas, refere-se aos annos de 1875—1878. Impressa em dous volumes na typographia de Pinheiro & C. rua Sete de Setembro n. 157, traz o primeiro dos tomos a data de 1880, o segundo a de 1881. Tem este 403 paginas e aquelle 399, in 4º grande, ambos ornados de não poucas vinhetas, plantas e mapas.

pontos a minha curiosidade, confirmando e avivando tudo quanto me deixára entrever a correspondencia de meo tio Adriano e nos Morros me contára Cardoso Guaporé. Tudo alli achei descripto com a maior minudencia e fidelidade, vibrante de emoção e com o expressivo cunho da melancolia, que um espirito cultivado não pôde deixar de sentir ao remexer em cousas de outros tempos.

Arrependi-me até — francamente me arrependi — haver encetado a presente monographia, encontrando tão bem concatenadas todas as informações desejaveis e por quem, visitando demoradamente esses lugares, a elles levava não só agudo habito de observação, como tambem o culto do passado e o olhar synthetico do viajante que busca reconstituir periodos da historia, vendo preciosos rastos nas menores indicações, já uma pedra lavrada, já truncada inscripção, já um desenho ou simples arabesco, senão até rudimentares rabiscos mais ou menos artisticos nas suas combinações e entrelaçamentos.

Dos frescos do palacio dos antigos capitães-generaes falla extensamente, descrevendo-os em linguagem animada e pitoresca e de alguns fazendo até menção bastante longa. « Seus salões, diz elle — tratando do palacio e, não ha remedio senão reproduzir por extenso todo este trecho — salões primitivamente pintados a oleo mostram ainda sobre as portadas, nos fôrros e lambrequins, frescos no estylo de Watteau e Lancret, mais ou menos originaes, ora allusivos ao paiz, ora aos governadores. Aqui, é uma cachoeira que obstrúe a navegação — os indios varão as canôas por terra, alando sobre rôlos e empuxando á força de braços as grandes, e as pequenas levando-as aos hombros — recordação dos saltos do Madeira. Alli, num theatro campesino graciosamente decorado de ramada e fiôres, representa o scenario não um *auto*, apezar de dirigido e contraregrado por missionarios, em cujos nedios semblantes se lê a satisfação de autores — mas choréas mythologicas, onde as nymphas são formosas caboclas semi-vestidas e cujas fórmulas, por exuberantes, parecem estudadas com alguma hyperbole. Noutros frescos, o artista ou copiou paisagens estranhas ou se entreteve em reproduzir simples recordações do passado: são campos

levados, os gelos da Russia ou da Scandinavia com seus pinheiros e álamos, trenós, rhenas e louras friorentas embuçadas em arminhos e pellucias. Aqui, são castellos impossiveis sobre alcantís impraticaveis ou de difficilimo accesso; alli, granjas do Minho ou do Alemtejo, representadas com alguma naturalidade, dando-se o devido desconto á inventiva do artista, aos seus conhecimentos da arte, mórmente em perspectiva e á pobreza das tintas, onde o vermelho predomina.

« No fórrô do salão de jantar ha uma Hebe não mal desenhada, contornos suaves, posição feliz. Numa portada da ante-camara, uma dama, trajada de amplo vestido escarlata, em gestos de quem vehementemente impreca um gordo e roliço capitão-general, que, de fardão igualmente vermelho e á pôpa de um galeão onde fluctuão as quinás—lá está, cercado de seus officiaes de sala, no tamanho e compostura mais semelhantes a meninos do côro—e com o senho compungido e a mão direita nos bofes da camisa, como que a comprimir o coração, finge o hypocrita que a alma se lhe despedaça e elle, martyr do dever e da patria, parte saudoso e triste. »

E não é, perguntaremos, intercalando um parenthesis a estas curiosas citações, não é devéras invejavel a situação moral do viajante que de repente se acha, no fundo dos sertões da America, diante de semelhante quadro, a reproduzir com todas as suas ingenuidades o classico episodio de Enéas e Dido? Quem seria esse capitão general? Rolim de Moura? Pedro da Camara? Luiz de Cáceres, tão bom, tão sympathico e popular, Caetano Pinto ou Eynhausen? (1) De certo, não se refere aos infelizes João de Albuquerque ou Abreu e Menezes, ficados para sempre em Villa Bella, victimas das febres

(1) Como já fizemos notar, muitos escrevem erradamente Eynhausen. Vide a tal respeito as minuciosas notas de Augusto de Saint Hilaire—*Voyage dans les provinces de Saint Paul et Sainte Catherine*, pags. 278 e 279, tomo I, em que dá tão interessantes noticias dos dous ultimos governadores capitães-generaes da capitania de Matto-Grosso e Cuyabá, por tel-os conhecido pessoalmente: « Eynhausen, de feição germanica, pois era filho de um conde allemão e de uma senhora portugueza de alta gerarchia, tinha educação aprimorada, fallava bem francez e mostrava-se homem de sociedade (*de bonne*

e até do *macúlo*. Que dama fôra aquella, merecedora em sua infeliz paixão de semelhante consagração? Simples allegoria, como pretende o Sr. João Severiano, ou reprodução de trecho quasi historico? Os taes senhores governadores, cada qual na sua esphera e pondo em applicação as theorias commodistas e desmoralisadoras de Luiz XIV, que tanto fascinárão os reis e potentados do seu tempo e do seculo seguinte, não se incommodavão nada na revelação de incidentes mais ou menos intimos, que lhes afagava o amor proprio. E não é que das suas pretendidas condescendencias emanava orgulho e honra para muitas familias? Quantos em Goyaz não se ufanão de descender por bastardia do marquez da Palma (1)?

E essa despreoccupação no alarde de bem faceis triumphos se manifesta em outra pintura, de que nos dá noticia o cuidadoso viajante :

« Sobre a entrada da camara de dormir, um distico francez, paraphrase de dous versos da *Henriade* :

« *C'est ici, qu'en cherchant les douceurs du repos,
Les folâtres plaisirs désarment les héros.* ».

compagnie) embora um tanto deleixado no trajar. Fez excellente administração em Matto-Grosso. Todo o contrario fôra o marechal de campo Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, valido do Conde de Linhares, especie de gigante com uma cabeça redonda em pescoço muito curto, brutal, de máos costumes e ca-ado com uma mulher, com quem vivêra muito tempo amancebado. Foi tomar conta da sua capitania acompanhado de uma chusma de verdadeircs salteadores, estado maior que no caminho praticou um sem numero de tropelias, toruando-se tambem notavel a mulher pelo espirito de baixa ganancia a mandar vender em Goyaz fazendas. Atinal foi ignominiosamente expulso de Cuyabá, quando se proclamou a Independencia. »

(1) Lembra-me esta referencia uma anecdota historica. Alguem que fôra á casa de um desses fidatgos da mão torta, aborrecido de espera-lo em vão e vendo á parede um quadro daquelle marquez, ornado de rica moldura, escreveu a lapis, antes de se retirar despeitado, a seguinte quadrinha, que deixou presa por um alfinete :

« Do seu pai por ser marquez
Tem o retrato na sala ;
Mas da *dama* que o pirio
Não tem retrato nem falla. »

(Em vez de dama havia palavra muito mais energica).

claramente explica o fresco, que representa um governador do typo de Henrique IV, olhos magancs e barba pontuda n'um rosto perfeitamente oval, sentado no leito e attrahindo a si a Dulcinéa; e bem mais claramente explica a facilidade de costumes desses modernos satrapas.

« E' tambem de admirar-se o acabado de certos objectos de ornamentação que ainda ahi existem; entre outros destacão-se as fechaduras e algumas ferragens das portas pelo fino e delicado do trabalho. »

Os dous quadros, citados com tanto enthusiasmo por Cardoso Guaporé, alli estão no salão principal « retrato de D. João VI e da rainha D. Carlota, sem assignatura, mas de um pincel educado. »

XIII

Aliás tudo quanto me narrára o velho preto vi, com verdadeira emoção, confirmado de modo bem expressivo e singular no livro do Sr. João Severiano: o lampadario de Casalvasco lá está mencionado; até o *passo* do Alegre, tão poetico e procurado para os *pic-nicks* d'aquelles tempos, os *convescotes*, conforme o neologismo proposto; tudo, sem esquecer as queixas dos matto-grossenses contra os cuyabanos, suas tentativas de resistencia e nem mais nem menos de separação, e o rancor desde então consagrado á cidade, que despojou de todas as regalias a antiga capital daquelles fundos sertões.

Deposto, com effeito, em Cuyabá o capitão general Francisco de Paula Magessi, organisou-se em 1822 naquella cidade uma junta governativa, á qual contrapuzerão os matto-grossenses outra, que chegou a ser reconhecida unica legal pelo governo imperial, tanto assim que foi o presidente desta que deferio, em 1825, (embora em Cuyabá) juramento ao primeiro presidente da provincia Dr. José Saturnino da Costa Pereira. A esta autoridade ordenavão as instrucções do Rio de Janeiro visitasse com a possivel frequencia Matto-Grosso e o districto do norte; mas essa obrigação jamais teve cumprimento, nem por parte delle, nem de nenhum dos seus

successores na administração; e em 1835, por simples lei provincial, declarou-se Cuyabá capital da provincia.

Estava afinal vencido o pleito encetado desde 1751, mal acabára de chegar Rolim de Moura!

« Por muito tempo, diz o autor da *Viagem ao redor do Brazil*, que lá estive em Setembro de 1876 e Julho de 1877, guardou Matto-Grosso esperança e desejos de reaver a sua preeminencia e si, quando abandonados e a pouco e pouco destruidos os arraiaes do seu districto e que lhe constituíão as forças, se reconhecerem impotente para essa aspiração e perdeu qualquer illusão, guardou todavia inolvidavel lembrança dos seus tempos de grandeza, alliada a uma especie de inveja e antipathia, que desde os primeiros tempos mutuamente se devotavão os dous povoados, e agora exacerbados. »

É tem de viver dos magros e a custo obtidos favores de Cuyabá (1), pois Villa Bella que mandou tanto ouro, tanto, ás terras de além mar, mal conta com o rendimento mensal de 500\$ (2) provavelmente cerceado e fornecido pela thesouraria provincial.

(1) Dará idéa, diz o Sr. Leverger, do triste estado do districto do norte a comparação da população em 1816 e o recenseamento geral em 1872-1873.

Em 1816			
	<i>Livres.</i>	<i>Escravos.</i>	<i>Total.</i>
Homens.....	1546	1783	3329
Mulheres.....	1801	692	2493
Somma.....	<u>3347</u>	<u>2475</u>	<u>5822</u>
Em 1872			
Homens.....	581	99	680
Mulheres.....	668	87	755
Somma.....	<u>1249</u>	<u>186</u>	<u>1435</u>

(2) Esta informação é do Sr. João Severiano, e assim mesmo supponho que Matto-Grosso se daria por feliz se tivesse ainda semelhante renda mensal. A pobre Villa Bella com 6:000\$ por anno?!

É curioso reproduzir alguns dados das tabellas que traz a *Revista do Instituto* tomo XX. Referem-se a 1818. O governador e capitão-general ganhava por anno 4:800\$, o prelado 1:000\$, o ouvidor geral 1:200\$, o juiz de fóra 980\$, um coronel 1:128\$ o cirurgião-mór da capitania 600\$, o vigario collado 248\$, o professor de philosophia 460\$, de primeiras letras 200\$. Nesse anno, Villa-Bella tinha 8 lojas de fazendas,

A cidade de Matto-Grosso ainda possui seis ruas perpendiculares ao curso do Guaporé, denominadas *Palacio, Mercado, Fogo, Santo Antonio, S. Luiz e Porto* e cinco travessas, mais na direcção de S. a N. do que na de SSO. a NNE. com que corre aquelle rio, *Estrada, Palacio, Mercadores, Fogo e Tócos*, ruas largas e de casas mais ou menos juntas, em numero superior a 300.

Das igrejas nos dá o intelligente viajor informações dignas todas de integral reproducção, por partirem de quem appreciou *de visu* tamanhos primores e preciosidades.

Fallando da matriz conta: « Foi mui rica e guarda ainda os restos da prisca opulencia, taes como velhos mas valiosos paramentos, imagens adornadas de custosas joias de ouro, prata e pedrarias, umas com immensos resplendores de ouro, outras com corôas imperiaes de tamanho natural, duas riquissimas e bem cinzeladas custodias tão pesadas que a custo as ergui com uma só mão; calyces, patenas, navetas de ouro ou prata dourada, thurybulos, immensas alampadas, tocheiros, varas de pallio, que mais parecem *bambús* que varas, candelabros, etc., e tudo de prata, mas tão sujos que á primeira vista eu os suppoz de ferro. »

Da capella de Santo Antonio, aquelle poetico templo rodeado de tão fallado laranjal, conforme nos referira Riedel e cantado pelos dous poetas fraternos, nos dá o Sr. João Severiano valiosa noticia. Não deixa de ter elegancia e ainda contém grandes riquezas, muito embora as espoliações de que tem sido victima. « Uma das suas custodias, diz elle, é ainda mais rica e primorosa que as da matriz e de subido valor: as corôas das imagens são de tamanho ás vezes exagerado, algumas ornadas de gemmas. » Uma imagem de Sant'Anna, celebre em toda a provincia, está alli recolhida.

12 vendas, 6 sapatarias, 8 alfaiates, 8 carpinteiros, 6 pedreiros, 5 ferreiros, 4 ourives, latoeiros, etc., 6 engenhos de assucar e população de 2,354 almas. A força total da capitania era de 3,212, sendo a legião de Matto-Grosso de 736, a de Cuyabá de 2,522, além de 286 caçadores reaes do Paraguay. A população total da capitania era de 27,947 habitantes, dos quaes 7,435 no districto do Norte (Matto-Grosso) e 19,830 no do sul (Cuyabá) além da guarnição de tropa paga.

« Ainda o cercão magestosos e já seculares tamarineiros e gamelleiras e mui poucas das laranjeiras do formoso pomar com que o circumdarão os dous Albuquerquees. »

E agora mais se augmenta a minha emoção — e assim consiga eu passal-a ao leitor — pois o illustre viajante vai referir-se ao ente, que inspirou tudo quanto tenho até agora escripto, como que na obsessão de um compromisso triste e grave que eu tinha de desempenhar.

No chão dessa capella, calçada de tumbas rasas, estão, de um lado e do outro da capella-mór, duas sepulturas, e uma d'ellas é de meu tio, o tão chorado Amado Adriano Taunay « joven e mallogrado artista (1), diz o Sr. Dr. João Severiano, que em vez de colher os louros e as glorias de seu pai, das quaes era legitimo herdeiro, veio, aos 24 annos de idade, morrer desastadamente no porto do Guaporé. »

E aqui me detenho por um pouco, agradecendo de coração ao distincto escriptor a honrosa referencia que faz á minha familia, como homenagem áquelle mancebo finado em paragem tão longe do centro de civilisação, em que vira primeiro a luz do dia.

XIV

Do lado direito da capella de Santo Antonio dos Militares, diz-nos o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, se vê outra sepultura, em cujo tampo de madeira está inscripto o seguinte epitaphio:

R F A S
C^{el} do R C de E
Que gloriosamente defendeu Coimbra
Em 1801
& no mesmo lugar falleceu
Em 21 'de Janeiro de 1809
Aqui jaz sepultado.

(1) Elle o chama Amadeu Adriano Taunay; mas a culpa é toda minha, que dera a esse tio o nome de Amadeu em vez de Amado, na memoria sobre a *Expedição do con sul Langstorff*, *Revista do Instituto*, tomo XXXVIII, pags. 337 e seguintes.

É a sepultura de Ricardo Franco de Almeida Serra, coronel do Real corpo de Engenheiros.

É essa tumba deve despertar-nos o maior interesse, pois suscita mil recordações de um homem bom, honesto quanto possível, valente, verdadeiro sabio, amante da natureza, leal servidor da sua patria, philanthropo esclarecido, consciencioso sempre no exercicio de quantos deveres lhe fôrão impostos durante 40 annos de estada no Brazil, passados quasi todos na capitania de Matto-Grosso e Cuyabá e nas regiões mais insalubres dessa longinqua zona, sem que até hoje tivesse, apezar de tantos titulos de recommendação, achado ainda quem dêsse, de vida tão bem preenchida, senão brevissimas e lacunosas notas biographicas, sempre intercurrentes em assumpto diverso.

É não só por isto, que de certo não é pouco, mas por outra circumstancia mais, é tal tumba credora de attenta investigação e zeloso estudo, pois da inscripção que a exorna resalta logo uma duvida e duvida bem curial, sendo pois de sentir-se, que o Dr. João Severiano, tão minucioso sempre e investigador a não tivesse revolido logo em regra, quando estava em melhores condições que ninguem para elucidal-a, a visitar aquelles locaes e a vêr de perto as cousas.

Como é que, morrendo Ricardo Franco em Coimbra, foi ter sepultura em Villa Bella?

Teria sido o seo corpo embalsamado e transportado para tão longe, quasi 300 leguas? Porventura haveria naquella época e em Matto-Grosso meios para esse embalsamamento, e quando houvesse, teria o valente engenheiro militar merecido semelhante honraria, em tempo do despotismo portuguez, caracterizado por excellencia pela ingratição aos bons servidores do Estado e de El-Rei? Mas, qual a tradição, qual a chronica ou memoria que trata desse factó tão significativo e de natureza a gravar-se no espirito de todos? Ter-se-ia dado simples trasladação dos ossos? Ainda assim, porém, onde se encontra menção de tão grande prova de apreço? A tal respeito o silencio é absoluto, completo, e nada nos esclarece o Dr. João Severiano, quando diz o seguinte em trecho que transcreveremos todo inteiro:

« A Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres mais do que a nenhum governador deve a capitania benefícios e germens de muitos engrandecimentos, sendo talvez o maior o ter trazido em sua companhia o engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, então capitão de infantaria, a quem desde o começo da viagem fôrão commettidos trabalhos da maior importancia, começando por um mappa do itinerario que seguirão do Rio de Janeiro á Villa Bella, e que, identificando-se com a capitania, fez della uma nova patria, estudando-a e fazenda-a conhecida no mundo e *ahi sepultando-se* após quasi quarenta annos de nobres e famosos trabalhos. »

Não ha contudo, duvida, de que naquella cidade de Villa Bella se inhumára o illustre Ricardo Franco e para prova é que Francis de Castelnau, diz que vira sua sepultura e o seu nome esculpido, não no chão da capella de Santo Antonio, mas no da Matriz da Santissima Trindade o que tambem repete e affirma o Sr. Ferreira Moutinho, mas com palavras tão approximadas ás do outro escriptor, que bem se evidencia ter elle lido o que conta e não visto com os proprios olhos.

De outra parte, a mesma inscripção nos declara, que Ricardo Franco fallecêra a 21 de janeiro de 1809 em Coimbra, local da sua maior gloria pelo bem que ali defendêra a honra da bandeira portugueza, e neste particular não ha divergencia em qualquer fonte de indagações que se procure. Todos á uma asseverão, que em Coimbra, foi que morreu Ricardo Franco; e o accordo se estende á data do dia, do mez e anno em que fechou as palpebras á luz terrena. Sabe-se, ainda mais, que esse illustre engenheiro, depois de fazer parte da *Junta governativa*, que tomou conta da direcção da capitania de Matto Grosso e Cuyabá a 28 de fevereiro de 1796, por occasião da morte de João de Albuquerque e a governou até 6 de Novembro daquelle anno, em que Caetano Pinto de Miranda Montenegro della tomou posse, seguira para a parte meridional da capitania, assignalando a sua longa permanencia pela inolvidavel resistencia do forte de Coimbra, ante a qual recuou D. Lazaro de Ribera e pela viagem ao districto de Miranda, donde remetteu o

relatório sobre indios *uaicurús* e *uanás*, que já citámos neste nosso trabalho, e muitas informações geográficas e astronómicas, todas de indiscutível valia.

Também é certo, que voltára a Villa Bella, pois a 12 de dezembro de 1806 entrou novamente, como substituto então do coronel Cunha Fontes, na Junta governativa, que se formára após a morte do governador e capitão general Manoel Carlos de Abreu Menezes, a 8 de novembro de 1805, e deo posse, a 18 de novembro de 1807, a João Carlos Augusto de Eynhausen Gravenberg, portanto um anno e dous mezes antes da morte d'elle, Ricardo Franco.

Fica, porém, fóra de duvida que, logo depois de entregar a parte de governo interino que lhe competia como official de mais alta patente na capitania, desceo sem detença para o sul e morreo em Coimbra. Como, porém, finando-se nesse forte, pôde ter sepultura tão longe d'alli? Como conciliar as palavras da inscripção — *no mesmo logar* (Coimbra) *falleceo* e as outras *Aqui* (Villa Bella) *jaz sepultado*?

Para confirmar que Coimbra fóra logar do fallecimento de Ricardo Franco (1), referio-me meu primo visconde de Beaurepaire Rohan, muito versado em cousas das provincias que vizitou, sobretudo nas de Matto-Grosso a que dedica particular interesse, que, ao saber-se em Cuyabá da enfermidade daquelle illustre servidor e militar, fóra incontínente despachada uma igarité, levando medicamentos, que, apezar da estupenda rapidez

(1) Leverger (tomo XXIX da *Revista do Instituto Historico*) igualmente o affirma, e tudo quanto se encontra nos muitos escriptos desse illustre cidadão relativo a Matto-Grosso é credor de toda a confiança.

Augusto João Manoel Leverger, umá das figuras mais salientes de toda a historia de Matto-Grosso, nasceo em S. Malô (França) a 30 de janeiro de 1802. Veio para o Brazil em 1819 e, após varias peripecias, entrou na marinha brasileira, com a idade de 22 annos, a 11 de novembro de 1824. Chegou a Cuyabá em fins de novembro de 1830 e desde então consagrou-se exclusivamente a Matto-Grosso, fallecendo, depois de lhe ter prestado os mais relevantes e assignalados serviços, naquella capital a 14 de janeiro de 1880, com a idade de 78 annos. Tenho em mão elementos seguros de informação, que me darão o grato ensejo de publicar dentro em breve a biographia desse eminente servidor do estado.

da viagem, chegarão infelizmente tarde, ou pelo estado de adiantamento da molestia, ou por ser o enfermo já morto.

A consulta das *Ephemerides* do Dr. Teixeira de Mello nada adianta. Na data 21 de janeiro de 1809 traz o seguinte: « Fallece no forte de Coimbra Ricardo Franco de Almeida Serra. Seos restos mortaes repouzaõ na capella de Santo Antonio dos Militares, junto á capella-mór. »

Quanto á inscripção tumular, vem ella indicada nestes termos:

R F A S
C^{al} do R C de Eng^o
Que gloriosamente defendeo Coimbra
Em 1801
E nella falleceu
Aqui Jaz

Poder-se-ia dizer que o Sr. Dr. Teixeira de Mello co-lhêra esta importante informação no livro do Sr. Dr. João Severiano, mas exactamente a 2^a parte da *Viagem ao redor do Brazil* appareceo em meados de 1881, quando já fôra publicada aquella secção das *Ephemerides*. Donde tirou, pois, esse autor tão curiosa noticia? Donde provêm as differenças entre uma e outra inscripção? Tudo, nesta ordem de analyse, tem significação e valor. Porque em ambas falta a punctuação, que indica abreviaturas? A sup-pressão das datas do fallecimento facilmente se explica pela dispozição chronologica adoptada no seguimento dos factos; mas porque, em uma das epigraphes, está com um & romano *no mesmo logar falleceo* e nã outra — *e nella falleceo*? Nella que? Coimbra? fortaleza? praça? O nome official era prezidio de *Nova Coimbra*.

Demais, nas *Ephemerides* simplesmente se diz *Aqui jaz* em typo maior, e na *Viagem ao redor do Brazil* apparece em typo igual *Aqui jaz sepultado*. Parece bem provado, que diversas fôrão as fontes de informação.

Perguntado por mim a respeito de tudo isso, debalde procurou o Dr. Teixeira de Mello elucidar estes pontos, consultando as obras que manuseára e appellando para o que lhe ministrasse a memoria.

Expressivamente exclamou: « Dá vontade de se ir de proposito a Villa Bella, só para esclarecer estas duvidas! »;

e de taes palavras bem resumbrã o amor que esse laborioso cultor da historia patria dedica ás pesquisas difficeis e conscienciosas (1).

(1) Estava já impresso tudo quanto acima se lê, quando, depois de muita consulta, achei solução á duvida por mim proposta e que me deo, a mim mesmo, enorme trabalho. Encontrei afinal resposta completa; e quem m'a ministrou foi o summario da importante obra inedita de João Augusto Caldas, de que adiante fallarei. No capitulo XV relativo aos annos de 1807 a 1818 aponta, sem indicar a data exacta, a trasladação dos ossos de Ricardo Franco de Coimbra para Villa Bella.

Parece provavel, que essa trasladação se dêsse no anno de 1818, pois o minucioso chronista de Cuyabá Joaquim da Costa Siqueira, cujos apontamentos vão desde o principio do anno de 1778 até ao fim do de 1817, não diz palavra a respeito daquella especialissima prova de apreço, bem rara nos fastos dos tempos coloniaes. Houvé, tambem, o mesmo cuidado com os ossos do missionario José de Anchieta, transferidos com grande pompa do Espirito Santo para a Bahia, no anno de 1611.

Em relação a Ricardo Franco, o trabalho foi muito maior, havendo que vencer 200 leguas de navegação fluvial de Coimbra a Cuyabá e dahi a Villa Bella 100 de caminho terrestre, para lhe darem guarida eterna n'uma das igrejas da capital. Escreveo-me o Sr. coronel João de Oliveira Mello, que o tenente coronel Cesario Correia da Costa, genro do sempre lembrado Augusto Leverger, barão de Melgaço, lhe contára que para a travessia fluvial fôra mandada de Cuyabá uma embarcação toda ornada de apparatusos symbolos funerarios, o que tudo indica a alta e merecida conta em que era tido o coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, cujos serviços ao Matto Grosso colonial forão tantos, tão numerosos e variados, como os de Augusto Leverger nos tempos do Matto Grosso provincia

Teve Ricardo Franco de uma india uma filha, mãe de um varão, que adoptou o nome do avô Ricardo Franco de Almeida Serra e foi muito tempo empregado na pharinacia do Dr. Murinho, em Cuyabá.

A' ultima hora forneceu-me um importante inedito do visconde de Beaurepaire Rohan, *Annaes da Provincia de Matto Grosso*, que elle me deo para consulta, a seguinte informação: « 1809.—A 21 de Janeiro de 1809 embarcou em Nova Coimbra o coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, que tão nobremente defendêra aquella fortaleza em 1801. Quando se soube em Cuyabá que havia enfermado, enviáram-lhe alguns remedios, e bem que a canôa que os levava, fizesse em 5 dias a longa viagem de 200 leguas, não foi isto bastante para salvar essa existencia tão preciosa. O general João Carlos, querendo honrar a memoria desse sabio e illustre official, mandou que se trasladassem seos ossos para Villa Bella, onde chegarão com effeito, a 28 de julho de 1810. Em 24 de agosto seguinte, mandou-lhe fazer um officio funebre, a que assistio numeroso concurso, composto das autoridades civis e militares e do povo. » Eis valiosissima noticia; mas como conciliar aquella data com o silencio absoluto do chronista de Cuyabá Joaquim da Costa Siqueira? Os ossos de Ricardo Franco só terião ficado em terra pouco mais de um anno? Verdade é que, em julho e agosto de 1810, o capitão-general João Carlos Augusto de Eynhausen se achava em Villa Bella, tendo partido de Cuyabá a 17 de setembro de 1809 e voltado áquella cidade a 18 de outubro de 1810, conforme se vê no citado chronista (*Revista do Instituto*, tomo XIII pags. 76 e 79).

E, já que indico um trecho da copiosa e importante obra do Dr. João Severiano que me deixou a desejar, apontarei outro, em que ha vizivel confusão. E' quando, á pag. 307 e seguintes, compara os idiomas *layano* e *quiniquináo*, ao passo que as palavras que relaciona evidentemente pertencem ás tribus *chané* e *guaycurú*; e a confusão é digna de nota e reparo, pois, conforme muito bem diz o mesmo autor, os *chanés* se subdividem em quatro grupos *tchouoronós* ou *guanás*, *layanos*, *quiniquináo*s (koinukunós) e *terenas*, cujo modo de fallar é muito approximado, quasi o mesmo com pequenas variantes, doce, sibillante e com predominio dos agudos, emquanto o do *guaycurú* é aspero, cheio de arrogancia e com muitos graves e esdruxulos. Assim, diz o *chané*, (*guaná*, *layano*, *quiniquináo* e *terena*) com voz suave: *Acó unatí* (não estou bom) e o *guayacurú* accentúa com muitas aspirações e emphase sempre: *A'ica dibiniêne!*

Não estou, porém, fazendo a critica da *Viagem ao redor do Brazil*, nem alguns senões tirão valor a obra tão extensa e que tantos e tantos dados forneceo a esta memoria, ministrando resposta á minha curiosidade. que, em pontos miudos, parecia pelo menos dever ficar suspensa.

Com todo o gosto regresso, pois, a Villa Bella, sendo na verdade agradável poder deste modo visitar lugares tão desconsolados e perdidos.

XV

Na Camara municipal, ainda se vêm pelas paredes os retratos em tamanho natural do rei D. João VI e dos cinco primeiros governadores, preciosidades dos nossos tempos coloniaes, que debalde tenho tentado salvar, pois ficarão sem solução as propostas por mim feitas, em duas occasiões no Instituto Historico, afim que o governo as mandasse remover para Cuyabá, ou, melhor ainda, para o Rio de Janeiro. A moldura do de Caetano Pinto, vazia

do quadro, que dalli desapareceu, mostra já que está incompleta aquella interessantissima collecção (1).

Nessa Camara, frequentada muitissimo mais pelos moicegos do que por vereadores, se acha ainda grande parte dos archivos da Capitania do Cuyabá e Matto-Grosso, mas tudo perdido, estragado, roído pelo dente do tempo, dos cupins e dos ratos. Os manuscritos, já nos disséra Castelnau, cahem em pó, mal se toca nas pastas que os guardam, colladas pela humidade e cobertas de bolor que viceja com força de cogumelo em plena exuberancia (2).

Teve comtudo essa municipalidade seus dias de energia. Protestou valentemente contra a proposta de Magessi; provou com bem calorosos argumentos, que o clima era propositalmente calumniado e que as causas das endemias, em geral benignas, podiam ser facilmente contrariadas e removidas; luctou quanto pôde e buscou até,

(1) A nota á pag. 122 do 2º volume da *Viagem ao redor do Brazil* explica essa falta. «Um dos descendentes de Caetano Pinto, diz ella, o Sr. marechal barão da Penha, (boje visconde) explicou-me o facto. Sabendo que existia esse retrato e desejando sua familia uma copia, obteve-o para esse fim. Realizado este, cumpriram immediatamente o dever que se impuzeram de mandar repôr o original no seu logar de honra; mas o portador descuiu da commissão, deixando o retrato em Cuyabá, para onde o conduzira.» Fôra curioso ter pormenores da viagem de vinda e ida desse retrato. como obteve a familia autorisação para tiral-o de Villa Bella, quem fez a cópia e em que anno.

Existe hoje no palacio da presidencia em Cuyabá, e delle me fallou como elogio o Sr. general Mello Rego, especialisando a expressão da physionomia e a bella côr geral. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, sexto capitão general de Matto-Grosso, esteve n'aquella capitania seis anns, nove mezes e nove dias, de 6 de novembro de 1796 a 15 de agosto de 1803. Governador de Pernambuco por occasião da revolução de 1817, foi, ao chegar ao Rio de Janeiro, recolhido preso á fortaleza da ilha das Cobras, mas defendeu-se das accusações que lhe fazião e viu-se reintegrado no seu alto posto. No tempo de D. Pedro I, teve o titulo de visconde de Villa Real da Praia Grande, foi feito senador em 1826 por Matto-Grosso e falleceu a 11 de janeiro de 1827, marquez e desembargador da Relação do Rio de Janeiro. A respeito do retrato, soube eu, que a reinessa ao Rio de Janeiro se déra na presidencia do Sr. coronel Francisco José Cardozo Junior, que administrou a provincia de 20 de julho de 1871 a 25 de outubro de 1872.

(2) Castelnau, tomo III pags. 66 e 67: «Je fûs longtemps avant de découvrir qui était chargé de leur garde; puis on me dit que les clefs étaient perdues; on m'assura ensuite que, depuis plusieurs années, personne n'y était entré. Enfin, lorsque nous y pénétrâmes, quel ne fut pas mon chagrin de voir, que les rats et les termites avaient entièrement détruit tous les papiers !... »

por ocasião da Independencia do Brazil, levantar o pendão da revolta contra a Junta de Cuyabá, conservando-se autonoma até 1824, quando afinal se sujeitou, embora a contragosto e parcialmente, ao primeiro presidente José Saturnino da Costa Pereira.

Uma vez resignada á sua sorte de cidade supplantada, não cessou a vereança de Matto Grosso de exarar mil queixas do seu abandono, da inexecução dos compromissos que tomára Cuyabá e da injustiça com que fora tratada, tudo sem resultado porem, chegando até a vêr ameaçados os seus fóros e a sua categoria de cidade, pois a Assembléa legislativa provincial de 1879, renovando uma tentativa feita em 1874 e frustrada pela intervenção do bispo Reis, a rebaixou á qualidade de villa, projecto de lei a que o presidente Pedrosa negou sancção, mais por sentimento de respeito a honradas tradições, do que pela exacta e, neste caso, severa consideração das cousas.

«—Está cada vez mais *bibóca* (1), dizia-me em 1866 Cardoso Guaporé nos Morros, e sangra-me o coração ao pensar, alta noite, na degradação e miseria dessa capital dos primeiros capitães generaes, gente toda da mais alta linhagem de Lisboa, centro de um *despotismo* (2) de ouro e da qualidade mais fina que o Brazil enviava todos os annos á Corôa portugueza para lhe dar opulencia e brilho ! Agora nem se pôde lá viver. »

Com effeito, o Dr. João Severiano já não encontrou alli uma só loja, a não ser esfalfada forja no fim da travessa de Palacio; nem um sapateiro, alfaiate ou charuteiro, nada de açouge e padaria, desta apenas noticia de que existira no tempo dos governadores. Cousa extraordinaria, é localidade, aliás bem rara em todo o Brazil, em que não se vê um só portuguez e portanto uma venda em regra

(1) Lugar de buracos e socavões por incuria e pela acção das intemperies e, por extensão, casa ou até cidade abandonada. Diz o Visconde de Beaurepaire Rohan no seu *Diccionario dos Vocabulos brazileiros* que vem do tupy *Ybyboca*, de *yby* terra e *boca* abertura ou fenda. No guarany *ybybog* (Montoya).

(2) Enorme quantidade. Beaurepaire Rohan não dá essa palavra, muito empregada em todo o Matto-Grosso; nem outra igualmente expressiva e no mesmo sentido, *immundicie*. Immundicie de povo, immundicie de filhos, etc., por grande quantidade.

de seccos e molhados, sendo, comtudo, todas as casas providas de algumas fazendas, fogos de artificio e medicamentos mais usuaes e de um balcão indicativo de negocio, que naturalmente não se faz senão com toda a morosidade. O Sr. Ferreira Moutinho assim mesmo pôde achar uma patricia ou quasi patricia, viuva de um tal major Vasconcellos Pinto.

O representante isolado da raça caucasica, pelo menos de indiscutivel origem, era, quando por lá passou aquelle primeiro viajante, um padre italiano, que mais que provavelmente, ha muito, deu-se pressa de procurar outra freguezia que parochiar. Aliás, a esses padres de arribação consagram os matto-grossenses justa desconfiança pelo trabalho que têm tido em defender as riquezas das suas igrejas. E muito os aborreceo em certa occasião, um clérigo boliviano, o qual tentou apoderar-se das mais ricas custodias, pretextando querer *sacarles una copia en Santa Cruz de la Sierra*, conforme o pedido feito á respectiva Irmandade, segundo refere o Dr. João Severiano.

XVI

A ausencia de portuguezes é bastante notavel em todos os povoados de Matto-Grosso, que foi, comtudo, uma das capitancias mais estudadas, mais bem guarnecidas e mais zeladas pela corôa lusitana. A essa falta, ainda hoje bem sensivel, se ligão penosas recordações de uma especie de *Saint Barthélemy* tramada com todo o sigillo apezar de enormes distancias e executada simultaneamente e com o mais diabolico calculo em quasi todas as localidades daquella provincia.

Com effeito, em Cuyabá nas trevas da noute e á primeira badalada das doze horas (1) dada pelos sinos ao

(1) Ha muita divergencia acerca da hora em que começou a carnificina. Derão-me uns essa de meia noute; outros dez horas da noute, e outros afinal meio dia. A maior copia de informações pende para doze horas da noute, tendo começado o movimento de tropa e sobresalto da população duas horas antes.

findar o dia 30 de maio de 1834, levantou-se possessa de inexplicavel furia parte da população e, aos brados de *mata bicudo*, começou a trucidar sem dó nem piedade infelizes e imbelles portuguezes, excitada pelos boatos de que por elles fôra chamado D. Pedro I e de que em todos os pontos do Imperio se procedia a igual morticinio !

Foi chefe desse hediondo movimento um certo Manso, a quem depois e mui justificadamente derão o alcunha de *Tigre do Cuyabá*. Com razão diz o Sr. Ferreira Moutinho, que hoje todo o filho de Matto-Grosso falla nessa carnificina com vexame e esquivança, tendo se dado sumisso quasi total aos documentos e inqueritos que a ella se referem, o que é de sentir, pois ainda não foi estudada, nem poderá mais sel-o devidamente, tão singular e sangrenta conspiração contra inermese confiantes cohabitantes dessa longinqua região.

O prefaciador da *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* (1) descortina alguns dos horrores que se praticarão e quaes as estultissimas razões com que os agitadores perturbarão o bom senso e a natural cordura do povo. « Temia-se, diz elle, que o nobre e immortal fundador do Imperio viesse atacar o Brazil por Matto-Grosso! Os partidos estavam assanhados, e os portuguezes, com razão ou sem ella, erão tidos em conta de amigos e de apaniguados de D. Pedro I, de restauradores emfim... »

« Felizmente o tempo já tem varrido da memoria todos os actos de feroz loucura, todas as façanhas de cruel perfidia, todos os accessos do mais impudente canibalismo, em que se requintou a plebe para exterminar os pacificos e laboriosos filhos de Portugal. »

(1) Indalecio Randolpho Figueira de Aguiar escreveu a introdução ao livro do Sr. Ferreira Moutinho em S. Paulo e a datou aos 9 de abril de 1869. Conforme nos diz, esteve 6 annos em Cuyabá, cidade a que tece grandes elogios, exaltando a sua hospitalidade e doçura de costumes. « Quem ha, exclama, que tendo ahi residido, não ame aquella terra, não se alegre, não se reanime ao fallar em cousas della! »

Essa introdução prima por louvavel franqueza. Critica os defeitos do estylo, a banalidade de muitas informações, o pouco criterio de outras e os erros de linguagem « que, por feliz desforra, observa, também serão notados nesta carta. »

Era Indalecio de Aguiar bacharel em sciencias juridicas, exerceo em Matto Grosso o cargo de inspector da thesouraria geral e falleceo em S. Paulo a 23 de abril deste anno corrente de 1891.

« Debalde, em Cuyabá, o venerando bispo (1), com o crucifixo nas mãos, percorrendo as ruas da cidade, obsecrava os insanos e intercedia pela vida dos infelizes; debalde com doces persuasões e palavras santas porfiava em lhes apagar a sanha! debalde! que cegos e allucinados como os judeos e quasi que lhes repetindo os mesmos brados *legem habemus, crucifige eum*, clamavão: « Temos ordem da Regencia, é preciso exterminar! » e

« Se encarniçavão fervidos e írosos
No futuro castigo (2) não cuidadosos.»

Desses attentados diz o Sr. Ferreira Moutinho:

« A pagina em que se escrever a historia de tal extermínio, será uma nodoa de sangue nos annaes da provincia, e jámais o tempo poderá apaga-la. Não tentaremos descreve-la: apezar de portugez, queimámos muitos documentos relativos aos negocios de 1834.»

Grandes atrocidades, com effeito, se consummárão naquellas breves horas, em que a soldadesca desenfreada e debaixo da acção do alcool matava a torto e a direito e saqueava, unida, dizem uns, á mais vil relé de Cuyabá, ligada, asseverão outros, ao que havia de melhor na cidade!

Contou-me o visconde de Beaurepaire Rohan, chegado a Cuyabá dez annos depois, em 1844, que, apezar de todas as precauções do mysterio, ainda bem presente estavam á lembrança de todos o horror e a vergonha de semelhante carniceria, ruidosamente festejada na noute de 31 de maio com fogos de artificio e luminarias geraes.

(1) Era D. José Antonio dos Reis. Nasceu em S. Paulo a 10 de junho de 1798, formou-se em 1832 e fez a sua entrada em Cuyabá em novembro de 1833. Muito respeitado de todos e tido até por santo pelo povo, falleceu com 78 annos de idade a 11 de outubro de 1875.

Diz aquelle autor que os seus sermões publicados lhe tornarião o nome immortal. Creio que ha exagero nesta asseveração. Governou o episcopado mais de 43 annos.

(2) Pretendem Ferreira Moutinho e Indalecio de Aguiar que o castigo da Providencia, embora moro-o, foi terrivel, tendo sido Matto Grosso assolado, trinta e quatro annos depois, pelos paraguayos e pela epidemia de bexigas. Dessa terrivel peste em 1867 falleceu mais de metade da população de Cuyabá. « Esão já expiados os crimes e peccados, exclama Indalecio; pelos criminosos e peccadores pagarão os filhos e innocentes! »

Uma desgraçada senhora, casada com portuguez vio-se obrigada pelas vociferações da população em delirio, que ameaçava a vida dos filhinhos, a illuminar a casa, quando o cadaver do marido ainda estava estirado em cima de uma mesa!

Consegui saber o nome dessa pessoa, D. Ignez Ferreira da Silva, mulher do capitão do real trem José Antonio de Azevedo e avó paterna do actual e conhecido Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo. Dando provas da maior coragem, procuroi quanto pôde defender o esposo, occultando-o a principio dos assassinos e buscando depois, a lutar com elles e no meio dos gritos de terror e de soccorro dos filhos pequenos, amparal-o dos golpes homicidas.

Passados os primeiros dias de estupôr e acabrunhamento, resolveu D. Ignez vir ao Rio de Janeiro reclamar justiça e vingança. Liquidou os poucos bens que salvou do saque e partio com os seus quatro filhos, uma menina e tres meninos, dos quaes o menor tinha 7 annos e foi pai do Dr. Miranda Azevedo, Antonio Augusto Cesar de Azevedo. Pela linha fluvial de S. Paulo chegou a Piracicaba e afinal após penosissima viagem alcançou a capital do Imperio.

Adiante e em breve tornaremos a encontrar essa heroína.

Relatando em carta ominosos pormenores daquelles dias, um alfaiate de nome Leque (1), que se distinguira pela estúpida ferocidade, fazia alarde da morte de um brazileiro, trucidado por equívoco: « Houve, escrevia elle, engano, mas engano acertado, pois o tal era *caramurú* e merecia como qualquer *bicudo* a morte, que lhe foi dada e bem dada. »

Quando estive, em 1866, na villa de Miranda, procurei colher informações seguras a respeito desses factos e com difficuldade soube, que todos os doze portuguezes que lá havia fôrão, naquelle nefasto 30 de maio, barbaramente assassinados, alli ao primeiro toque do meio dia. A morte de um delles, que se occultára por baixo de um grande monte

(1) Foi esse o nome do homem, segundo alguns informantes; outros, porém, delle descarregão a penosa responsabilidade.

de sapé cortado para cobrir um galpão, tornou-se tragica, já pelas rogativas que a principio fez, já pela resistencia que por fim oppôz aos assassinos, dirigidos por um Silva Albuquerque, o qual, por occasião da devassa aberta de ordem do governo geral, teve de se homiziar para os lados de Camapuan e Corredor e lá ficou 30 annos.

XVII

Facto bem singular e que mostra a que extremos levão os desvairamentos de perversa politica, o tal Manso, Antonio Luiz Patricio da Silva Manso, estabelecido em Cuyabá como medico e gozando ahi de grande influencia, era quasi um homem de sciencia. Com bons estudos medicos, dedicára-se á botanica, sendo differentes trabalhos seus e varias classificações phytologicas elogiados pelo illustre Martius, que aceitou alguns dos generos por elle propostos, por exemplo, a Cayaponia (1).

Chegou até a representar a provincia de Matto-Grosso na 3^a legislatura de Assembléa geral de 1834 a 1837 ; e naturalmente o sentimento das immunidades de que gozava como deputado geral concorreo para que elle assumisse posição ostensiva no dia 30 de maio de 1834, dando pasto a sanguinolentos instinctos.

Parece incrivel ! Folheei os *Annaes* da Camara desse anno e dos outros subsequentes e não achei a menor referencia áquelle medonho successo, tal o silencio de que o rodearão !

A' pag. 167 dos *Annaes* de 1834, tive prova de que a 29 de julho ainda não chegára Silva Manso ao Rio de Janeiro, pois o seu nome deixa de figurar na relação dos membros da maioria ou minoria ; mas á pag. 297 encontrei, no expediente da sessão de 30 de setembro, ultima

(1) O matto-grossense José Joaquim de Carvalho, que morreu no posto de general, asseverou por vezes a Beaurepaire Rohan, quando collega deste na Escola Militar, que esses trabalhos scientificos não eram da lavra de Patricio Manso, mas havião sido furtados a um naturalista estrangeiro, fallecido em Cuyabá.

desse anno de 1834, o seguinte : « Foi lido e approvedo um parecer da commissão de constituição e poderes sobre o diploma do Sr. deputado pela provincia de Matto-Grosso, Luiz Antonio Patricio da Silva Manso que julga que o mesmo senhor deve tomar assento na Camara . E como o referido Sr. deputado se achasse na sala immediata foi introduzido na Camara debaixo da formalidade do estylo, e depois de prestar o devido juramento, tomou assento. »

Causou-me aliás, especie lêr logo em seguida o seguinte : « O Sr. presidente, pelas 11 horas declarou a Camara em sessão secreta ; a qual durou até meia hora depois do meio dia. » De que se tratou nessa sessão secreta ? Não teria ella relação com a presença de Patricio Manso ? Conviria esclarecer esta duvida, pois ali se intercala episodio altamente commovedor e dramatico, testemunhado pelo publico que assistia ás sessões da Camara dos deputados. (1) Logo que o deputado Manso prestou juramento, ergueu-se um grito vibrante e sinistro : « Assassino ! Assassino ! » E todos virão na galeria uma mulher de pé, empunhando n'uma das mãos roupas ensanguentadas e com a outra apontando para o representante de Matto Grosso.

Era D. Ignez Ferreira da Silva !

Imagine-se o alvoroço . . . Patricio Manso sahio logo todo conturbado do recinto, mas foi perseguido pela vingadora senhora (2) cercada de muito povo e durante

(1) Escreveu-me o Dr. Miranda Azevedo, primeiro e intelligente propagandista das idéas de Darwin no Brazil : « Tal episodio foi presenciado por gente daquelle tempo e mais de uma vez o ouvi narrado pelo conselheiro Antonio José da Veiga e D. Francisca da Costa Pereira, viuva de Saturnino da Costa Pereira, padrinhos de meu pai, Dr. Antonio Augusto Cesar de Azevedo. » Esse filho ultimo de D. Ignez estudou no collegio de D. Pedro II, sendo a pensão generosamente paga pelo bolsinho de Sua Magestade o Imperador, que assim quiz, na sua indefectivel e sempre vigilante magnanidade, ajudar a triste viuva do assassinado. Foi um dos bachareis de 1845.

(2) D. Ignez falleceu no Rio de Janeiro em 1855, tendo conseguido, a poder de muito trabalho e muita energia, completar a educação dos seus filhos e reunir alguns bens de fortuna, « Era, diz o seu neto Dr. Miranda Azevedo, um typo muito conhecido e estimado dos bons fluminenses, que de 1849 a 1855 morarão no bairro das Laranjeiras. Vião todos os dias D. Ignez trajada sempre de preto, mantilha e armada de grande guarda-chuva, tomar o omnibus das 3 horas no largo de S. Francisco, para voltar á casa e repousar das fadigas do dia. »

bastante tempo não pôde sahir á rua, repetindo no Rio de Janeiro o homizio a que fôra obrigado, largos mezes antes, na cidade de Goyaz (1).

Contou-me o meu particular e distincto amigo Sr. conselheiro Jorge João Dodsworth (bárão de Javary), largos annos zelosissimo director da Secretaria da Camara dos deputados, que encontrára no archivo um projecto manuscrito desse Patricio Manso sobre serviço domestico, datado de 29 de agosto de 1835, tão importante que o mandára imprimir em 1883. Referio-me tambem que era tradição naquella secretaria dizerem que a matança de Cuyabá fôra dirigida pelo *Manso Tigre*.

Com effeito, foi esse semi-sabio, que vivia na doce e calma convivencia da natureza, foi esse politico, quem planejou semelhante conluio e o levou á odiosa conclusão. Accusarão, tambem, senão claramente, pelo menos á boca pequena, o presidente de então Antonio Corrêa da Costa de cumplicidade e de não ter em tempo tomado providencias no sentido de impedir aquelles horrores, quando de tudo fôra avizado; mas parece que por fraqueza foi que passou, quatro dias antes da carnificina, a 26 de maio, a administração ao coronel João Popinio (2) Caldas. Escapou assim de immediata responsabilidade e por isso ainda tres vezes occupou, como vice-presidente, a cadeira presidencial, sendo a ultima de 9 de dezembro de 1842 a 11 de maio de 1843.

Quem tomou papel bem singular naquelle feissimo negocio foi esse coronel João Popinio, pois, apezar dos habitos de extrema violencia que o havião collocado á testa do partido dos exaltados ou patriotas, repentinamente, ou por arrependimento ou por temor das consequencias, mudou de rumo no sanguinolento dia e, sem obstar a matança por meio de medidas energicas e compressivas,

(1) Patricio Manso falleceu em Campinas (S. Paulo), segundo me disse Beaurepaire Rohan, faltando-lhe a memoria sobre uma duvida, se de morte natural ou violenta.

(2) O Dr. João Severiano escreve Paupino na relação dos presidentes e vice-presidentes, e desse modo ainda é elle conhecido e chamado em todo o Matto-Grosso; mas o nome exacto é Popinio, do latim Popinius.

mas, pelo contrario, deixando que ella fôsse por diante, principalmente fóra de Cuyabá e nos arredores, voltou-se contra os companheiros de conspiração e por todos os modos os perseguio, dando, nessa nova disposição de animo, expansão ao seu genio arrebatado, altivo e aliás valente, e movendo-lhes guerra sem tregoa daquella data em diante.

Dahi odios violentissimos, que afinal fizerão explosão. Quando elle, passados dous annos, se preparava para sahir de Cuyabá, obedecendo, dizem uns, a ordens positivas do presidente José Antonio Pimenta Bueno, depois marquez de S. Vicente (1) que assim queria livral-o de morte certa, ou, contão outros, não achando protecção nessa autoridade, que logo de chegada se entregára á influencia dos seus inimigos, em plena rua e num dia de festividade foi derrubado, a 29 de agosto de 1836 (2) por certo tiro de arma de fogo. Um dos mandantes desse crime, bem conhecido de todos e que a ninguem encobria a odiosa resolução tomada em conciliabulo, José Alves Ribeiro fugio para Miranda (3) e alli se conservou até fallecer, protegido e desculpado por muita gente bôa dessa localidade e de Cuyabá.

Narrou-me um sobrinho, que a morte se déra ao sahir a victima da casa de sua mãe, sita no largo do Ypiranga. Quem á queima-roupa e pelas costas lhe desfechou um tiro de pistola carregada com bala de prata, ainda hoje em poder da familia, foi um tal Manoel (Manéco) Amazonas, que pôde fugir, andou errante e foragido e afinal, depois de viver bastante tempo no salto Augusto, rio Arinos, alli morreu.

Effectuou-se o attentado na esquina do becco da Camara e da rua actualmente denominada Treze de junho, vindo João Popinio, nas visitas de despedida que estava fazendo, de chapéo do chile e botas, aliás armado, como

(1) Administrou a provincia, como quarto presidente, de 25 de agosto de 1836 a 28 de maio de 1838.

(2) O Sr. Ferreira Moutinho dá erradamente 1835. Tambem não tenho bem certeza da data que aponto quanto ao dia e mez.

(3) Miranda e não Poconé, como diz o Sr. Moutinho.

sempre andava (1). Sendo o dia de festividade religiosa, segundo uns do Espírito Santo, o estrondear de foguetes e repique de sinos impedirão que se ouvisse o tiro homicida, dando ensanchas ao assassino de se retirar incolume, depois da negra façanha. Ainda pôde a victima saccar do bolso uma pistola ; mas cahio logo de bruços morto na calçada.

Houve antes um episodio curioso.

Na vespera do assassinato, entrára em casa de João Popinio um individuo, taverneiro, incumbido de o matar. Pedio-lhe, como pretexto de rixa e consequente crime 10 oitavas de ouro (2) para sortir a sua vendola. O coronel, com a generosidade que lhe era peculiar além da grande amabilidade quando se sentia calmo, respondeo que tal quantia não lhe podia ser util, e, apontando para um sacco a um canto da sala, lhe disse : « Leve aquillo ; alli estão 50 oitavas em cobre ». Obedeceo o taverneiro e foi ter com os mandantes. « Então cumprio o trato ? O *cujo* está arranjado ? » perguntárão sofregos. « Qual, senhores, um homem daquelles não se mata ! Procurem outro de menos consciencia que eu. »

E, com effeito, dizem os contemporaneos, no seu trato particular era perfeito cavalheiro, sempre prompto para espalhar dinheiro, obsequioso quanto possivel, affavel e seductor nas maneiras e nas relações de sociedade.

Muito accusado de pouco escrupuloso em questões commerciaes, sobremaneira irascivel e capaz até de crimes para saciar instinctos de baixa luxuria, gozava, entretanto, de grande popularidade e sabia agitar as massas, não olhando, quando assim julgava preciso, a grandes esbanjamentos. Ficarão celebres os *refrescos* (copos de agua) que deu á guarda nacional nos dias de agitação, antes e depois do terrivel 30 de maio.

(1) Esse traje mostrava que João Popinio estava de immediata partida, com os animaes promptos afim de seguir nesse dia para Goyaz. O seu modo habitual de vestir era sempre ceremonioso : casaca preta e chapéo alto. Ninguem o via de outro modo nas ruas de Cuyabá.

(2) Cada oitava corresponde a 1\$200.

Era homem alto, todo musculos e nervos, de feição expressiva, olhos negros muito vivos em rosto trigueiro, faces um tanto encovadas e bastante barbado no queixo.

XVIII

A respeito do movimento sanguinario de 30 de maio e dos factos que o preparárão, ainda hoje é difficil formar juizo seguro e dar a cada qual a odienta parte que imparcialmente lhe deve pertencer perante a historia.

Compulsei o que pude encontrar em documentos ineditos, interroguei varias pessoas de Matto-Grosso e aparentadas com algumas das figuras mais salientes daquelle estupendo drama e cheguei á conclusão que ainda agora ha duas correntes de opinião, ambas, aliás, possuidas de retrahimentos e intenso vexame; uma, tendendo a descarregar da memoria de João Popinio a mais pesada carga de immediata responsabilidade, que a outra procura por todos os modos aggravar.

Entre os primeiros se avantaja um laborioso e distincto matto-grossense João Augusto Caldas (1), filho

(1) A proposito desse Caldas, escreveo-me o distincto Sr general Mello Rego : « João Augusto Caldas, filho de Matto-Grosso, era agrimensor e, já pela sua profissão que o levou a percorer quasi todos os lugares habitados, tanto de sesmarias antigas, como de concessões modernas, já pelo seu espirito investigador, gosto ao trabalho e amor de colleccionar documentos e ainda mais pela convivencia em que se achou por muitos annos com o illustre barão de Melgaço (Augusto Leverger) adquirio largo conhecimento da sua terra natal e das cousas que lhe são referentes.

«Escreveo sobre varios assumptos interessantes trabalhos, conhecidos de certo numero de amigos e os destinava á publicidade. Infelizmente, tendo-os conflagado, poucos dias antes do seu repentino fallecimento em 1887, a uma pessoa que se achava em Cuyabá e em commissão official e os pedira para lêr, não fôrão restituídos. E' o que me affirma um filho do mallogrado escriptor, o Sr. cadete José Augusto Caldas, actualmente na guarnição desta capital, Rio de Janeiro. Debalde tem elle reclamado os manuscriptos do pae « fructo de dez annos de incessante labôr » reza o prefacio, cuja minuta o mesmo filho conserva. Grande parte, em borrão, das notas, apontamentos e copias, todos do maior interesse fôrão por esse cadete postos graciosamente á minha disposiçãõ e é ali que tenho colhido as informações que sobre diversos assumptos a V. hei podido ministrar ».

natural daquelle coronel João Popinio e que deixou quatro grossos volumes em lettra miuda de valioso livro sobre Matto-Grosso, obra inedita e, ainda mais, infelizmente extraviada ou retida em mãos pouco zelosas, quando a sua publicação fôra de tanta vantagem aos annaes patrios.

Dessa obra existem em muitos cadernos numerosos apontamentos, figurando entre elles um importante *Indice Chronologico*, que pude compulsar, graças á solicitude e bondade do meu amigo o Sr. general Mello Rego.

Eis o que extrahi desse indice em relação áquelles graves factos, lamentando não poder vêr desenvolvidos todos os interessantes pontos que nelle são indicados :

1831—1833

«A tropa de linha amotinada acclama o coronel Popinio commandante das armas. A mesma tropa exige a deposição de todos os empregados publicos adoptivos (1). O presidente (2) em conselho decide em favor da tropa. Organisação da guarda nacional. A guarnição de Albuquerque exige com motim a deposição do alferes Manoel Moreira da Silva, por ser adoptivo. O governo faz marchar tropa de linha para o Baixo-Paraguay. Estabelecimento no Salto Augusto (margem do Arinos).

(1) Brasileiros pelo § 4 do Artigo 6 da Constituição do Imperio.

(2) Antonio Corrêa da Costa era filho da provincia e tomára conta da administração em julho de 1831, ficando na presidencia até 26 de março de 1834. Dessa data em diante passou por tres vezes o governo ao vice-presidente, na terceira a João Popinio Caldas a 26 de maio de 1834, isto é, quatro dias antes da matança. João Popinio conservou-se na presidencia até 22 de setembro de 1834, quando a entregou ao terceiro presidente nomeado pelo governo geral Antonio Pedro de A'encastro, o qual deo toda a força á politica iniciada por João Popinio e continuou nas perseguições por este encetadas. Aencastro, a 31 de janeiro de 1836, chamou a occupar a cadeira da presidencia o então primeiro vice presidente, aquelle mesmo Antonio Corrêa da Costa, que nella só se conservou semanas, passando-a a Antonio José da Silva. Este após seis mezes de administração, a 25 de agosto de 1836, deo posse ao quarto presidente Dr. José Antonio Pimenta Bueno. Causou grande estranheza em todo o Matto Grosso o indifferentismo que esta autoridade mostrou por occasião do assassinato do coronel João Popinio. No relatório á Assembléa provincial nem sequer alludio a tão terrivel successo.

Os brasileiros adoptivos são reintegrados nos seus postos. A guarnição de Albuquerque, com as armas na mão, exige pagamento do seu soldo, etapa e fardamento vencidos ; resolve marchar para Coimbra para alli esperar a decisão. E' suffocada essa rebellião, e os cabeças punidos.

1833—1834

« O vice-presidente capitão-mór André Gaudie Ley assume a presidencia (1) em consequencia de molestia do vice-presidente. Eleição de deputados á Assembléa geral legislativa. O presidente Corrêa da Costa (2) novamente em exercicio. Abandono da povoação do salto Augusto. Chega a Cuyabá o Sr. bispo D. José (3). Desavença entra guardas nacionaes e municipaes. O vice-presidente José de Mello Vasconcellos assume a administração.

1834

« Assume a presidencia o coronel João Paupino (4) Caldas. Revolução de 30 de maio. Seus pormenores. Disturbios na villa de Diamantina. O governo restabelece a ordem. Movimento anarchico em Miranda.

(1) A 19 de abril. A familia Gaudie Ley, das mais distinctas de Matto Grosso, alli estabelecida desde os tempos coloniaes, vinda de Goyaz, descende de irlandezes. Este André, citado por Costa Siqueira como fiel caixa em varias commissões festivas de Cuyabá, foi perseguido por occasião do morticínio de 30 de maio como *caramurú* e teve que fugir para Goyaz. Era pai do Dr. Luiz Gaudie Ley e cunhado de João Popinio. Administrou a provincia até 4 de dezembro de 1833.

(2) De 6 de dezembro de 1833 até 24 de maio de 1834.

(3) Em novembro de 1833.

(4) Conservo o nome como está escripto no original, Paupino, chamando a attenção do leitor para a nota que a tal respeito já ficou posta. A assignatura de que elle usava era Poupino, conforme se vê no documento citado pelo chronista de Cuyabá, Costa Siqueira, e datado aos 13 de novembro de 1816, no qual os vereadores, e entre elles João Popinio Caldas, annunciavão ao marquez de Aguiar as solemnes exequias feitas por occasião do fallecimento da Senhora Rainha Mãe e pediao a Real approvação de D. João VI.

1834—1835

« Toma conta do governo o 3º vice-presidente Antonio Pedro de Alencastro (1). Prisão dos fautores dos crimes de 30 de maio. Suppressão dos guardas nacionaes ; os municipaes tomão conta do quartel. Eleição dos membros da Assembléa provincial. O presidente pede suspensão de garantias, e a Assembléa lh'a concede. »

Em rascunhos do trabalho do João Augusto Caldas se lê o seguinte : « O relatório de 1835 não refere a catastrophe de 30 de maio de 1834 ; manifesta, porém, o receio que houve, de que se renovassem os crimes então commettidos, receio que levou o governo da provincia a ordenar a deportação de cinco pessoas tumultuariamente presas como instigadoras de taes crimes. Eis o que disse o presidente Alencastro : « E'-me forçoso agora trazer-vos á lembrança (apesar de me ser sobremodo doloroso) que, depois do fatal 30 de maio, de que fostes testemunhas oculares, os cabeças de tão horrosos crimes tentárão pela segunda vez levar avante os seus negregados designios, tramando de mão occulta acabar com o nosso systema actual de governo, mas a ponto de pôrem em practica estas damnadas intenções, eis que se descobre a perfidia, são estigmatizados e presos pelos cautos e pacíficos cidadãos, que indignados instão e reclamão o seu destino para fóra da provincia, e sem duvida

(1) Chegou a Cuyabá precedido de muitas prevenções e a este respeito transcrevo o seguinte de um pamphleto infenso á sua administração: « Por este tempo se annuncia a chegada do novo presidente, o Sr. Antonio Pedro de Alencastro de nefanda memoria e tão *vasta erudição* que escreve capim com s. E se bem que cartas particulares remettidas de Goyaz annunciavão o máo exito da sua administração pelas exuberantes provas que já tinha dado em 1822 quando allí servio de secretario do governo, por haver-se declarado inimigo figadal, ainda que fraco, das instituições livres, que ião principiando o seo noviciado, comtudo julgava-se que tivesse mudado de sentimentos, porque a experiencia de longos annos e a sua estada na Côte a mendigar empregos, que podessem encobrir-lhe a nullidade, lhe terião servido de lição e dado mais algum juizo para poder conduzir-se com acerto e até porque algumas pessoas asseverão que elle informado do que havia succedido, pretendia fazer (como lá dizem) do ladrão fiel para depois dar outras providencias. Infelizmente assim não aconteceu, por que logo foi (por João Popinio) atado de pés e mãos, sem poder e sem saber jámais desvencilhar-se. »

que a um tal clamor e resolução não cabia outra cousa ao governo, que por pouco que afrouxasse as redes áquelles facciosos, a tranquillidade, a justiça e a sinceridade, tudo num momento desapareceria desta capital.»

Em nenhum documento impresso encontrei o nome daquelles presos e deportados, pretendidos fautores unicos e responsaveis de tantos crimes, cuja autoria devia, entretanto, caber a muitos outros. Ferreira Moutinho, á pagina 175 do seu livro, diz que «os omitta por conveniencia»; mas pude saber quaes erão : 1º, José Alves Ribeiro, conhecido por Juca Costa, pois a principio se assignára José Alves da Costa Ribeiro ; 2º, José Jacintho de Carvalho ; 3º, Braz Pereira Mendes; 4º, Bento Francisco de Camargo, e 5º o Dr. Paschoal Domingues de Miranda, nada menos juiz de direito da capital e suspenso pelo seguinte e singular officio, datado aos 31 de outubro de 1834 e assignado pelo presidente Antonio Pedro de Alencastro: « Constando ao presidente, que V. S. fôra hoje preso pelo povo á ordem deste governo e em nome da Regencia e tendo de deliberar em conselho sobre o seu destino, o suspendo do exercicio; o que communico a V.S. para sua intelligencia.»

Asseverão os inimigos de João Popinio Caldas, que essas prisões haviam sido feitas por méra instigação sua, tendo para isto exaltado o espirito do povo, certo como estava do absoluto dominio que exercia sobre a vontade do presidente. O primeiro, José da Costa, pretendião elles, accusára um primo de Popinio em conselho do governo de haver attrahido á sua casa tres adoptivos a pretexto de lhes dar guarida, assassinando-os afinal para rouba-los, depois de dois mezes de hospedagem, o que parece de todo o ponto absurdo. O segundo, José Jacintho de Carvalho, porque era promotor publico e convinha a todo o transe affastar do jury. O terceiro, por ter tomado das escoltas enviadas aos arredores de Cuyabá portarias de João Popinio, então vice-presidente, ordenando a matança dos adoptivos. O quarto, Bento Francisco de Camargo, por confirmar o que o terceiro asseverava e ter sido testemunha ocular da venda de animaes pertencentes a varios dos assassinados. O quinto, afinal, afim de não presidir o jury.

Accusados todos cinco de pertencerem á maçonaria, onde, segundo se assoalhava, fôra tramada, senão a matança dos portuguezes, pelo menos a sua expulsão para fóra da provincia, fôrão aquelles presos mettidos em pesados ferros e enviados ao Rio de Janeiro pela via fluvial do Paraguay, Taquary e S. Paulo.

Muito maltratados durante a viagem, ao chegarem a Porto Feliz, tiveram ordem de regressar a Cuyabá, para responderem ao jury, sendo nelle afinal todos absolvidos.

Derão-me tambem como preso Sebastião Rodrigues da Costa e particularmente sujeito á perseguição de João Popinio. De Porto-Feliz seguio aquelle Sebastião(1) para o Rio de Janeiro, d'onde voltou para Cuyabá, levando instantes recommendações do deputado Antonio Luiz Patriocio da Silva Manso, membro da maioria governamental e portanto em condições de poder efficazmente proteger os seus cumplices. Respondeo a jury e ficou tambem livre de culpa e pena.

Cahio a acção da justiça, embora sempre frôxa e parcial, com alguma severidade mais sobre a gente do povo, simples sequazes e broncos soldados, sendo não poucos destes condemnados a carrinho perpetuo nos presidios militares de Miranda e Coimbra e varios paisanos degradados para o districto do norte e enviados á cadeia da cidade de Matto Grosso que afinal arrombárão, matando o carcereiro e fugindo para Casalvasco e dahi para a Bolivia.

Eis, a este respeito, a interessante noticia que me communicou o Sr. general Mello Rego e transcrevo integralmente: « Entre os condemnados militares se achava um corneta chamado Pamplona, natural da Bahia, de onde com outros havia sido deportado para Matto-Grosso por se terem envolvido em um movimento sedicioso, denominado dos *periquitos*, pelo que tinham elles tambem esse alcunha. Erão seus companheiros e como elle forão igualmente condemnados a galés perpetuas, pela parte saliente que tomárão no morticínio, os soldados Geraldo de tal,

(1) Morreo annos depois no Rio de Janeiro, em casa do Dr. Gaudi Ley.

Antonio Ferreira da Silva, João Manoel, praça da companhia de artífices e outros, sendo mandados cumprir a ferros sentença no forte de Coimbra, onde ainda alguns vivião em 1864, quando os paraguayos atacarão esse forte. Acompanhando as nossas forças em sua retirada sob o commando do tenente-coronel, hoje general Porto-Carrero, forão, em Cuyabá, indultados pelo presidente Couto de Magalhães, em 1867.

« Ahi vi Pamplona em 1888 já octogenario, alquebrado, arrastando existencia miseravel, vivendo dos socorros prestados por pessoas caridosas, especialmente o bispo Sr. D. Carlos Amour, unico, talvez, que nutria sentimentos de real compaixão para com esse miseravel, filho proscripto da terra em que o virtuoso prelado fizera os seus estudos e tomára ordens sacras, que lhe abrirão o caminho para a alta dignidade ecclesiastica, que o levára a Matto Grosso.

« Dizia-se que Pamplona ainda conservava o bocal da corneta, com que tocára rebate para a carnificina e o mostrava com orgulho. E' morto, ha cousa de um anno. »

Entre os condemnados civis que mais se salientarão na matança, notavão-se um preto conhecido por Chicão e outro de nome Euzebio. O Dr. João Severiano, á pag. 123, tomo 2º da sua obra allude á fuga destes, chamando de *rusga* a *Saint Barthélemy* de 30 de maio, cuja data cita errada, 31, e diz que aquella evasão se effectuou á noite. Vejamos a rectificação que me enviou o coronel João de Oliveira Mello: « A sublevação dos presos deu-se em pleno dia pela manhã, no acto do carcereiro, um tal Ignacio de Mattos, abrir a porta da cadêa, sendo então prostrado morto por um tiro. Dos presos, só o assassino havia sido previamente armado. Os outros invadirão o quartel, por sua vez se munirão de armas, passando todos para a margem esquerda do Guaporé, donde atirarão sobre a escolta que tentava transpôr o rio para perseguir os fugitivos, o que não conseguiu. Essa evasão foi protegida por pessoas altamente collocadas de Cuyabá e que tinhão interesse no desapparecimento dos verdadeiros cumplices; o que tudo me foi contado pelo major João Manso Pereira. »

XIX

Estudadas as duas versões sobre o 30 de maio, parece que a verdade é esta :

Desde os primeiros tempos da Independencia, os portugueses, bastante numerosos em Matto Grosso e sobretudo concentrados na cidade de Cuyabá, se haviam tornado alvo de inveja e malquerença, já pela indisputavel preponderancia commercial, já por vexatoria influencia politica, confirmada e ampliada pela Constituição de 25 de março de 1824, que lhes déra a feição de brasileiros adoptivos com todas as regalias de cidadãos natos.

A prosperidade de alguns dentre elles, como o tenente coronel José Joaquim Ramos, José Teixeira de Carvalho, Francisco Manoel Vieira, Bernardino José Vieira, José Coelho Lopes, Manoel José Moreira, José Teixeira de Carvalho, major Joaquim Duarte Ribeiro e outros, particularmente excitava a cobiça e o rancor de não poucos filhos do paiz tambem negociantes, sendo o sentimento de odiosidade augmentado pela imprudencia e altanería dos adoptivos, habituados ao mando dos tempos coloniaes, duro e aspero, sobretudo nas capitánias mais distantes.

Desse fermento já houvéra manifestações bem claras naquelle anno de 1824, accentuando-se mais a 7 de dezembro de 1831.

Congregados os elementos, foi então que Patricio Manso, de origem bahiana e contando com as sympathias que grangeára, como medico militar, em um batalhão alcuñado dos *periquitos* (1) e chegado da Bahia, onde, aliás como em todas as provincias do Imperio, se agitava a mesma questão de rivalidade, foi então que elle resolveo, com outros companheiros tramar no seio da maçonaria uma conspiração com o fim, não sem duvida de matar e trucidar a sangue frio desarmados portugueses, porem

(1) Tinha tambem outra denominação, essa bem pornographica.

sim de prender os mais influentes e expulsal-os á viva força de Cuyabá, esperando que o terror completasse a obra e a generalisasse por todo o Matto Grosso.

Esse é que foi o plano, desvirtuado porem desde principio e excedido de modo fatal e ignominioso na vertigem da execução.

Parece positivo, que os exaltados, como elles proprios se chamavão, contavão positivamente com João Popinio Caldas, fôsse elle *maçon* ou não, e tinhão promessa formal da sua coadjuvação e apoio, pois era certa a vacancia da cadeira presidencial, já pelo estado de molestia do presidente Antonio Corrêa da Costa, já pela sua conhecida tibieza de character.

Quem sabe se todas as manobras de Patricio Manso não tendião só e unicamente a ganhar elle a cadeira de deputado geral, que com effeito logrou na eleição de 1834, promettendo ás influencias politicas todo o seu auxilio, por illimitado que fosse, junto ao governo central? Tudo é possível, todos os meios são bons ao ambicioso vulgar, que a todo o transe quer subir ás eminencias sociaes.

Começarão os disturbios quatro mezes antes de 30 de maio na villa do Alto-Paraguay Diamantino, sendo muitos adoptivos obrigados a se occultarem nas mattas e fugindo outros para Cuyabá, taes como os importantes negociantes José Ramos e Costa e Domingos José Pereira. João Popinio enviado propositalmente alli para aplacar os animos, pelo contrario mais accendeo a desordem. De volta a Cuyabá, collocou-se ostensivamente á frente da resistencia contra diversos actos da Regencia e especialmente contra aquelle que, segundo corria, nomeára procurador fiscal da thesouraria José Joaquim Vaz Guimarães, nomeação esperada com grande impaciencia e certeza pelos adoptivos, de encontro aos desejos e protestos dos cidadãos natos.

Subio de ponto a exasperação destes e a imprudente alegria daquelles, ao chegar a Cuyabá em fins de abril a confirmação da noticia, vacillando então o presidente Corrêa da Costa se devia ou não dar posse a quem fôra provido no cargo.

Com a habitual tergiversação, reuniu o conselho do governo, ao qual propôz a duvida que sentia; e ahí João Popinio tudo empenhou para arrastal-o á desobediencia, coadjuvado na calorosa discussão que se travou por José de Mello Vasconcellos, ambos a allegarem ter bastado a demissão daquelle Guimarães, para que, a 7 de dezembro de 1831, se aquietassem os animos. Vião agora questão de salvação publica, o que outros conselheiros energicamente contestavão, em primeiro lugar Gaudie Ley que, na vice-presidencia, propuzera aquella nomeação e era um dos chefes do partido *caramuru*.

Consultados os votos, houve empate, e afinal o presidente decidiu em favor do nomeado.

Imagine-se o furor dos *nativistas* e o desabrimento de João Popinio, que abertamente começou a prégar as medidas mais violentas. Excitando por todos os meios a *Sociedade dos Zelosos da Independencia do Brazil*, presidiu elle uma reunião de mais de 200 exaltados a 2 de maio, reunidos pará protestarem contra aquella nomeação e fez correr pela cidade o boato que os adoptivos contavão com os guardas municipaes contra a guarda nacional, cujos officiaes achavão na sua vivenda um centro de festas e violentas palestras politicas.

Com o intento de dissipar o alarma produzido e tentar conciliação cada vez mais difficil, reuniu o presidente Corrêa da Costa no largo do Palacio corpos municipaes e de guardas nacionaes e mandou lêr uma proclamação, em que a todos pedia e aconselhava ordem e paz. Dissolvida a parada, João Popinio chamou os guardas nacionaes á sua casa e ahí lhes *deo um refresco*, diz o documento que consulto, como aliás costumava fazer, passando com mais de cem pessoas essa noite inteira em divertimentos e ruidosa folgança.

A 22 de maio, traz o mesmo documento, e não a 26, como de outros consta, Corrêa da Costa convocou um conselho administrativo e, mostrando a necessidade que tinha de medicar-se em sua fazenda longe da cidade, fez entrega da admimistração a João Popinio Caldas, e de tudo se lavrou a competente acta.

Exultavão os conspiradores, cujos planos já trazião

em sobresalto não só os adoptivos como toda a população ordeira. Geral era a anciedade, e as familias vivião na oppressão de terriveis prezagios e irremediaveis desgraças.

XX

Chegou afinal o dia aprazado e correo relativamente calmo.

Antes, porém, das 11 horas da noite, duas columnas de soldados, commandadas pelo tenente Sebastião Rodrigues da Costa e o ajudante Eusebio Luiz de Brito, dirigirão-se ao quartel dos municipaes permanentes e, obtendo sem resistencia a chave do deposito de cartuxame, distribuirão-no aos muitos desordeiros que as tinhão vindo acompanhando, a pedirem em altos brados polvora e balas.

Ficarão tras peças de artilharia assestadas defronte do quartel.

Então no silencio já interrompido da noite pelo vozear cada vez mais crescente e estrepito de gente a pé e a cavallo, soou a terrivel primeira badalada das 12 horas.

Rompeo logo o clangor das cornetas e o rufar dos tambores dando signal de fogo, a que se juntou o angustioso som dos sinos a tocar rebate, e em todos os quarteirões da cidade começaram a matança e o saque! Sinistra hora, momento horrivel, em que, de repente e no fundo do seu palacio presidencial como que se illuminou a consciencia de João Popinio !..

No meio da medonha confusão que ia pelas ruas, correo elle fardado a varios pontos, onde o tiroteio se mostrava mais intenso, seguido de varias autoridades e clamando que não matassem. Encontrou o corneta mór Pamplona (1)

(1) Esse corneta-mór, muitos decennios depois em Coimbra, onde sempre esteve até á invasão paraguaya, deo a um official superior, que tivera quando cadete grande parte no morticínio de 1831, resposta bem pungente. N'um dos anniversarios vinha elle da caça com grilheta aos pés, trazendo um veado ás costas: «Então, disse-lhe o tal official que chegou á brilhante posição, você foi festejar o 30 de maio no matto?» «Se Vs., respondeo elle, não me visse tão desgraçado, sem duvida não havia de se lembrar desse dia, em que fez mais do que eu por merecer estes ferros!»

a dar voz de fogo e o prendeo; andou de um lado para outro, exclamando «meu Deus! meu Deus!» e afinal, como salvadora inspiração e recurso ultimo buscou a residencia do bispo D. José Antonio dos Reis a imploral-o que interviesse em pessoa naquella horrorosa conjunctura. E, de facto, logo sahio o venerando prelado, com um grande crucifixo na mão, rodeado de padres de tochas em punho, a impetrarem todos compaixão e misericordia para as desgraçadas victimas e a darem vivas á Lei, á Religião e ao Senhor D. Pedro II!...

Que scena dramatica! Que terriveis instantes!

Era tarde!... pois dentro em pouco se consummára a nefanda obra, ficando mortos, segundo uns, 400 portuguezes, senão mais, segundo outros de 200 a 300, em todo o caso acima de 100 (1), entre os quaes se contavão como mais illustres Joaquim Duarte Ribeiro, Bartholomeo Ramos e José de Azevedo, varado por uma espada de official!

Que tremendo alvorecer, o de 31 de maio!

Pavoroso era o aspecto da cidade, espalhadas por todas as ruas as mais tremendas provas da sanha dos assassinos e da ferocidade dos saqueadores.

Quantos cadaveres mutilados. quanto sangue, quanta casa sem mais janellas nem portas, com as paredes criadas de balas!

Quanta riqueza, quantos symbolos dô trabalho e da

(1) Cada um desses algarismos provém de varias fontes de consulta de pessoas bem informadas das cousas de Matto Grosso, cujos nomes eu poderia citar. Augusto Leverger, na summaria e esquivia noticia que, a respeito desses factos, trazem os seus *Apointamentos para o Diccionario Chorographico da provincia do Matto-Grosso*, impressos no tomo XLVII da *Revista do Instituto*, exagera para menos. « A 30 de maio de 1834, diz elle, um bando de anarchistas apoderou-se do quartel e exigio a deportação dos brasileiros nascidos em Portugal e desde logo começaram por matar alguns e saquear suas propriedades. Continuarão a exercer pressão sobre o governo até 4 de setembro em que fôrão presos alguns dos principaes, homiziarão-se outros e restabeleceu-se a ordem. » Em nota accrescenta elle: « Não chegava a 100 o numero dos oriundos de Portugal, que existião na provincia. Fôrão trinta e tantas as victimas. » Ao ministrar esta noticia, Augusto Leverger, identificado com o sentimento de todos os filhos de Matto Grosso, mostra a sua anciedade por se vêr livre de semelhante assumpto. Pelo que elle refere, porém, muitas inexactidões resaltão; e a maior de todas é o longo e continuo accôrdo entre João Popinio Caldas e os outros implicados naquelles successos.

economia atirados pelas calçadas, destroçados, picados a machado, a rolarem pelo pó e pelo lôdo, a excitarem a cobiça do povilhêo e de mulheres e crianças, que ás pressas e em ignobil faina e lucta buscavão reunir e apanhar mil objectos, e trastes e fazendas, com a mais nojenta rapacidade !

Na manhã seguinte, apresentava João Popinio feição diversa da habitual arrogancia e sobranceria, depois da terrivel noute passada em claro e a tomar conselhos de uns e de outros, que chamava junto a si. Estava abatido, desfigurado; parecia, comtudo, pactuar ainda com os criminosos, porquanto, entre as providencias que julgou dever dar, nomeou aquelle tenente Sebastião Rodrigues da Costa commandante da guarnição revoltada e Eusebio Luiz de Brito seu ajudante de ordens e consentio nas indignas luminarias, que na noute desse dia, 31, illuminarão com lugubres clarões a cidade de Cuyabá, ao passo que de todos os lados ecoavam os gritos de Viva o 30 de maio !

E nas passeiatas figurava uma bandeira (1) que depois foi levada a varias localidades, algumas distantes, toda vermelha e com a seguinte quadrinha em letras brancas :

« Embarca, bicudo, embarca,
Embarca, canalha vil,
Que os brasileiros não querem
Bicudos no seu Brazil! »

E' esta quadrinha mais uma prova, de que o pensamento primordial da conspiração não fôra de certo aquillo que depois tão funestamente se realisou.

Apezar porém da attitude da primeira autoridade da provincia, já não contavão mais, nesse mesmo dia, os culposos com a sua inteira cumplicidade, e disso ha indicios bem claros. Na noute de 31, o cadete (2) Antonio Rodrigues Paes, que se celebrisára na matança e que depois

(1) Esta interessante informação foi me dada pelo Sr. Dr. Aquilino do Amaral, com quem tive bem proveitosa conferencia.

(2) Em Matto Grosso, que conserva muitas tradições da fidalguia militar, é posição invejavel e titulo de alto apreço ser ou ter sido cadete.

O chronista de Villa-Bella, Felipe José Nogueira Coelho, conservou a data em que foi reconhecido em Matto-Grosso o primeiro cadete— 2 de outubro de 1776, governando Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.

continuou a praticar nos arredores do Cuyabá as mais abomináveis tropelias e crueldades, ousadamente lhe dirigio estas palavras: « Parece que V. Ex. quer outra vez atraiçoar-nos, como fez a 7 de dezembro de 1831 », ao que o outro respondeo com lamentavel fraqueza: « Juro pela minha commenda (1), que tal não farei. Nenhum mal hade succeder aos meus amigos. » E o cadete replicou ameaçador, em nome dos conspiradores: « Faça o contrario, e com uma bala lhe hade ser arrancada a commenda do peito. »

Assignada, pelo vice-presidente, appareceo, no dia 1 de junho, uma proclamação ao povo, declarando que a ordem e a tranquillidade publica se achavão por toda a parte restabelecidas e que os habitantes que tivessem adoptivos occultos em casa (o que para honra de Cuyabá se deo em larga escala) os mandassem embora, certos de que nenhum mal lhes succederia.

E começou então nas vivendas ardente busca feita pelo juiz de paz José de Mello Vasconcellos á frente de uma escolta de 16 praças commandadas pelo tenente Sebastião Rodrigues da Costa, sendo até varejado o palacio episcopal, que D. José Antonio dos Reis franqueou para mostrar, que lá não se abrigára o cirurgião Antonio Teixeira de Abreu. Deploravel desfallecimento do illustre prelado!

Nessa devassa é que foi prostrado por uma bala o brasileiro nato Manoel Pinheiro de Almeida, tenente de ligeiros, a que se referia o trecho da carta que citámos e denunciado á escolta por um tal Manoel Corrêa do Couto, que o vira fugir por um quintal afóra.

Deo esta morte lugar, a que a Camara municipal, a instancias de João Fleury de Camargo, publicasse tambem uma proclamação, pedindo que pelo menos se poupassem os brasileiros natos e assegurando, que os adoptivos havião evacuado o paiz; e tal terror espalhou ella que á noute muitos *caramirús* abandonarão a capital e fugirão para os lados de Goyaz, refugiando-se nos sitios e

(1) Por este breve dialogo, parece que João Popinio trazia na farda de coronel da Guarda Nacional alguma venera, sem duvida a da Rosa.

fazendólas dos cidadãos mais caridosos e humanitarios. Assim fizeram André Guadie Ley e outras pessoas influentes, acolhidos por Joaquim da Silva Prado, morador a 30 legoas de Cuyabá na entrada do sertão e que nessa occasião deo os mais bellos exemplos de coragem e amor ao proximo, sem olhar a quem soccoria.

Seja por tão nobre proceder honrada a sua memoria !

Chegou a occultar portuguezes por baixo de enorme tnlha de feijão descascado, subtrahindo-os assim á ferocidade de desalmados sicarios.

Innumeros forão episodios semelhantes a estes, assignalados todos com o mais accentuado cunho de cruenta tragedia ; tenho porém pressa de acabar com esse sanguento episodio, a cujo estudo fui arrastado com repugnancia e para assim dizer máo grado meu, impulsionado pelo desejo de conhecer e esmerilhar a verdade, por mais dolorosa que fosse e de assentar para outrem base de mais profuuda investigação.

XXI

Apezar do estado de visivel vacillação em que ficára desde 31 de maio o vice-presidente, deixou elle que, no dia 2 de junho sahisses de Cuyabá varias escoltas a perseguirem os adoptivos com o protexito de que se estavam reunindo e buscavão fazer levante de escravos. Uma dellas de 30 homens ia sob as ordens de um tal Itunamas, que levava, segundo asseverão os inimigos de João Popinio, dinheiro do bolsinho deste e, o que mais terrivel é, uma portaria em que ordenava aos juizes de paz e mais autoridades prestassem todo o auxilio e completa obediencia áquelle commandante.

Nessas diligencias, rio a montante, rio abaixo e serra acima, forão barbaramente trucidados, entre muitos, o capitão de 1ª linha João Cardoso de Carvalho, o negociante Domingos José Pereira, denunciado por um seu escravo que foi mostrar o lugar em que o pobre se occultára, Antonio José Soares, com mais de 70 annos e velho sogro

de um tal Coelho Pereira, dizem que a pedido daquelle seu genro e o sexagenario sargento mór Serra que procurára refugio no engenho do proprio presidente Antonio Corrêa da Costa, verdade é que dalli ausente. « Não me matem, bradou o misero aos assassinos; leiam este papel! » E apresentou conjuntamente com um crucifixo um salvo-conducto que lhe fôra enviado de Cuyabá. A resposta foi uma descarga que o prostrou morto, fixando-lhe no peito certa bala a mão o crucifixo e o papel que supuzera salvador.

E assim foram passando os dias; toda a população no maior alarma, muitos portuguezes e *caramurus* ou occultos ou a fugirem para o norte e para Goyaz, e os culpados a se olharem com desconfiança e medo, ora ostensivamente desavindos, ora procurando uma reconciliação impossivel, cada qual tentando atirar sobre os cúmplices a responsabilidade inteira dos crimes commettidos.

O ponto em discussão, o motivo de todas as recriminações e embates era um unico: ambos os grupos pretendiam ter unicamente desejado e combinado a expulsão dos adoptivos e estrangeiros e nunca o cruel e vergonhoso extermínio que se déra.

Accusavam sobretudo João Popinio como primeira autoridade, de não ter propositalmente contido a tropa de posse do armamento e naturalmente prompta para toda a sorte de violencias, ao passo que este citava nomes de muita gente bôa que havia iniciado o saque para se locupletar e violentamente em todos os circulos os estigmatizava.

Chegando porém, de muitas partes noticias aterradoras de novos assassinatos e roubos, principalmente na villa do Alto Paraguay Diamantino, tentaram os dous lados um accôrdo, e, na noute de 30 de agosto, o vice-presidente foi ter á casa de José Alves Ribeiro, já então seu inimigo, para assentar em medidas que impedissem a reproducção daquellas terriveis scenas em Cuyabá.

E, na verdade, algumas providencias acertadas se tomaram, sendo os soldados tidos por mais turbulentos e capazes de novos attentados remettidos para fóra da cidade.

Parece, porém, que da reunião de 30 de agosto sahira João Popinio mais acirradô contra os antigos

companheiros ; o que fez com que Manoel Alves Ribeiro partisse a toda a pressa de Cuyabá com destino ao Rio de Janeiro, a se entender com Patricio Manso, cuja demora na cidade de Goyaz era para os compromettidos, senão inexplicavel, pelo menos sobremaneira impacientante.

Começaram então as prisões por ordem do vice-presidente, e as cadêas ficaram atulhadas de gente de classe inferior, fugindo por essa occasião não poucos de categoria melhor, que se suppunhão no caso de tambem merecer castigo.

Parece que ali visava João Popinio mais aos saqueadores da noute de 30 de maio, do que aos assassinos, pois no tumulto popular de 3 de setembro, visivelmente excitado por elle, o grito que a cada instante se ouvia era : « Viva a Lei ; morrão os ladrões ! »

Pedião os tumultuarios nada menos que incouitente se fuzilassem os presos, sendo até assestada contra a cadêa uma peça de artilharia ; mas não foi levado por diante o cruel intento e o ajuntamento se dissolveo, conservando-se a cidade de Cuyabá no mais terrivel alvoroço dias inteiros, em que se cruzavam mil boatos e se esperava a repetição das scenas de sangue.

Foi quando chegou, a 22 de setembro de 1834 o presidente nomeado Antonio Pedro de Alencastro, espirito fraco e sujeito á influencia de quem sobre elle mais actuasse ; e mui naturalmente logo se subordinou á acção geitosa e seductora de João Popinio, cujas qualidades maneirasas erão, como já dissemos, bem notaveis e de todo o Cuyabá conhecidas.

D'abi medidas que deram a bitola do que se ia fazer, a prisão dos cinco chefes da facção contraria attribuida á indignação popular e outros factos, em que se mostrava o impulso, ora vingativo, ora justiceiro do vice-presidente, considerado valido do presidente. Força, porem, é confessar ; se muitos desses actos eram arbitrarios e dispensavam na lei, não se reproduzio mais nenhum assassinio nem roubo ; e por isso devemos concordar que a acção de João Popinio foi nesse caso benefica e salvadora até 31 de janeiro de 1836, em que governou Alencastro.

No Rio de Janeiro, porém, Patricio Manso e Manoel

Alves Ribeiro faziam os maiores esforços para obterem do governo central o poder e soffriam todos as anxiedades da vacillação em que se achavam os ministros e a Regencia, a luctarem com graves difficuldades pela manutenção da ordem publica em quasi todas as provincias do Imperio.

Afinal, depois de innumeradas solicitações e duvidas e vendo Sebastião Rodrigues da Costa de chegada ao Rio de Janeiro preso na fortaleza da Barra em Santos, onde ficou dous annos, tiveram, afinal satisfação dos seus instantes pedidos, voltando Manoel Alves Ribeiro com a noticia da demissão do presidente a Cuyabá, onde os seus amigos lhe fizeram entrada positivamente triumphal.

Não foi, entretanto, senão em agosto de 1836, que chegou novo presidente, nada menos o Dr. José Antonio Pimenta Bueno, depois tão illustre como marquez de S. Vicente.

Ahi é que se mette um episodio narrado diversamente por varias pessoas d'aquella época.

Contam-nos — e assim deve parecer a quem conheceo o character nobre, moderado e conciliador daquelle estadista brasileiro — contam-nos, que logo de chegada, o Dr. Pimenta Bueno mandara chamar a palacio o coronel João Popinio. Abrindo este rapidamente um reposteiro, acharam-se os dous de repente um defronte do outro: « V. S. me conhece? » perguntou o presidente. « Conheço. » « Está resolvido a obedecer á primeira autoridade da provincia, ou a rebellar-se? » « Cumprirei todas as ordens da legalidade. » « Pois então dou-lhe só 24 horas para sahir desta cidade e retirar-se para Goyaz e dahi ao Rio de Janeiro. E' questão de ordem publica. » « Obedecerei já e já » asseverou o outro e retirou-se a desempenhar a palavra dada.

Referem outros, que a iniciativa da ida a palacio fôra de João Popinio a pedir garantias para sua vida, respondendo-lhe, o que se nos afigura de todo o ponto impossivel, o presidente, que era tarde e taes garantias não lhe podião ser mais dadas. O outro resolvêra sahir de Cuyabá, o que não fez á noute por causa da sua valentia e altivez. No dia seguinte era morto.

D'ahi por diante se firmou a influencia de Manoel Alves Ribeiro(1)depois nomeado 1º vice-presidente,e a tal respeito é curioso ler o que em 1848 escreveu o presidente Dr. Joaquim José de Oliveira ao governo geral :

« O partido anarchisador que aqui, como na maior parte das provincias do Brazil, se formou na época da Independencia, que teve grande incremento em 1831 e, no anno de 1834, abysmou esta bella provincia nos horrores da mais feroz anarchia, continuou a existir com differentes nomes politicos, mas guerreando sempre desabridamente a todas as administrações regulares.

« Os sectarios desta facção, que ha muito tempo tem por chefe o famoso Manoel Alves Ribeiro e que foram sobremaneira protegidos pelas administrações anteriores á minha, achando-se entre elles a do mesmo Manoel Alves Ribeiro, na qualidades de 1º vice-presidente, ostentaram á minha chegada tanto poderio, tanta audacia, que a provincia não podia ser mais do que uma conquista de que elles dispunham.

« Os funcionarios publicos, desde o vice-presidente até os continuos das repartições, desde os deputados até os votantes qualificados pertencem á mesma grey.

« Os dinheiros dos cofres publicos, os bens das fazendas nacionaes, os direitos dos pacificos habitantes, tudo estava á mercê dos conquistadores. »

Adiante :

« Conhecendo Manoel Alves Ribeiro o proposito em que eu me achava de seguir uma politica de reparação e de justiça, partio para o Rio de Janeiro de onde logo escreveo, assegurando a minha demissão antes das eleições, o que de facto se verificou, etc. »

XXII

No meio de todas as desgraças de 1834, que papel representou a cidade de Matto-Grosso, em que deviam

(1) Falleceo afinal de febre amarella no Rio de Janeiro por occasião da epidemia de 1850.

persistir bem vivazes, mais do que em qualquer outro ponto, as recordações do tempo colonial com todos os seus arbitrios e prepotencias?

Grato me é salientar a posição que assumio, nobre, humanitaria e credora do applauso da historia.

Sem vacillação repellio qualquer participação no conluio que lhe fôra proposto por agentes enviados de Cuyabá e desde logo fez constar que portuguezes e adoptivos lá encontrariam amparo e abrigo, garantidos por todos os meios, até pelas armas.

« A este tempo, diz o documento que tenho em mão e que é todo em odio a João Popinio, emquanto pelos districtos de Cuyabá á risca se cumpriam as ordens do vice-presidente, as autoridades de Matto-Grosso se decidiram a fazer-lhe a mais forte opposição, para que o mal não contaminasse aquella habitação, e de facto assim aconteceu, e muitos adoptivos alli se foram apoiar. »

E para tornar effectiva a resistencia, caso della houvesse necessidade, o commandante das armas, Joaquim José de Almeida, que fizera, acompanhado de alguns officiaes, uma viagem *intempestiva*, declara a chronica (1), ao districto do norte, apenas chegado á cidade de Matto-Grosso e vendo as bellas diposições que dominavam todos os espiritos, despachou um tenente á Villa Maria, afim de tirar do deposito geral 30 arrobas de polvora, o que não conseguiu, por exigir o almoxarife ordem expressa da primeira autoridade da provincia.

Mezes, depois, os portuguezes e adoptivos, que se haviam acolhido á generosa protecção de Villa-Bella, de

(1) « E' de notar-se, diz a fonte documentaria a que me reporto, que o commandante das armas, estando ainda em distancia que bem podia voltar (Villa Maria) para coadjuvar o restabelecimento da ordem não o quizesse fazer, para ir pôr-se em um ponto, onde não se fazia precisa a sua assistencia. O conselho, resolvendo a sua suspensão, que lhe foi intimada, encarregou interinamente do commando das armas o tenente-coronel dos Nacionaes. Aquelle ex-commandante se vio na necessidade de participar ao Governo central, por intermedio do ministerio da guerra em officio de 6 de agosto de 1834, que nenhuma duvida tinha em dizer, que o vice-presidente era o chefe principal das occurrencias de 30 de maio. »

lá sahiram á formiga e se dispersaram pelas provincias lateraes, vindo não poucos estabelecer-se definitivamente em S. Paulo e no Rio de Janeiro.

Com toda a isenção de animo, só propria de quem estuda os factos sem possibilidade de prevenções nem de odios, contei os horrores que se derão em Matto-Grosso nessa terrivel época, de todo o ponto alheio á influencia das tradições e buscando no desenrolar dos acontecimentos e nas suas mais extraordinarias e inopinadas direcções comprehender e apanhar o movel que os produzió e o character e a indole dos que nelles figuraram.

Se, de um lado, pesa ainda gravosa responsabilidade de tão inutil e cruel matança sobre aquella grande região brazileira, de outro, a honra o profundo sentimento de vexame e angustia que ainda hoje dolorosamente a punge, ao ter que recordar-se da sinistra hecatombe, sentimento a que por vezes já me referi, mas que de novo e com insistencia assignalo como lutuosa homenagem a tristes victimas, que pagárão com a vida e com os haveres duro tributo á explosão das mais injustificaveis e violentas paixões.

E', porém, mais que tempo de voltarmos ao Matto-Grosso colonial.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

ERRATA

	EMENDAS
<i>Pag. 9, linha 5</i> fazendo surgir glorias pas- sadas	fazendo resurgir glorias pas- sadas
<i>Pag. 15, (nota) linha 2</i> desmaiando a peso.	desmaiando ao peso
<i>Pag. 48, linha 1</i> Embarcados todos e arriada	Embarcados todos, depois de arreada
<i>Pag. 78, linha 7</i> vai referir-se	vai reportar-se
<i>Pag. 80, linha 36</i> della tomou posse	della teve posse







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).